

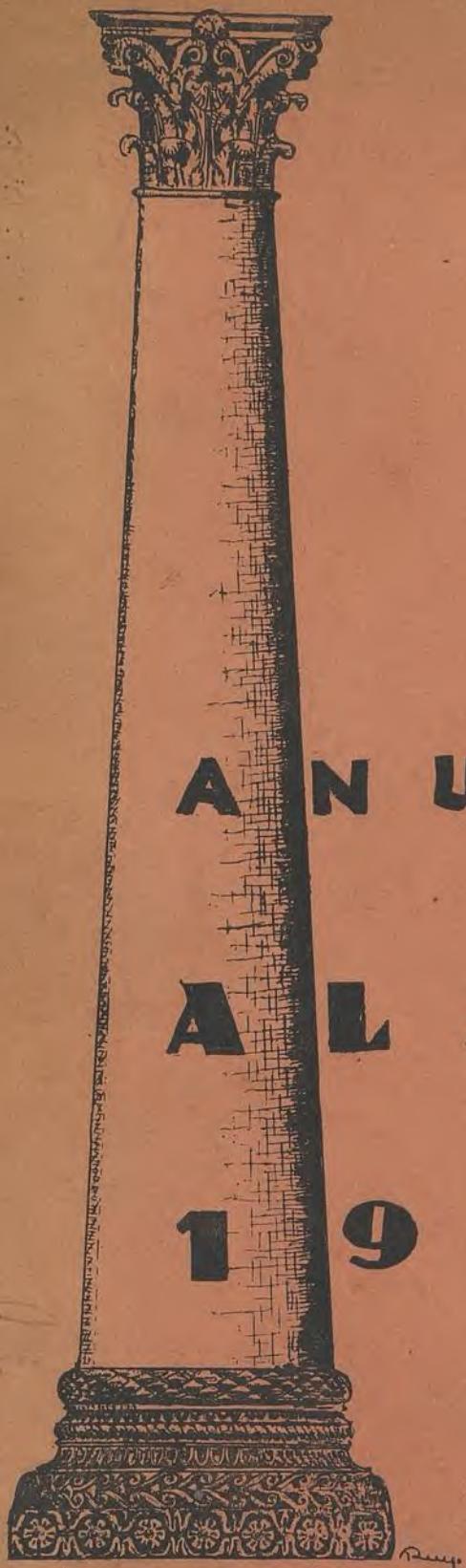
ACADEMIA DE LETRAS

E ARTES DE NOVA IGUAÇU



cultura pelas letras
e pelas artes

A N U Á R I O
A L A N I
1 9 7 7



Luis' new comrade
new respects
or
Psd. Sandoval
Psd. Davis

5-1-78

ANUÁRIO DA



ACADEMIA DE LETRAS E ARTES DE NOVA IGUAÇU - ALANI

CULTURA PELAS LETRAS E PELAS ARTES

Anuário da ALANI

Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu

Coordenação e Elaboração:

Murillo de Souza Araújo
Raimundo Linhares de Araújo e Ruy Afrânia Peixoto

Rio de Janeiro — 1977

1977

OS PRENÚNCIOS

A primeira notícia pública sobre a formação da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu foi dada com a entrevista que fez o jornal *Hoje*, na sua edição de 18 de janeiro de 1975, com Ruy Afrânio Peixoto.

Nesta entrevista que teve o título "Academia de Letra e Artes de Nova Iguaçu", Ruy Afrânio Peixoto disse ter sido sua primeira preocupação concitar, através de convocação-circular, os intelectuais amigos das Artes e Letras, incluindo naturalmente, todos os árcades, à fundação de uma Academia em Nova Iguaçu.

A todos os membros da antiga Arcádia Iguaçana de Letras foi especialmente dirigido um convite circular nos seguintes termos:

"Da Comissão Organizadora da ALANI

Ao Sr. Árcade.....

Sabendo V.S. um dos felizes membros da mais expressiva representação cultural do município (AIL), a Comissão organizadora da futura Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu sentir-se-á profundamente honrada e previamente agradecida com a sua presença em reunião de estudos iniciais, a realizar-se no dia 2 de fevereiro de 1975, às 10 horas, na sede do Instituto de Educação Afrânio Peixoto.

A Comissão espera, outrossim, usufruir as luzes de sua experiência, no campo das sugestões objetivas e da clarividência de sua sabedoria, no sentido de colimar o seu objetivo e abrir, destarte, perspectivas para o florescimento de outros organismos congêneres que possam trabalhar, conjuntamente, pela evolução cultural de nossa terra.

Firmo de V.S. devotado admirador

Ruy Afrânio Peixoto
Pela Comissão organizadora"

SURGE UMA ACADEMIA...

Atentando para a importância representativa do município de Nova Iguaçu, no âmbito da Federação, e sentido de perto o manifesto desinteresse do iguaçuano pelas magníficas nuances intelectivas dos desparecidos vultos locais, que tanto ressaltaram o valor da terra, foi se frutificando, pouco a pouco, o sonho da fundação de uma Academia que pudesse, pela sua legitimidade, exaltar aqueles vultos e exercer a função de sala de visitas da comunidade.

Floresce precisamente, daí o surgimento da ALANI, encarada com indiferença por uns tantos e soturnamente combatida por alguns retrógrados que procuram anular-lhe a evidência, certamente desejosos da prevalença de um estado anulativo dos atributos intelectuais do povo que, suficientemente orientado, poderá apaixonar-se pela possibilidade de conquistar as sonhadas condições de pensar sozinho e desmanchar, destarte, o prevalente esquema que faz do homem destas paragens uma pérpetua vítima dos regentes espirituais, inteiramente despreparados para as altas finalidades das bem sucedidas lideranças.

Em verdade, por estas mesmas razões, a Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu pouco tem podido fazer para alcançar a feliz consecução de seu louvável objetivo, já que por um lado enfrenta as naturais oponências e por outro, tropeça constantemente em obstáculos de natureza diversa.

É forçoso dizer, no entanto, que a Academia arrastou-se por um ano, de reunião em reunião, para alcançar a própria instalação, sem encontrar em tempo algum, apesar de reiteradas solicitações, a mínima colaboração de qualquer elemento intelectivamente representativo da terra. E ela que leva o propósito de congregar o que de melhor possa existir no campo da evolução espiritual, não conhece o sabor das grandes conquistas, mas recolheu uma larga colheita de desencantos.

Ainda assim, a despeito de tudo, a Academia existe e segue marchando rumo ao seu objetivo, que consiste em erguer um monumento bem alto que leve o iguaçuano a desejar e entender o mundo maravilhoso das Ciências, das Letras e das Artes.

Na reunião que se deu no dia 2-2-75, Ruy Afrânia Peixoto após ter explicado o motivo desta sugeriu ser aclamado presidente da mesma o poeta Murillo de Souza Araújo e secretário o Prof. Jayme de Orlando Canaan, no que foram por unanimidade.

Estava constituída a primeira reunião preparatória para a fundação da futura Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu.

Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu — ALANI

EXTRATO DOS ESTATUTOS

A Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu — ALANI, com sede na Cidade de Nova Iguaçu, à Rua Afrânio Peixoto, número 99, sem fins lucrativos e com a finalidade precípua de promover o cultivo das letras e das artes, regerá as suas atividades pelos presentes estatutos e funcionará de conformidade com o seu regimento interno.

Compor-se-á de quarenta membros efetivos e de igual número de membros correspondentes, constituindo-se desde já com os signatários de sua ata de fundação.

A direção da Academia ficará afeta a um Presidente, um Vice-Presidente, um Secretário Geral, um Primeiro Secretário, um Segundo Secretário, um Primeiro Tesoureiro, um Segundo Tesoureiro e um Bibliotecário Arquivista e terá uma Comissão Fiscal composta de três membros.

Só poderão ser membros da Academia os brasileiros natos ou naturalizados que hajam em qualquer dos gêneros literários, artístico ou científico, publicado trabalhos de reconhecido mérito.

A divisa da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu será a seguinte: CULTURA PELAS LETRAS E PELAS ARTES.

No caso de extinção da Academia, liquidado o seu débito, reverte-rá o seu saldo em favor de algum estabelecimento público ou a qualquer outra associação nacional de fins idênticos ou análogos aos seus.

Para a reforma dos seus estatutos, extinção da Academia e aplicação do patrimônio acadêmico exigir-se-á o voto expresso da maioria absoluta.

Nova Iguaçu, 23 de fevereiro de 1975. (aa) Murillo de Souza Araujo — Presidente — Ruy Afrânio Peixoto — Secretário Geral — Antônio Bellot de Souza — Primeiro Secretário.

(Guia n.º 21246 — Cr\$ 171,00) (06287)

Registrado sob o n.º 17795 no Cartório do 3.º Ofício — Registro de Títulos e Documentos da Comarca de Nova Iguaçu — Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, de 26-08-75 — página 11.

A FUNDAÇÃO

RESUMO DAS ATAS OBJETO DE LAVRATURA NO LIVRO PRÓPRIO DA ACADEMIA DE LETRAS E ARTES DE NOVA IGUAÇU

ATA de 02-02-1975, da PRIMEIRA REUNIÃO PREPARATÓRIA

LOCAL: Instituto de Educação Afrânio Peixoto

Rua Afrânio Peixoto, n.º 99, Nova Iguaçu

ORDEM DO DIA: Fundação da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu — ALANI —

PESSOAS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Antônio Bellot de Souza, Jayme de Orlando Canaan, Procópio Ferreira, Jakson Miguel da Trindade, Ruy Afrânio Peixoto, Raimundo Nonato, André Vitor Monet Junior, Horácio de Almeida, Latour Arueira, Waldick Pereira, Milton Olivetti Pereira, Edimir de Paula Loureiro, Ademar Moscoso, Warrisson Cunegundes, Eurysthenes de Almeida Pires, Eumenes de Almeida Pires, Edla Simões Campos, Maria da Conceição Pires de Mello, Maria de Lourdes Barros e Wandek Pereira.

Por proposição do professor Ruy Afrânio Peixoto foram aclamados Presidente e Secretário da reunião o poeta Murillo de Souza Araujo e o professor Jayme de Orlando Canaan, respectivamente, até porque o objetivo da reunião se prendia aos trabalhos preparatórios da fundação da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu.

Agora, presidindo os trabalhos o poeta Murillo de Souza Araujo, o mesmo enfatizou a Ordem do Dia e passou à composição da mesa diretora com as seguintes personalidades: Horácio de Almeida, presidente do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes; Raimundo Nonato, membro da Academia Norte Riograndense de Letras; Procópio Ferreira, Artista e Teatrólogo; e Antônio Bellot de Souza, membro da Academia de Letras e Artes de Paracambi.

Franqueada a palavra, fizeram-se ouvir os seguintes oradores: Antônio Bellot de Souza, Horácio de Almeida, Raimundo Nonato, Jakson Miguel da Trindade, Milton Nunes Loureiro e Jayme de Orlando Canaan, os quais louvaram a iniciativa, por benfazeja e oportuna, ainda mais tratando-se, como se trata de outro fanal de Cultura no concerto da Federação.

A seguir, tratou-se da escolha de uma Comissão Cultural para executar os trabalhos imediatos, tais como: a) redação do anteprojeto dos Estatutos; b) organização do Quadro de Patronos; c) escolha dos Membros Fundadores da Entidade; e d) redação do Regimento Interno; sendo certo que essa Comissão ficou assim constituída: Milton Olivetti Pereira, Antônio Bellot de Souza, Ruy Afrânio Peixoto, Murillo de Souza Araujo e Wandeck Pereira. Em suma, foi eleita a Diretoria Provisória para dirigir os trabalhos até à instalação da Academia, ficando a mesma composta dos seguintes membros: Murillo de Souza Araujo, Presidente; Ruy Afrânio Peixoto, Secretário Geral; Jayme de Orlando Canaan, 1.º Secretário; Antônio Bellot de Souza, 2.º Secretário; e Milton Olivetti Pereira, Tesoureiro. Entremesmo, o professor Ruy Afrânio Peixoto justificou as ausências dos Senhores Humberto Baroni e Newton Gonçalves de Barros a presente reunião, ao passo que o Senhor Presidente designou o dia 23 do corrente mês, às 10 horas, no mesmo local, para a próxima reunião.

ATA de 23-02-1975, da SEGUNDA REUNIÃO PREPARATÓRIA

LOCAL: O mesmo

ORDEM DO DIA: Apresentação, discussão e aprovação do Quadro de Patronos e do Anteprojeto de Estatutos da ALANI.

PESSOAS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Ruy Afrânio Peixoto, Jayme de Orlando Canaan, Antônio Bellot de Souza e Milton Olivetti, membros da Diretoria Provisória e os membros da Comissão Cultural, exceto Wandeck Pereira; estando presentes, ainda, José Carlos Peixoto, Presidente da Academia Nilopolitana de Letras e Artes; Carlos Luiz Azevedo Alemand, radialista e locutor da Rádio Rio de Janeiro; Martinho José Tavares, advogado e intelectual; e Andrade Belo, membro do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes e da Academia Carioca de Letras

Ao ensejo, o Senhor Presidente, Murillo de Souza Araujo, disse que a Ordem do Dia se desdobra em duas partes: primeira, a leitura discussão e aprovação do Quadro de Patronos da ALANI, o que ocorreu, ficando aquele assim constituído: Cadeira n.º 1 — Afonso Arinos de Melo Franco; Cadeira n.º 2 — Afonso Celso; Cadeira n.º 3 — Afrânio Peixoto; Cadeira n.º 4 — Alberto de Oliveira; Cadeira n.º 5 — Augusto dos Anjos; Cadeira n.º 6 — Augusto de Lima; Cadeira n.º 7 — Álvaro de Azevedo; Cadeira n.º 8 — Bernardino Lopes; Cadeira n.º 9 — Barros Junior; Cadeira n.º 10 — Casemiro de Abreu; Cadeira n.º 11 — Castro Alves; Cadeira n.º 12 — Clóvis Beviláqua; Cadeira n.º 13 — Coelho Neto; Cadeira n.º 14 — Cruz e Souza; Cadeira n.º 15 — D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho; Cadeira n.º 16 — Emílio de Menezes; Cadeira n.º 17 — Euclides da Cunha; Cadeira n.º 18 — Fagundes Varela; Cadeira n.º 19 — Gonçalves Dias; Cadeira n.º 20 — José de Alencar; Cadeira n.º 21 — José Maurício; Cadeira n.º 22 — José do Patrocínio; Cadeira n.º 23 — José Veríssimo; Cadeira n.º 24 — João Caetano; Cadeira n.º 25 — João Ribeiro; Cadeira n.º 26 — Júlio Ribeiro; Cadeira n.º 27 — Joaquim Nabuco; Cadeira n.º 28 — Joaquim Manoel de Macedo; Cadeira n.º 29 — Machado de Assis; Cadeira n.º 30 — Paulo Setubal; Cadeira n.º 31 — Olavo Bilac; Cadeira n.º 32 — Oswaldo Cruz; Cadeira n.º 33 — Juliano Moreira; Cadeira n.º 34 — Raimundo Correia; Cadeira n.º 35 — Rui Barbosa; Cadeira n.º 36 — Raul de Leone; Cadeira n.º 37 — Ronald de Carvalho; Cadeira n.º 38 — Sívio Romero; Cadeira n.º 39 — Tobias Barreto; Cadeira n.º 40 — Vicente de Carvalho. Prosseguindo, disse o Senhor Presidente que a segunda parte da Ordem do Dia consistia na leitura, discussão e aprovação dos Estatutos da Entidade, o que também ocorreu, sendo aqueles transcritos integralmente na ATA e oferecendo os seguintes tópicos principais: Número de artigos treze (13); Denominação da Entidade — Academia de Letras e Artes de Nova Igu-

çu (ALANI); Sede provisória — Rua Afrânia Peixoto, n.º 99, nesta Cidade; Número de membros efetivos e respectivos patronos — quarenta (40), dos quais pelo menos vinte por cento (20%) hão de ter residência fixada neste Município; Número de membros correspondentes vinte (20); Constituição, desde já, da Academia com os signatários dos presentes Estatutos; Complementação do n.º de seus membros mediante eleição por escrutínio secreto e do mesmo modo devendo ser preenchidas as vagas que forem ocorrendo no seu quadro efetivo ou de correspondente; Administração da Academia, inicialmente, pelos signatários dos presentes Estatutos, mas tão logo instalada, ficará afeta a um (1) Presidente, um (1) Vice-Presidente, um (1) Secretário Geral, um (1) Primeiro Secretário, um (1) Primeiro Tesoureiro, um (1) Segundo Tesoureiro e um (1) Bibliotecário Arquivista; O Presidente dirigirá os trabalhos da Academia e a representará em Juizo e nas suas relações com terceiros; Só poderão ser membros da Academia brasileiros natos ou naturalizados, que hajam em qualquer dos gêneros literários ou artísticos publicado trabalhos de reconhecido mérito, ou, fora desses gêneros, publicado livros e trabalhos julgados de valor literário, científico ou artístico pela Comissão Cultural que, simultaneamente, pelo disposto no Regimento Interno, funcionará como organismo fiscalizador; As mesmas condições, exceto as de nacionalidade, serão exigidas para os membros correspondentes; A Academia terá uma Comissão Fiscal, composta de três (3) membros, eleitos anualmente, além das demais Comissões que forem criadas pelo Regimento Interno; A Academia funcionará com um oitavo (1/8) dos membros previstos nos Estatutos e deliberará com o mesmo número; Para as eleições exige-se, em primeira convocação, a maioria absoluta de seus membros efetivos, e, em segunda convocação procederá nos moldes do presente artigo, isto é, com um oitavo (1/8) dos membros; No caso de extinção da Academia, liquidado o seu débito, reverterá o saldo existente em favor da Municipalidade, se anteriormente não se resolver seja transferido a algum estabelecimento público ou a qualquer outra associação nacional de fins idênticos ou análogos aos seus; A divisa da Academia será: "CULTURA PELAS LETRAS E PELAS ARTES"; Para reforma dos presentes Estatutos e aplicação do Patrimônio Acadêmico, exigir-se-á o voto expresso da maioria absoluta. Subscreveram os Estatutos os seguintes senhores da Diretoria Provisória: Murillo de Souza Araujo, Presidente; Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral; Jayme de Orlando Canaan, Primeiro Secretário; Antônio Bellot de Souza, Segundo Secretário e Milton Clivetti, Primeiro Tesoureiro. Afinal, o Senhor Presidente marcou a próxima reunião para o dia 6 de Março de 1975.

ATA de 06-03-1975, da TERCEIRA REUNIÃO PREPARATÓRIA
LOCAL: O mesmo

Ordem do Dia: Assuntos Gerais.

ACADÉMICOS E PESSOAS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, Antônio Bellot de Souza, Segundo Secretário, membros da Diretoria Provisória, e mais os intelectuais Martinho José Tavares e José Carlos Peixoto.

FOI aprovada a ATA da reunião anterior.

O EXPEDIENTE constou de um artigo da lavra do Acadêmico Antônio Bellot de Souza intitulado "A ACADEMIA DE LETRAS — SINOPSE DO BEM E DO BELO", publicado no Jornal de Hoje; — de outro artigo de autoria do jornalista e radialista Carlos Luiz Allemand, difundido no programa "A Voz do Luzeiro Espiritual da Rádio Rio de Janeiro", pondo em ressalto a fundação da Academia; e de uma brilhante moção de congratulação do Acadêmico José Naegele, membro da Academia Niteroense de Letras e da União Brasileira de Trovadores.

AINDA MAIS, o Acadêmico Antônio Bellot de Souza deu notícia aos presentes que os Estatutos da Academia já estavam sendo objeto de Registro no Cartório competente e que urgia a divulgação nos Jornais locais e da Capital do Estado do grande evento em que culminou a fundação da Academia.

AFINAL, o Senhor Presidente teceu comentários sobre o aproveitamento dos trabalhos realizados até então e encerrou a Sessão.

ATA de 20-03-1975, da QUARTA REUNIÃO PREPARATÓRIA
LOCAL: O mesmo

Ordem do Dia: Assuntos Gerais

ACADÉMICOS E PESSOAS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, Antônio Bellot de Souza, Segundo Secretário, da Diretoria Provisória, e mais os intelectuais Martinho José Tavares e José Carlos Peixoto.

FOI aprovada a ATA da reunião anterior.

O EXPEDIENTE constou do seguinte: moções congratulatórias de Rodolfo Coelho Cavalcante, de Salvador; de José Naegele, de Niterói, acentuando, inclusive, que pediu a inserção da mesma nos anais do Conselho Estadual de Cultura, do qual é membro; de Celso Martins e Wilson Montemor, do Rio de Janeiro; e de Murillo de Souza Araujo através de um artigo de sua autoria intitulado "PELO JARDIM DE ACADEMUS", publicado no Jornal de Hoje.

POR PROPOSTA aprovada do Acadêmico Antônio Bellot de Souza serão convidados para membros da Academia a escritora Mariná de Moraes Sarmento e o pedagogo Leonardo C. de Almeida.

AFINAL, a Sessão foi encerrada pelo Senhor Presidente.

ATA de 03-04-1975, da QUINTA REUNIÃO PREPARATÓRIA
LOCAL: O mesmo

Ordem do Dia: Assuntos Gerais

ACADÉMICOS E PESSOAS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, Antônio Bellot de Souza, Segundo Secretário, e mais os intelectuais Martinho José Tavares e José Carlos Peixoto.

FOI aprovada a ATA anterior.

O EXPEDIENTE constou apenas de uma missiva do jornalista e radialista Carlos Azevedo Allemand manifestando o seu contentamento pela escolha do seu nome para compor o Quadro Acadêmico como membro efetivo.

POR PROPOSTA aprovada do Acadêmico Antônio Bellot de Souza serão convidados para ingressar na Academia o historiador Dalmo Freire Barreto e o professor Pereira Reis.

AINDA MAIS por proposta aprovada do referido Acadêmico o nome do imortal patrono Júlio Ribeiro foi substituído pelo do imortal, historiador e Conselheiro do 2º Império João Manoel Pereira da Silva.

AFINAL, a Sessão foi encerrada pelo Senhor Presidente.

ATA de 17-04-1975, da SEXTA REUNIÃO PREPARATÓRIA
Ordem do Dia: Assuntos Gerais

ACADÉMICOS E PESSOAS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, Antônio Bellot de Souza Segundo Secretário, da Diretoria Provisória, e mais os intelectuais Martinho José Tavares e José Carlos Peixoto, Presidente da Academia Nilopolitana de Letras.

FOI aprovada a ATA anterior.

O EXPEDIENTE constou apenas de uma carta do historiador Dalmo Freire Barreto concordando com a indicação do seu nome para ocupante da Cadeira patronímica de João Manoel Pereira da Silva.

POR PROPOSTA aprovada do Acadêmico Antônio Bellot de Souza foram remetidos convites aos intelectuais Alípio Mendes, Raymundo Linhares de Araujo, Ery Martuscello, Arthur Barrôco, João Batista Barreto Lubanco, Arthur Cantalice e Antônio Bandeira para integrarem o Corpo Acadêmico como membros efetivos.

POR PROPOSTA aprovada do Acadêmico Murillo de Souza Araujo serão, também, convidados os intelectuais José Carlos Peixoto, João Aragão, Raimundo de Araujo, Fernanda Brito de Araujo, José Andrade Bello e Alice de Oliveira.

FICOU APROVADO, mediante proposta do Acadêmico Ruy Afrânia Peixoto, o uso pelos Acadêmicos, sem a necessidade de outrosparamentos, de um COLAR ACADÊMICO.

AFINAL, a Sessão foi encerrada pelo Senhor Presidente.

ATA de 15-05-1975, da SÉTIMA REUNIÃO PREPARATÓRIA
LOCAL: O mesmo

Ordem do Dia: Assuntos Gerais

ACADÉMICOS E PESSOAS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, e Antônio Bellot de Souza, da Diretoria Provisória.

FOI aprovada a ATA anterior.

O EXPEDIENTE constou apenas de ofício do confrade Alípio Mendes, Presidente do Ateneu Angrense de Letras e Artes, aceitando o convite para membro da Academia.

POR PROPCSTA aprovada do Acadêmico Ruy Afrânia Peixoto serão convidados para membros da Academia os intelectuais Procópio Ferreira, José Naegele, Oswaldo Assumpção Rêgo, Latour Arueira e Newton Gonçalves de Barros.

POR PROPOSTA aprovada do Acadêmico Murillo de Souza Araujo serão, também, convidados os intelectuais Godofredo Tinoco, Presidente da Academia Câmpista de Letras e Artes, Jakson Trindade e Martinho José Tavares.

POR PROPOSTA aprovada do Acadêmico Antônio Bellot de Souza serão, outrossim, convidados os intelectuais Maria da Conceição Pires de Melo (Manita), Mário Ritter Nunes e Eurysthenes de Almeida Pires.

AFINAL, a Sessão foi encerrada pelo Senhor Presidente.

ATA de 05-06-1975, da OITAVA REUNIÃO PREPARATÓRIA
LOCAL: O mesmo

Ordem do Dia: Assuntos Gerais

ACADÉMICOS E PESSOAS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, e Antônio Bellot de Souza, Segundo Secretário, da Diretoria Provisória da Academia.

FOI APROVADA a ATA da reunião anterior.

O EXPEDIENTE constou apenas do ofício n.º 38/75 do Secretário da Academia Fluminense de Letras convidando esta para a sessão de posse do confrade Heitor Gurgel na Cadeira patronímica de José Alexandre Teixeira Melo no dia 6 do corrente, sendo pelo Senhor Presidente designado o Acadêmico Antônio Bellot de Souza para representar a Academia.

POR PROPOSTA aprovada do Senhor Presidente serão convidados o Ministro Venâncio Igrejas e o Ministro Iberê Gilson para integrarem esta Academia como membros efetivos.

POR PROPOSTA aprovada do Acadêmico Antônio Bellot de Souza será, também, convidado o Professor Paulo de Almeida Campos, membro do Conselho Estadual de Cultura.

AFINAL, a Sessão foi encerrada pelo Senhor Presidente.

ATA de 15-07-1975, da NONA REUNIÃO PREPARATÓRIA
LOCAL: O mesmo

Ordem do Dia: Assuntos Gerais

ACADÉMICOS E PESSOAS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, e Antônio Bellot de Souza, Segundo Secretário, e mais o Snr. Armando de Souza Martins e a Sra. Dulce Maria Fagundes Ferreira.

FOI APROVADA a ATA da reunião anterior.

O EXPEDIENTE constou apenas do ofício n.º 68/75 de Presidência da Academia Fluminense de Letras convidando esta para a Sessão de posse do confrade Edmo Rodrigues Lutterback na Cadeira patronímica de André Figueira a realizar-se no dia 22 do corrente, tendo sido o Senhor Presidente designado para representar a Academia.

POR PROPOSTA APROVADA do Senhor Presidente serão convidados para integrar a Academia o escritor e ensaísta Horácio de Almeida e o pedagogo e sociólogo Heitor Calmon.

EM SEGUIDA, os presentes trouxeram à baila considerações de ordem filosófica sobre a concepção do espírito e do universo.

AFINAL, a Sessão foi encerrada pelo Senhor Presidente.

ATA de 15-08-1975, da DÉCIMA REUNIÃO PREPARATÓRIA

LOCAL: O mesmo

Ordem do Dia: Assuntos Gerais

ACADÉMICOS E PESSOAS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Ruy Afrânio Peixoto, Secretário Geral, e Antônio Bellot de Souza, Segundo Secretário.

FOI APROVADA a ATA da reunião anterior.

NÃO HOUVE expediente a ser lido.

FRANQUEADA A PALAVRA, dela fez uso o Senhor Presidente para dar conhecimento aos demais confrades da boa repercussão da Academia nos meios intelectuais do Rio e Niterói.

POR PROPOSTA aprovada do Acadêmico Ruy Afrânio Peixoto, serão convidados para membros da entidade a poetisa e trovadora Alcy Ribeiro Souto Maior e Revmo Senhor Bispo Diocesano D. Adriano Hilpólio.

AFINAL, a Sessão foi encerrada pelo Senhor Presidente.

ATA de 13-09-1975, da DÉCIMA PRIMEIRA REUNIÃO PREPARATÓRIA

LOCAL: O mesmo

Ordem do Dia: Assuntos Gerais

ACADÉMICOS E PESSOAS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Ruy Afrânio Peixoto, Secretário Geral, e Antônio Bellot de Souza, Segundo Secretário, da Diretoria Provisória da Academia.

FOI APROVADA a ATA da reunião anterior.

NÃO HOUVE expediente a ser lido.

FRANQUEADA A PALAVRA, dela fez uso, pela ordem, o Acadêmico Ruy Afrânio Peixoto que propôs, e foi aprovada, a inclusão na ATA da 9a. Reunião dos nomes dos escritores e poetas Anazildo Ribeiro e Alfredo de Moraes, bem como do jornalista Valcir Almeida para membros efetivos da Academia.

A SEGUIR, o Senhor Presidente teceu considerações em torno da organização do programa da solenidade de instalação da Academia, fixando a de doze (12) de outubro próximo, às dez (10) horas, para esse fim, no Teatro Procópio Ferreira do Instituto de Educação Afrânio Peixoto.

FOI DADA ciência à Academia, pelo Senhor Presidente, a aceitação por parte do Acadêmico Godofredo Tinoco da inclusão do seu nome no quadro efetivo da Entidade como ocupante da Cadeira patronímica do imortal Machado de Assis.

POR PROPOSTA APRÓVADA do Senhor Presidente, será feita a renumeração das cadeiras patronímicas, por ordem alfabética.

AINDA por proposta aprovada do Senhor Presidente, foi incluído o nome do General Médico e escritor Hugo Silva no quadro efetivo da Academia.

O ACADÊMICO Ruy Afrânio Peixoto teceu considerações sobre a 1a. Reunião Preparatória e sugeriu a inclusão do nome do Doutor Humberto Baroni para membro efetivo da Entidade, bem como a remessa de convites aos confrades Deoclécio Dias Machado Filho e Raul de Figueiredo Meireles com a mesma finalidade.

AFINAL, a Sessão foi encerrada pelo Senhor Presidente.

A INSTALAÇÃO

ATA de 12-10-1975, da SESSÃO SOLENE DE INSTALAÇÃO DA ACADEMIA
LOCAL: Teatrc Procópio Ferreira do Instituto de Educação Afrânio Peixoto
Ordem do Dia: Instalação da Academia

ACADÉMICOS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Ruy Afrânio Peixoto, Secretário Geral, Antônio Bellot de Souza, Segundo Secretário, da Diretoria Provisória, Ery Martuscello, Raymundo Linhares de Araujo, Anazildo Ribeiro, Alfredo Moraes, Hugo Silva, Godofredo Tinoco, José Carlos Peixoto, Latour Arueira, Valcir Almeida, Arthur Barrôco e Martinho José Tavares

PESSOAS PRESENTES: Horácio de Almeida, membro proeminente da Sociedade dos Homens de Letras do Brasil e do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, Paraninfo da Solenidade; Manoel Francisco de Souza, Presidente da Academia de Letras, Artes e Ciências de Maricá; José Carlos Peixoto, Presidente da Academia Nilopolitana de Letras e Artes; Ery Martuscello, representante do Exmo. Senhor Doutor Prefeito Municipal de Nova Iguaçu, E MAIS SETENTA E QUATRO PESSOAS OUTRAS, conforme suas respectivas assinaturas no Livro próprio.

ABERTA A SESSÃO, o Senhor Presidente ordenou a leitura da ATA da reunião anterior, que foi aprovada, e a leitura do expediente, que constou do seguinte: notícias sobre o evento publicadas no Jornal de Hoje, n'O Pontual e no Correio da Lavoura; correspondência do Acadêmico José Naegele confirmando sua aceitação como membro fundador e escolhendo a Cadeira patronímica de Euclides da Cunha; do Acadêmico Raymundo Linhares de Araujo de igual teor e escolhendo a Cadeira patronímica de Castro Alves; do Acadêmico Alípio Mendes de igual teor e escolhendo a Cadeira patronímica de Raul Pompéia; do Acadêmico Arthur Barrôco de igual teor e escolhendo a cadeira patronímica de Emílio de Menezes; do Acadêmico Hugo Silva de igual teor e escolhendo a Cadeira patronímica de Oswaldo Cruz; do Acadêmico Alfredo Moraes de igual teor e escolhendo a cadeira patronímica de Sílvio Romero; da escritora Alcy Ribeiro Souto Maior declinando do convite que lhe foi feito para integrar esta Academia; do Acadêmico Valcir Almeida de igual teor dos primeiros e escolhendo a Cadeira patronímica de Rui Barbosa; do Acadêmico Martinho José Tavares de igual teor e escolhendo a Cadeira patronímica de Alvares de Azevedo; da Acadêmica Maria da Conceição Pires de Mello de igual teor e escolhendo a Cadeira patronímica de Raul de Leone; do Acadêmico João Batista Barreto Lubanço de igual teor e escolhendo a Cadeira patronímica de Joaquim Nabuco; do Acadêmico Ery Martuscello de igual teor e escolhendo a Cadeira patronímica de Augusto dos Anjos; do Acadêmico Alípio Mendes e de Mário Ritter Justificando a impossibilidade de sua presença nesta sessão; do Professor Leonardo C. de Almeida declinando do convite que lhe foi feito para integrar esta Academia; do Acadêmico Paulo de Almeida Campos confirmado a sua aceitação como membro fundador esta Academia e escolhendo a Cadeira patronímica de Raymundo Correia; do Acadêmico Latour Arueira acentuando o seu regozijo com a Academia e tecendo considerações outras; e do confrade Eurysthenes de Almeida Pires justificando a sua ausência nesta solenidade de instalação da Academia.

AGORA, COM A PALAVRA O SENHOR PRESIDENTE, disse que. "Ao agradável impacto deste evento, cuido estar vivendo sob a influência de um feliz reencontro, estabelecido algures, com aquelas exponenciais figuras do Passado, que empunharam o estandarte do trabalho e da Santa Cruzada do Saber, na ininterrupta batalha pela grandeza destas plagas. Devo acentuar, no entanto, que este sentimento predominante demais, não pode ser desvinculado, inteiramente, da responsabilidade gritante, ora clamando em mim, por uma melhor e esclarecida compreensão sobre a gente iguaçiana. Estou pretendendo dizer-vos, Srs. e Sras., que talvez por uma infeliz dissociação, não possa interpretar, integralmente, os sentimentos dos filhos da terra, ajustando-os como do meu desejo aos anseios gerais, fazendo-os como agora me sinto os felizes depositários das alegrias duradouras. Todavia, esforçar-me-ei neste sentido, Srs. Acadêmicos, e buscarei inspirar-me naqueles iguaçuanos empreendedores e nos vultos que aqui transitaram, deixando no esplendor das luzes dos seus espíritos e nas excelentes virtudes de que foram depositários, a colaboração de seus esforços, como ora fazemos, pelo progresso deste rincão onde, outrora, predominaram fartamente os laranjais em flor. Parabenizo-me, entusiasticamente, com os idealizadores da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu, que reconhecendo a atuação dos valores positivos predominantes, deixaram-se conduzir pela feliz inspiração de homenagear as suas memórias, escolhendo para o seu quadro de patronos, os nomes de João Manoel Pereira da Silva, Antonio de Barros Júnior, e, mais afastado no tempo, a gigantesca figura de D. Francisco de Lemos de Faia Coutinho, nascido em Marapicu, tornando Conde de Araganil, cognominado o benfeitor de Portugal, por instituidor do ensino público obrigatório, no além mar, e elevado às culminâncias do Bispado e da Reitoria de Coimbra". E, prosseguindo, disse mais o Senhor Presidente: "Daí, Srs. Acadêmicos, o nosso pressupor de que todos estejam presentes e eufóricos, porque ausências equivalem, tão só, como a resultante dos fatores meridianamente sintomáticos. O importante seria plantar para o futuro a semente desta Entidade, e já o conseguimos, graças à compreensão geral e pela vontade de Deus. Compete-nos, dourante, evitar que as ervas daninhas que indistintamente prejudicam interna e externamente, venham a impedir a sua germinação, de sorte que florescendo, pouco a pouco, ela possa frutificar, depois, convertendo-se em motivo de justo orgulho para a gente iguaçana. Queiram relevar-me, Sras. e Srs., já pela desusada euforia responsável pela satisfação de confraternizar-me convosco, indistintamente, e já pelo apelo que vos faço para zelar, permanentemente, pela vossa Academia, levando em conta que o seu crescimento legitimará o de vossa terra, a conquista de vossos esforços e a perene afirmação do vosso desenvolvimento e da própria nacionalidade. Saúdo-vos, portanto, Sras. e Srs., e o faço igualmente aos Srs. Acadêmicos, por quem alimento fundadas esperanças no progresso desta Casa, na elastificação das fronteiras do Saber e no alargamento dos horizontes culturais de nossa Pátria". Em seguida, fez uso da palavra o escritor Horácio de Almeida, **Paraninfo da solenidade**, exaltando a Entidade como guardiã e pregoeira da Cultura Iguaçana, a exemplo de sua congénere — a ARCÁDIA. **Empós, o Senhor Presidente**, agradecendo o discurso proferido pelo Paraninfo, determinou que o Segundo Secretário procedesse a lavratura de posse coletiva dos Srs. Acadêmicos fundadores, o que ocorreu no Livro próprio. Na

sequência de eventos agradáveis, fez uso da palavra o Acadêmico Anazildo Ribeiro, em nome dos seus confrades, tendo com brilho proferido assim o seu discurso: "Eu gostaria de falar do Amor que nos trouxe a esta solenidade, numa linguagem pura e de conhecimento universal, para poder lançar bem do ápice de minha escada verbal, as mais belas e apropriadas frases tradutoras do nosso compromisso em nome deste Amor à Cultura, de empenharmos o melhor de nós mesmos, em conjunto ou isoladamente, para alçarmos bem alto o nome desta Academia, glorificando-a e significando nossa qualidade de Acadêmicos de Letras e Artes de Nova Iguaçu, e, sobretudo, mantendo impoluta a nossa dignidade Acadêmica. Não sei fazê-lo. Mas aqui estou perfeitamente penetrado daquilo que compete a cumpri-lo, a despeito das insuficiências do meu fraseado roto pelos embates das muitas tentativas de galgar alturas, tendo arrimo apenas na sinceridade de meus propósitos oriundos sempre do amor de que comecei a ouvir falar nas inesquecíveis cantigas de ninar, embaladoras do alvorecer distante de minha vida e de minha inteligência, inapagadas de minha lembrança, apesar do tempo decorrido... E, pois, iluminado pela felicidade que envolve por inteiro a honra trazida a mim por esta incumbência, que cumpro o dever de afirmar, em nome dos fundadores desta Academia e com a simplicidade da sinceridade: Os fundadores da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu saberão cumprir o dever que se impuseram". A sessão foi abrillantada com uma Hora de Arte apresentada pelo Professor Alberto Lino, ao violão e com palavras do Senhor Presidente, que afinal encerrou a presente SESSÃO.

ATA DE 23/11/1975, DA REUNIÃO ORDINÁRIA E, CONCOMITANTEMENTE, DA ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DA ACADEMIA.

LOCAL: SEDE PROVISÓRIA

ORDEM DO DIA: Discussão e aprovação do Regimento Interno, Eleição dos membros da Diretoria, da Comissão Fiscal e da Comissão Cultural. Assuntos Gerais.

ACADÊMICOS PRESENTES: Murilo de Souza Araújo, Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, Antonio Bellot de Souza, Segundo Secretário, da Diretoria Provisória, Latour Arueira, Hugo Silva, Alfredo Moraes, Eurysthenes de Almeida Pires e Martinho José Tavares, este retardatário.

PESSOAS PRESENTES: Professora Regina Coeli Lopes Gomes e Acadêmico Eumíno de Almeida Pires.

FOI discutida e aprovada a ATA da reunião anterior.

O EXPEDIENTE constou do seguinte: missiva do Acadêmico Oswaldo de Assumpção Rêgo justificando sua ausência na sessão de instalação da Academia; missiva de igual teor do Acadêmico Dalmo Freire Barreto; ofício do Presidente da Câmara Municipal de Nova Iguaçu comunicando que, em virtude de proposição do Vereador Hélio Corredeira, foi aprovada pela referida Câmara uma MOÇÃO DE CONGRATULAÇÃO à Academia pela sua instalação; missiva do Acadêmico Eurysthenes de Almeida Pires manifestando a alegria com que vai integrar esta Academia.

mia, ocupando a Cadeira patronímica de José de Alencar; e missiva do Acadêmico José Naegele lamentando sua ausência, embora justificada, na sessão de instalação da Academia.

COM A PALAVRA O SENHOR PRESIDENTE, disse que estava pronto o esboço de Regimento Interno da lavra dos Acadêmicos Antonio Bellot de Souza e Ruy Afrânia Peixoto, urgindo, pois, a discussão e aprovação do mesmo.

POR SUGESTÃO APROVADA DO ACADÊMICO ANTONIO BELLOT DE SOUZA, com arrimo nos Estatutos, a sessão ordinária foi transformada logo em Assembléia Geral Extraordinária e o Senhor Presidente, então, colocou em pauta a discussão e aprovação do Regimento Interno.

AINDA QUE O ACADÊMICO EURYSTHENES DE ALMEIDA PIRES arregisse certas redundâncias no esboço do Regimento Interno, foi o mesmo aprovado, por unanimidade, inclusive com o voto do referido Acadêmico, datado e assinado por todos os Acadêmicos presentes, salientando-se que a supra dita norma regimental está constituída de quatro (4) Capítulos e de vinte e três (23) artigos.

EM SEGUIDA, a Assembléia Geral, com fundamento no Artigo 7, c. c. os Artigos 14 e 20 do Regimento Interno, resolveu eleger os membros da Diretoria, da Comissão Fiscal e da Comissão Cultural para o exercício de 02 de fevereiro de 1976 a 02 de fevereiro de 1977, resultando vencedora, por unanimidade, a seguinte chapa: para Presidente — Murillo de Souza Araújo; para Vice-Presidente — Latour Arueira; para Secretário Geral — Ruy Afrânia Peixoto; para Primeiro Secretário Antonio Bellot de Souza; para Segundo Secretário Jayme de Orlando Canaan; para Primeiro Tesoureiro — Raymundo Linhares de Araújo; para Segundo Tesoureiro — Ery Noeli Martuscello; para Orador — Anazildo Ribeiro; e para Bibliotecário Arquivista — Hugo Silva, ou sejam membros da Diretoria. Eurysthenes de Almeida Pires, Ery Noeli Martuscello e Arthur Barrôco, membros da Comissão Fiscal. E Ruy Afrânia Peixoto, Alfredo Moraes e Raymundo Linhares de Araújo, membros da Comissão Cultural.

AGORA, EM PAUTA ASSUNTOS GERAIS, o Acadêmico Eurysthenes de Almeida Pires teceu lóas às mulheres e aos jovens pela sua marcante contribuição à cultura, esperando que a Academia haja por bem abrir-lhes as portas. À guisa de esclarecimentos, aparteou-lhe o Acadêmico Ruy Afrânia Peixoto, com arrimo nos registros existentes, dizendo que três mulheres ilustres foram convidadas para integrar o quadro da Academia, quais Maria da Conceição Pires de Mello, como fundadora e ocupante da Cadeira Raul de Leoni; Alice de Oliveira, também, como fundadora e ocupante da Cadeira Augusto de Lima, e Alcy Ribeiro Souto. Em que pesassem esses esclarecimentos, o Acadêmico Eurysthenes de Almeida Pires lamentou que o Quadro de Patronos da Academia, apesar do seu relevo, não continha os nomes de certas mulheres, até porque estas aqui, ali e alhures, sem a menor eiva de competição, têm feito jus à inserções meritórias nos anais da Literatura. Com o referido Acadêmico solidarizaram-se os confrades Alfredo Moraes e Latour Arueira, este, porém, suscitando a extemporaneidade do assunto. Com a palavra o Acadêmico Ruy Afrânia Peixoto, fez elogiosos comentários a respeito da poetisa Ercy Charpinel Gama, que há dias editou o livro intitulado "GRACINHAS EM VERSOS". Com a palavra, também, o Acadêmico Latour Arueira, trouxe à baila que, há tempos, o Acadêmico Ruy Afrânia Peixoto deleitou os meios intelectuais com a edição de sua Revista "O ACADÊMICO", que

poderá vir a ser a Revista desta Entidade depois de estudos a respeito. Com a palavra, outrossim, o Acadêmico Alfredo Moraes, ofereceu à Biblioteca da Academia o livro de que é co-autor e intitulado "POEMAS DE VARIOS AUTORES". Por derradeiro e a respeito do ANO INTERNACIONAL DA MULHER fizeram-se ouvir os Acadêmicos Latour Arueira, Ruy Afrânia Peixoto, Hugo Silva, Alfredo Moraes, Eurysthenes de Almeida Pires, Antonio Bellot de Souza e Murillo de Souza Araújo, bem assim a Professora Regina Coeli Lopes Gama. Vale a pena acentuar que o Senhor Presidente, em meio a tantos eflúvios acadêmicos, ordenou o processamento do pedido de admissão do poeta Walter Faria Pacheco como membro efetivo da Entidade e titular da Cadeira patronímica do imortal Antonio Barros Júnior e encerrou a presente SESSAO.

ATA DE 20/12/1975, DA REUNIÃO ORDINÁRIA DA DIRETORIA

LOCAL: SEDE PROVISÓRIA

ORDEM DO DIA: ASSUNTOS GERAIS

ACADÉMICOS PRESENTES: Murillo de Souza Araújo, Presidente, Latour Arueira, Vice-Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, Antonio Bellot de Souza, Primeiro Secretário, Jayme de Orlando Canaan, Segundo Secretário, Hugo Silva, Bibliotecário Arquivista, membros da Diretoria, Alice de Oliveira, Martinho José Tavares e Walter Faria Pacheco
FOI discutida e aprovada a ATA da sessão anterior.

O EXPEDIENTE constou do seguinte: correspondência do Acadêmico Alípio Mendes justificando sua ausência nesta reunião; requerimento do Acadêmico Horácio de Almeida pleiteando seu ingresso no Quadro da Academia e escolhendo a Cadeira patronímica de José Veríssimo; mensagem natalina da Augusta, Respeitável, Benfeitora Loja Simbólica Mestre Hiran; idêntica mensagem de Associação Brasileira de Odontologia de Nova Iguaçu; e requerimento da Acadêmica Alcy Ribeiro Souto Maior reconsiderando pronunciamento anterior e manifestando seu propósito de ingressar na Academia como titular da Cadeira patronímica de José Maurício.

PROSSEGUINDO COM OS TRABALHOS, o Senhor Presidente determinou a lavratura dos Termos de Posse dos Acadêmicos Jayme de Orlando Canaan e Walter Faria Pacheco, discursando ao ensejo o Acadêmico Latour Arueira.

EM SEGUIDA, franqueada a palavra, fez uso da mesma o Acadêmico Hugo Silva para ressaltar a iniciativa da implantação da Biblioteca do Sodalício e para fazer a doação de vinte (20) volumes de obras diversas; o Acadêmico Latour Arueira, também, para fazer a doação à Academia e aos Acadêmicos de volumes da obra intitulada "A Terra dos Bananais — História de Mangaratiba", de autoria do Acadêmico Oswaldo de Assumpção Rêgo Filho; a Acadêmica Alice de Oliveira expressando o seu voto de pesar pelos falecimentos do trovador Rangel Coelho e do pintor Jarbas Brasil de Moraes, no que a Academia se associou; e o Acadêmico Ruy Afrânia Peixoto expressando o seu voto de pesar pelos falecimentos do escritor Érico Veríssimo e do poeta Raul de Carvalho, no que também a Academia se associou.

Afinal, o Senhor Presidente fez uma Preleção Academicista causando viva impressão aos Confrades, seguindo-se uma Hora de Arte e sendo encerrada a reunião.

ATA DE 01/02/1976, DE SESSÃO ORDINÁRIA DA DIRETORIA

LOCAL: SEDE PROVISÓRIA

ORDEM DO DIA: Comentários sobre as atividades da ALANI; Posse da Diretoria; Programa de atividades; e Assuntos gerais.

Acadêmicos presentes: Murillo de Souza Araújo, Presidente, Latour Arueira, Vice-Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, Antonio Bellot de Souza, Primeiro Secretário, Jayme de Orlando Canaan, Segundo Secretário, Raymundo Linhares de Araújo, Primeiro Tesoureiro, Membros da Diretoria; Arthur Barrôco, membro da Comissão Fiscal, Walter Faria Pacheco, Oswaldo de Assumpção Rêgo Filho e Martinho José Tavares; sendo os Acadêmicos Ruy Afrânia Peixoto e Raymundo Linhares de Araújo membros, concomitantemente, da Comissão Cultural.

FOI discutida e aprovada a ATA da sessão anterior.

NAO HOUVE EXPEDIENTE A SER LIDO.

DE LOGO, com a palavra o Senhor Presidente, louvou Deus o cunho satisatório e proveitoso das sessões anteriores, do que sem dúvida seria impregnada a presente, até porque estavam todos possuídos de genuíno espírito acadêmico. Ressaltou, ainda, que no curso deste ano, marcando inclusive o primeiro aniversário de atividades, a Academia registra a realização de onze (11) sessões preparatórias que anteciparam à instalação de seus trabalhos e, para melhor consecução dos seus objetivos, elaborou e aprovou o seu Regimento Interno. Assim, pois, entusiasmado, deu posse ao Acadêmico fundador Oswaldo de Assumpção Rêgo Filho na Cadeira patronímica de Fagundes Varela, lavrando-se o respectivo termo.

ATO CONTINUO, o Senhor Presidente anunciou a ORDEM DO DIA, que foi a seguinte: 1) Comentários sobre as atividades da ALANI; 2) Posse da Diretoria; 3) Programa de atividades; e 4) Assuntos Gerais.

FRANQUEADA A PALAVRA, dela fizeram uso o Acadêmico Walter Faria Pacheco e o Senhor Presidente, tendo lugar, daí por diante, a posse dos membros da Diretoria, da Comissão Fiscal e da Comissão Cultural, na ordem seguinte: Murillo de Souza Araújo, Presidente; Latour Arueira, Vice-Presidente; Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral; Antonio Bellot de Souza, Primeiro Secretário; Jayme de Orlando Canaan, Segundo Secretário; Raymundo Linhares de Araújo, Primeiro Tesoureiro; Ery Noeli Martuscello, Segundo Tesoureiro; Anazildo Ribeiro, Orador; e Hugo Silva, Bibliotecário Arquivista; — membros da Diretoria. Eurysthenes de Almeida Pires, Ery Noeli Martuscello e Arthur Barrôco; — membros da Comissão Fiscal, Ruy Afrânia Peixoto, Alfredo de Moraes e Raymundo Linhares de Araújo, membros da Comissão Cultural.

Foi marcada para o dia 21 de fevereiro do corrente ano, às 20 horas, na Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu a realização da próxima sessão da Academia, ensejo em que terá lugar o panegírico do Acadêmico Oswaldo de Assumpção Rêgo Filho a respeito do seu patrono — o imortal Fagundes Varela.

AGORA, COM A PALAVRA, pela ordem, o Acadêmico Ruy Afrânia Peixoto fez um belo escorço sobre o curriculum do confrade Oswaldo de Assumpção Rêgo Filho e pediu que o mesmo declamasse o poema Invocação de sua autoria. Antes que isto acontecesse, o Acadêmico Oswaldo, que a tem a serena humildade de Xenócrates, disse "SER UM LADRÃO, PORQUE CONSTITUI SUA CULTURA ROUBANDO UM POUCO DE CADA AMIGO", ao que o Acadêmico Ruy obtemperou que "SE SENTIA INDULTADO DE TODOS OS PECADOS", porque diz o adágio que "LADRÃO QUE ROUBA LADRÃO TEM CEM ANOS DE PERDÃO" e ele, Ruy, roubara Oswaldo para a companhia dos Acadêmicos de Nova Iguaçu. Em seguida, o poema Invocação foi declamado para alegria de todos.

A SEU TURNO, o Acadêmico Latour Arueira fez a leitura do Ofício nº 07/76 do Doutor José Cândido de Carvalho, Presidente do Conselho de Cultura, no qual era atribuído ao confrade Ruy Afrânia Peixoto UM VOTO DE LOUVOR pela obra que vem desenvolvendo em prol da Educação e da Cultura em Nova Iguaçu. O Acadêmico Arthur Barrôco, ou-trossim, acentuou que pela vez segunda foi convidado pela Administração Postal das Nações Unidas para, em sua sede, exibir a coleção de selos de sua propriedade intitulada — "DIGNIDADES MAÇÔNICAS" —, o que ocorrerá em outubro do corrente ano, para assinalar melhor OS DIREITOS HUMANOS. O Acadêmico Jayme de Orlando Canaan, também, deu notícia à Entidade da obra de sua autoria intitulada "TRA-LA-LA-DÓ-LALA", hino em homenagem ao poeta e compositor Lamartine Babo e ao Novo América FC.

Por derradeiro, o Senhor Presidente encerrou a presente ATA.

ATA DE 21 DE FEVEREIRO DE 1976, DA SESSAO SOLENE E EXTRAORDINARIA DA ACADEMIA

LOCAL: Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu

ORDEM DO DIA: Panegírico feito pelo Acadêmico Oswaldo de Assumpção Rêgo Filho do imortal — seu patrono Fagundes Varela.

ACADÊMICOS PRESENTES: Murillo de Souza Araújo, Presidente, Latour Arueira, Vice-Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, Antonio Bellot de Souza, Primeiro Secretário, Jayme de Orlando Canaan, Segundo Secretário, Hugo Silva, Bibliotecário, Arquivista, membros da Diretoria, Alfredo de Moraes, Manoel Francisco de Souza, Alice de Oliveira, Alcy Ribeiro Souto Maior e Martinho José Tavares.

PESSOAS PRESENTES: Cônego Manoel Monteiro, representando o Senhor Bispo Diocesano D. Hipólito Adriano, Doutor Rozendo Freitas, representando a Augusta Loja Maçônica Mestre Hiran, e mais 18 (dezoito) outras pessoas, conforme suas respectivas assinaturas no livro próprio.

COMPOSTA a mesa e anunciada a Ordem do Dia, o Senhor Presidente concedeu, primeiro, a palavra ao Acadêmico Antonio Bellot de Souza que, sucintamente, discorreu sobre o Aniversário da Entidade. Em seguida, o Senhor Presidente apresentou ao auditório o Acadêmico Oswaldo de Assumpção Rêgo Filho, destacando a sua vida e a sua atividade literária. Então, na tribuna o Acadêmico Oswaldo fez, com enge-

riho e arte, o panegírico do imortal seu patrono Fagundes Varela, obtendo, assim, prolongados aplausos da assistência — e recebendo o seu diploma.

Afinal, o Senhor Presidente encerrou a sessão e ordenou a lavratura desta ATA.

ATA DE 27 DE MARÇO DE 1976, DA SESSÃO SOLENE E EXTRAORDINARIA DA ACADEMIA

LOCAL: Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu

ORDEM DO DIA: Panegírico feito pelo Acadêmico Hugo Silva do imortal — seu patrono Oswaldo Cruz.

ACADÊMICOS PRESENTES: Murillo de Souza Araújo, Presidente, Latour Arueira, Vice-Presidente Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, Antônio Bellot de Souza, Primeiro Secretário, Jayme de Orlando Canaan, Segundo Secretário, Hugo Silva, Bibliotecário Arquivista, membros da Diretoria, Alfredo de Moraes, Manoel Francisco de Souza, Alice de Oliveira, Alcy Ribeiro Souto Maior e Martinho José Tavares.

PESSOAS PRESENTES: Em número de vinte e sete (27), dentre outras o Doutor Ruy B. Silva, representante da Loja Maçônica Deodoro II; General Francisco Silveira do Prado, representante do Instituto Geográfico e Histórico Militar do Brasil; Doutor André Bellucci, por si em nome do intelectual Jim Barboza; Acadêmico César Torraca, representante da Academia de Letras e Artes de Paracambi; Capitão de Mar e Guerra Léo Fonseca e Silva, conforme se infere do Livro respectivo.

COMPOSTA A MESA e anunciada a Ordem do Dia, o Senhor Presidente teceu comentários sobre a personalidade do Acadêmico Hugo Silva, pondo em ressalto o seu brilhante curriculum como civil, militar, médico e intelectual. Em seguida, concedeu-lhe a palavra para fazer o panegírico do imortal e seu patrono Oswaldo Cruz. Assim acontecendo, o Acadêmico Hugo Silva fez jus a retumbantes aplausos dos colegas e da assistência, até porque o panegírico que proferiu culminou numa comprovação da sua reconhecida inteligência e proclamada cultura.

Franqueada a palavra, dela fizeram uso o General Francisco Silveira do Prado e o Acadêmico Antonio Bellot de Souza felicitando o Acadêmico Hugo Silva. Afinal, o Senhor Presidente fez ao mesmo a entrega do respectivo diploma e encerrou a Sessão.

ATA DE 17 DE MAIO DE 1976, DA SESSÃO ORDINÁRIA DA DIRETORIA DA ACADEMIA

LOCAL: Sede Provisória

ORDEM DO DIA: Assuntos Gerais

ACADÊMICOS PRESENTES: Murillo de Souza Araújo, Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, Antonio Bellot de Souza, Primeiro Secretário, Raymundo Linhares de Araújo, Primeiro Tesoureiro, membros da Diretoria, Alfredo de Moraes, Martinho José Tavares e Walter Faria Pacheco.

Pessoas presentes: Acadêmico Isaú Almeida Lôla, do Venerável Pedro Fernandes da Silva, do poeta Ruy Berçot de Mattos, do Venerável Belmiro Martins, do Professor Carlos Alberto S. Soares e do Presidente da Câmara Municipal de Nova Iguaçu, Doutor Adjovaldo Silveira.

FORAM lidas e aprovadas as ATAS das sessões anteriores de 01.02.76., 21.02.76 e 27.03.76.

O EXPEDIENTE constou do seguinte: Curriculum vitae do Acadêmico Hugo Silva; missiva da Acadêmica Mariomar e telegramas dos intelectuais Lupércio Santos, Sampaio Simão e Maria Feijó congratulando-se com o Acadêmico Hugo Silva; ofício do Doutor Adjovaldo Silveira, Presidente da Câmara Municipal de Nova Iguaçu, desculpando sua ausência na sessão da Academia de 27.03.76; convite da Associação Brasileira de Odontologia para as festividades comemorativas da "Semana da Odontologia" realizadas em 21 do mês passado; convite da Tenda Espírita Nossa Senhora das Graças-Emanação de Xangô para as comemorações em louvor a São Jorge; missiva de Carlos Luiz Azevedo Allemand justificando sua ausência do convívio Acadêmico; convite da Loja Maçônica Mestre Hiran para as solenidades alusivas ao seu 23º aniversário realizadas no dia 05 do corrente mês; e ofício do Diretor Geral do Conselho Federal de Cultura agradecendo a comunicação da posse da primeira Diretoria e respectivas Comissões Fiscal e Cultural desta Academia.

ANUNCIADA A ORDEM DO DIA pelo Senhor Presidente, os Acadêmicos presentes, ao ensejo, discutiram e aprovaram: 1) a designação da última sexta (6a.-feira) de cada mês, às 19 (dezenove) horas, para as reuniões ordinárias da Diretoria e o segundo sábado de cada mês, às 19 (dezenove) horas, para as sessões extraordinárias da Academia; 2) o pagamento pelos Acadêmicos da mensalidade de Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros), a partir do mês fluente; 3) advertência aos Acadêmicos faltosos às sessões, remetendo-lhes os termos dos Artigos do Regimento Interno em que poderão incorrer.

EM SEGUIDA, fez uso da palavra o Acadêmico Walter Faria Pacheco sugerindo a edição, pela Academia, de um tablóide a ser impresso em um dos jornais locais, devendo, porém, tal sugestão ser objeto de consideração posteriormente; fez uso, também, da palavra o Acadêmico visitante Isaú Almeida Lôla convidando a Academia para assistir a sessão solene do Cenáculo Fluminense de História e Letras a realizar-se, em Niterói, no dia 29 do corrente; fez uso da palavra, outrossim, o poeta Guy Berçot de Mattos agradecendo a receptividade de que foi alvo e desejando êxito crescente à Academia.

AFINAL, a sessão foi encerrada pelo Senhor Presidente.

ATA DE 12 DE JUNHO DE 1976, DA SESSÃO SOLENE E EXTRAORDINARIA DA ACADEMIA

LOCAL: Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu

ORDEM DO DIA: Panegírico feito pelo Acadêmico Murillo de Souza Araújo do imortal — seu patrono João da Cruz e Souza.

ACADÊMICOS PRÉSENTES: Murillo de Souza Araújo, Presidente, Latour Arueira, Vice-Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, Antonio Bellot de Souza, Primeiro Secretário, Jayme de Orlando Canaan,

Segundo Secretário, Raymundo Linhares de Araújo, Primeiro Tesoureiro, Ery Noeli Martuscello, Segundo Tesoureiro, Hugo Silva, Bibliotecário Arquivista, Alcy Ribeiro Souto Maior, Maria da Conceição Pires de Mello, Walter Faria Pacheco, Eurysthenes de Almeida Pires, Martinho José Tavares e Arthur Barrôco.

PESSOAS PRESENTES: Em número de dezessete (17), destacando-se Luiz Reis, o poeta Guy Berçot de Mattos, o trovador Lícínia Costa, o poeta Damião Mendonça de Santanna, o escritor Durval de Moraes e Barros e o poeta Clemente Soares, comparecendo, inclusive, o Acadêmico Alfredo de Moraes.

COMPOSTA A MESA e anunciando a ordem do dia, qual o panegírico que faria daí a pouco do imortal e seu patrono Cruz e Souza, o Senhor Presidente transmitiu a direção dos trabalhos ao Acadêmico Latour Arueira, Vice-Presidente. Assim acontecendo, e feita a apresentação à assistência do Acadêmico Murillo de Souza Araújo pelo Senhor Vice-Presidente, aquele iniciou o panegírico a seu cargo, mas fazendo-o com revestimentos simbolistas e com a mais correta forma parnasiana. Uma vez terminado o panegírico do imortal Cruz e Souza, o Acadêmico Murillo de Souza Araújo foi aplaudido delirantemente pela assistência.

REASSUMINDO A DIREÇÃ DOS TRABALHOS, tendo antes recebido o seu diploma, anunciou que teria, como teve, lugar uma Hora de Arte, em meio a qual discursaram o General Francisco Silveira do Prado, o poeta Guy Berçot de Mattos e o Acadêmico Jayme de Orlando Canaan, bem assim declamaram os Acadêmicos Clemente Soares, Raymundo Linhares de Araújo, Damião Mendonça de Santanna, Maria da Conceição Pires de Mello e Murillo de Souza Araújo, — este por injunções do Acadêmico Hugo Silva.

AFINAL, o Senhor Presidente agradeceu a presença de todos e encerrou a SESSÃO.

ATA DE 10 DE JULHO DE 1976, DA SESSÃO SOLENE E EXTRAORDINARIA DA ACADEMIA

LOCAL: Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu.

ORDEM D'O DIA: Panegírico feito pelo Acadêmico Jayme de Orlando Canaan do imortal — seu patrono Casimiro de Abreu.

ACADÊMICOS PRESENTES: Murillo de Souza Araújo, Presidente, Latour Arueira, Vice-Presidente, Antônio Bellot de Souza, Primeiro Secretário, Jayme de Orlando Canaan, Segundo Secretário, e Eurysthenes de Almeida Pires.

PESSOAS PRESENTES: Guy Berçot de Mattos, Luiz Azevedo, João de Barros Canaan, José Tavares, Lúcia de Barros Canaan, Aldina de Barros Canaan e Oswaldo Aguiar.

ANUNCIADA A ORDEM DO DIA, o Senhor Presidente fez à assistência a apresentação do Acadêmico Jayme de Orlando Canaan, pondo em ressalto o seu curriculum vitae e destacando as suas atividades como desenhista, cantor, humorista, poeta, compositor e autor de músicas populares. Em seguida, o Senhor Presidente, com muita alegria, deu-lhe a palavra para proferir o panegírico a seu cargo.

ASSIM ACONTECENDO, o Acadêmico Jayme de Orlando Canaan, correspondente à expectativa de todos os presentes, proferiu um brilhante panegírico sobre o imortal, o seu patrono Casemiro de Abreu, fazendo jus a merecidas ovações, ensejo em que discursaram os Acadêmicos Eurysthenes de Almeida Pires, Antônio Bellot de Souza e o poeta Guy Berçot de Mattos.

AFINAL, o Senhor Presidente entregou ao Acadêmico Jayme de Orlando Canaan o respectivo diploma e encerrou a Sessão.

ATA DE 22 DE AGOSTO DE 1976, da SESSÃO ORDINÁRIA DA ACADEMIA

LOCAL: Sede Provisória.

ORDEM DO DIA: Discussão e aprovação da situação dos Acadêmicos ausentes. Assuntos gerais.

ACADÊMICOS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Ruy Afrânio Peixoto, Secretário Geral, Antônio Bellot de Souza, Primeiro Secretário, Raymundo Linhares Araujo, Primeiro Tesoureiro, Walter Faria Pacheco, Martinho José Tavares, e Alcy Ribeiro Souto Maior.

PESSOA PRESENTE: poeta Guy Berçot de Mattos.

ANUNCIADA A ORDEM DO DIA, o Senhor Presidente disse que urgia uma deliberação da Diretoria quanto à situação dos Acadêmicos ausentes José Naegele, Paulo de Almeida Campos, Allípio Mendes, Procópio Ferreira, Humberto Barone, Dom Adriano Hipólito e João Batista Barreto Lubanco, uma vez que até agora não tomaram posse das respectivas cadeiras, não obstante terem manifestado expressamente o propósito de participação neste Sodalício. A respeito, pronunciaram-se todos os Acadêmicos presentes, ficando, então, aprovado por unanimidade que se oficiasse aos supra ditos Acadêmicos concedendo-lhes prazo de trinta (30) dias para determinarem a data do elogio dos seus patronos, mas cientes os mesmos de que as sessões para esse fim são realizadas nos 2º e 4º sábados de cada mês, às 18 horas.

INDA MAIS, o Senhor Presidente expôs a debate a conveniência da criação do ANUÁRIO ACADÊMICO e da constituição de sua COMISSÃO ORGANIZADORA, o que foi aprovado unicamente e ficando a última composta dos seguintes membros: Murillo de Souza Araujo, Ruy Afrânio Peixoto, Antônio Bellot de Souza, Raymundo Linhares de Araujo e Walter de Faria Pacheco.

Entrementes, os Acadêmicos presentes marcaram, com a chancela do Senhor Presidente, as datas para os respectivos panegíricos a seu cargo e, em seguida, escolheram o dia 18 de Dezembro próximo para o ENCONTRO NATALINO DA ACADEMIA.

AFINAL, teve lugar uma Hora de Arte com a participação de todos os Acadêmicos, ensejo em que vieram à baila os trabalhos poéticos dos Acadêmicos Murillo de Souza e Alcy Ribeiro Souto Maior, intitulados, respectivamente, "Balada Pleonástica" e "Conjuntura", sendo, então, com esses eflúvios, encerrada a Sessão.

ATA DE 26 DE SETEMBRO DE 1976, da SESSÃO SOLENE E EXTRAORDINÁRIA DA ACADEMIA

LOCAL: Teatro Procópio Ferreira do Instituto de Educação Afrânio Peixoto.

ORDEM DO DIA: Panegírico feito pelo Acadêmico Ery Noeli Martuscello do seu patrono Augusto dos Anjos.

ACADÊMICOS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Ruy Afrânio Peixoto, Secretário Geral, Raymundo Linhares de Araujo, Primeiro Tesoureiro, Ery Noeli Martuscello, Segundo Tesoureiro, Hugo Silva, Bibliotecário Arquivista, membros da Diretoria, Walter Faria Pacheco, Alcy Ribeiro Souto Maior, Horácio de Almeida e Eurysthenes de Almeida Pires.

PESSOAS PRESENTES: Em número de 43, dentre elas destacando-se o Doutor Luiz Carlos Guimarães, Juiz de Direito, o Professor Aquilino Domingues Quintas, Diretor do Instituto Brasil, e a Sra. Dona Alba Medeiros Martuscello.

ANUNCIADA A ORDEM D'O DIA, o Senhor Presidente, composta a mesa previamente, fez a apresentação do Acadêmico Ery Noeli Martuscello, ocupante da Cadeira patronímica do poeta do "EU E OUTRAS POESIAS", cujo panegírico vai proferir. O referido Acadêmico dispensa outras referências, por notável advogado, tribuno e intelectual, cuja fama e glória já transpueram as fronteiras do Estado. Deu-lhe, pois, a palavra sob uma estrondosa salva de palmas.

AGORA, na tribuna o Acadêmico Ery Noeli Martuscello, como se emulo do seu imortal patrono, proferiu um belo panegírico a respeito do mesmo, tanto sob o ponto de vista biográfico, quanto sob o ponto de vista bibliográfico, repercutindo agradavelmente na assistência e de maneira a fazer jus a uma apreciação do escritor Horácio de Almeida, autor das obras "Augusto dos Anjos e a Razão de sua Angústia" e "Augusto dos Anjos — Um Tema para Debates". Afinal, e em meio a naturais efluvios intelectuais, o Acadêmico Ery Noeli Martuscello recebeu o respectivo diploma por intermédio de sua D.D. Senhora Dona Alba Medeiros Martuscello e o Senhor Presidente encerrou a Sessão.

ATA DE 09-11-1976, DA SESSÃO SOLENE EXTRAORDINÁRIA DA ACADEMIA

LOCAL: Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu.

ORDEM DO DIA: Panegírico feito pelo Acadêmico Eurysthenes de Almeida Pires do imortal seu patrono José Martiniano de Alencar.

ACADÊMICOS PRESENTES: Latour Aruelra, Vice-Presidente, Ruy Afrânio Peixoto, Secretário Geral, Antônio Bellot de Souza, Primeiro Secretário, Jayme de Orlando Canaan, Segundo Secretário, Raymundo Linhares de Araujo, Primeiro Tesoureiro, e Eurysthenes de Almeida Pires.

PESSOAS PRESENTES: Em número de trinta e nove (39), dentre elas os Acadêmicos Paulo Carneiro e Damião Mendonça de Santanna, membros do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, bem como a Senhora Dona Guilhermina Pires, dd. esposa do Acadêmico Eurysthenes de Almeida Pires.

DANDO INÍCIO À SESSÃO, o Senhor Vice-Presidente compôs a mesa e fez a apresentação do Acadêmico Eurysthenes de Almeida Pires, fazendo-o com requinte de elegância, inteligência e cultura e dizendo-o dotado dos adornos do poeta, do trovador, do prosador, do cantor, do escritor, do músico e do compositor, que é e com que transpõe os um brasis de alguns Sodalícios, para honra e glória dele e tantos quantos o conhecem um êmulo de Caxias e de Ruy Barbosa, como General do

Exército e Bacharel em Direito, respectivamente. Daí conceder-lhe a palavra com alegria.

Assim acontecendo, o Acadêmico Eurysthenes de Almeida Pires, sob resplandor ovação, assumiu a tribuna, causando de logo um suspense na assistência. E para maior satisfação desta, discorreu a respeito da vida e da obra de José de Alencar, seu patrono, ressaltando nesta a característica romântica e naquela as nuances teológicas e filosóficas, mas enfatizando **O Guarani** e **Iracema** como as duas maiores obras dele, porque representam aqui, na sua opinião, o papel que em França representaram os primeiros episódios de Chateaubriand, sabido que antes delas nunca se vira tanta frescura, tanta elegância de estilo, tanta graça de idéias e narrativas.

POR ISTO, o referido Acadêmico fez jus a merecidos aplausos da assistência e dos confrades.

AFINAL, o Senhor Vice-Presidente pediu a dd. Senhora Dona Guihermina Pires que entregasse ao seu esposo e ilustre Acadêmico Eurysthenes de Almeida Pires o respectivo diploma e encerrou a Sessão.

ATA DE 30 DE OUTUBRO DE 1976, da SESSÃO ORDINÁRIA DA DIRETORIA

LOCAL: Sede Provisória.

ORDEM DO DIA: Publicação do Anuário; Situação dos Acadêmicos não ocupantes das Cadeiras; Encontro Natalino; e Assuntos Gerais.

ACADÊMICOS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente; Latour Arueira, Vice-Presidente, Ruy Afrânio Peixoto, Secretário Geral, Raymundo Linhares de Araujo, Primeiro Tesoureiro, Eurysthenes de Almeida Pires, Alfredo de Moraes e Arthur Barrôco.

FOI discutida e aprovada a ata da sessão anterior.

NÃO houve expediente a ser lido.

ANUNCIADA a Ordem do Dia, o Senhor Presidente disse que urgia a publicação dos trabalhos da Academia, sendo, então, deliberada por unanimidade a edição do Anuário e constituída a seguinte Comissão para dirigir-o: Murillo de Souza Araújo, Ruy Afrânio Peixoto, Raymundo Linhares de Araujo, Antônio Bellot de Souza e Walter Faria Pacheco.

FICOU, também, designado o dia 23 de Novembro, próximo, às 18 horas, para a eleição da Diretoria, e o dia 18 de Dezembro, próximo, para o Encontro Natalino, sob a direção da Acadêmica Alcy Ribeiro Souto Maior, assessorada pela Acadêmica Alice de Oliveira.

POR UNANIMIDADE ficou deliberada quanto às Cadeiras sem ocupantes, quais as de números 1 — Afonso Celso; 2 — Afonso Arinos; 13 — Coelho Neto; 23 — Joaquim Macedo; 36 — Ronald de Carvalho; e 40 — Vicente de Carvalho, bem como aos longamente ausentes das reuniões, quais os Acadêmicos titulares das Cadeiras números 16 — Euclides da Cunha — José Naegele; 18 — Francisco de Lemos Faria de Azeredo Coutinho — Dom Adriano Hipólito; 19 — Gonçalves Dias — João Batista C. Aragão; 20 — João Caetano — Procópio Ferreira; 22 — Joaquim Nabuco — João Batista Barreto Lubanço; 28 — Juliano Moreira — Humberto Baroni; 29 — Machado de Assis — Godofredo Tinoco; 33 — Raimundo Correia — Paulo de Almeida Campos; e 35 — Raul Pompeia — Alípio Mendes; a renovação de entendimentos pela Diretoria com os referidos Acadêmicos antes de passá-los a um quadro suplementar, complementar ou extra, com a perda dos respectivos patronos.

FICOU, ainda, deliberada por unanimidade a abertura de inscrições para o preenchimento das Cadeiras vagas e também para a dos Acadêmicos transferidos para outro quadro.

AFINAL, o Senhor Presidente encerrou a Sessão.

ATA DE 13 DE NOVEMBRO DE 1976, da SESSÃO SOLENE E EXTRAORDINÁRIA DA ACADEMIA

LOCAL: Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu.

ORDEM DO DIA: Panegírico feito pela Acadêmica Alcy Ribeiro Souto Maior do imortal — seu patrono, José Maurício.

ACADÊMICOS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Latour Arueira, Vice-Presidente, Ruy Afrânio Peixoto, Secretário Geral, Raymundo Linhares de Araujo, Primeiro Tesoureiro, Eurysthenes de Almeida Pires, Alice de Oliveira e Alcy Ribeiro Souto Maior.

PESSOAS PRESENTES: Em número de sessenta e seis (66), destacando-se dentre elas: o poeta Guy Berçot de Mattos, o Doutor Edson Souto Maior, o Doutor Eurico de Oliveira, a intelectual Leopoldina Dias Saravia e o trovador Carlos Guimarães.

ANUNCIADA a Ordem do Dia, o Senhor Presidente discorreu sobre a personalidade da Acadêmica Alcy Ribeiro Souto Maior, destacando-lhe os méritos intelectuais pela realidade benfeita que representa na seara da poesia, da música e da pintura sem o que não teria publicado as seguintes obras: "Cartas à minha debutante", poesia e prosa; e "Alvoradas e Crepúsculos" (trovas), que fizeram jus a merecidas críticas de Malba Tahan, Noel Bergamini, Manuel Bandeira, Adelmar Tavares e outros escritores.

EM SEGUIDA, o Senhor Presidente deu a palavra à Acadêmica Alcy Ribeiro Souto Maior e a mesma, para alegria de tantos quantos passaram a ouvi-la, realçou a figura do seu patrono José Maurício, fazendo-o com a intercalação de belos sonetos de sua autoria a respeito dele.

TEVE LUGAR, depois, uma Hora de Arte em homenagem à referida Acadêmica, falando e declamando os confrades Alice de Oliveira, Murillo de Souza Araujo, Guy Berçot de Mattos, Ruy Afrânio Peixoto e Raymundo Linhares de Araujo, sendo, afinal, encerrada a Sessão.

ATA DE 23 DE NOVEMBRO DE 1976 — da SESSÃO SOLENE E EXTRAORDINÁRIA DA ACADEMIA

LOCAL: Teatro Procópio Ferreira do Instituto de Educação Afrânio Peixoto.

ORDEM DO DIA: Panegírico da lavra do Acadêmico Ruy Afrânio Peixoto sobre seu patrono Júlio Afrânio Peixoto. Eleição da Diretoria.

ACADÊMICOS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Latour Arueira, Vice-Presidente, Antônio Bellot de Souza, Primeiro Secretário, Raymundo Linhares de Araujo, Primeiro Tesoureiro, Hugo Silva, Bibliotecário Arquivista Alcy Ribeiro Souto Maior, Eurysthenes de Almeida Pires, Alice de Oliveira, Alfredo de Moraes e Ery Noeli Martuscello.

PESSOAS PRESENTES: Em número de trezentos e sessenta e oito (368), destacando-se dentre elas D. Maita Afrânio Peixoto, J.M. do Lago Leal, do Grêmio Barramansense de Letras, Maria Irene, do Cenáculo Bra-

silêncio de Letras e Artes, Cardoso da Fonseca, da Academia de Letras e Artes de Cabo Frio, Júlio César, Catedrático de Literatura da Faculdade de Letras de Nova Iguaçu, Raymundo Araujo, da Academia Nilopolitana de Letras e Artes, Engenheiro Eurico de Oliveira, poeta Jorge Rechoen, Engenheiro Edson Souto Maior, Afonso F. Costa, da U.B.T., secção de Nova Iguaçu, Renato de Souza Pereira, do Jornal de Hoje, e Iracema Guimarães Alvim, Professora do Instituto de Educação Afrânia Peixoto.

DECLARANDO ABERTOS OS TRABALHOS, fê-lo o Senhor Presidente com a cintilação que o caracteriza, acentuando que, primeiro, ter lugar o elogio a cargo do Acadêmico Ruy Afrânia Peixoto sobre seu patrono — o imortal Julio Afrânia Peixoto, que dispensa comentários pela polimatia da sua cultura e pelo sem número de títulos que carrea, com destaque o de "Sobrinho predileto daquele saudoso e sempre presente imortal", cujos atributos herdou, sem o que não seria Educador, Advogado, Pintor, Poliglota, Musicista, Escultor, Poeta e Trovador.

DEU-LHE, então, a palavra o Senhor Presidente e o Acadêmico Ruy Afrânia Peixoto com engenho, arte e beleza, brindou o auditório lendo de autoria as "NOTAS PARA O ESTUDO DA VIDA E OBRA DE AFRÂNIO PEIXOTO", ilustradas pelo Suplemento nelas contido e intitulado "SEIXO ROLADO".

TAMANHA foi a satisfação da Academia e da assistência, que daí por diante houve uma Hora de Arte em homenagem ao Acadêmico Ruy Afrânia Peixoto.

TERMINADA ESSA, o Senhor Presidente prosseguiu com os trabalhos, dizendo aos Senhores Acadêmicos que teria lugar a eleição dos membros da Diretoria, da Comissão Fiscal e da Comissão Cultural.

ANTES, porém, que isto acontecesse foram lidas, para efeito de discussão e aprovação, as ATAS anteriores. Quanto à ATA de folhas 69 verso usque 71, de 30-10-1976, foi aprovada unanimemente, excluindo-se, todavia, do rol dos ausentes os Acadêmicos Godofredo Tinoco e Procópio Ferreira, face às justificações que apresentaram. Quanto à ATA de folhas 72 usque 74, também foi aprovada unanimemente, feita nela a retificação que se impõe no que tange à condição do poeta Guy Berçot de Maltos, apenas assistente e não Acadêmico.

O EXPEDIENTE LIDO, ao ensejo, constou de uma publicação feita no Fluminense, de 2-11-76, intitulada "Ruy fala de Afrânia Peixoto", remetida pelo poeta José Naegele; de uma missiva do Acadêmico Hugo Silva justificando o seu não comparecimento na sessão de 13-11-76; e de justificação, pelo Senhor Presidente, da ausência do Acadêmico Arthur Barrôco naquela Sessão.

ATO CONTINUO, foi processada a Eleição, pela forma secreta, dos membros da Diretoria, do Conselho Fiscal e do Conselho de Cultura, resultando assim a apuração: Para Presidente — com dez (10) votos — Murillo de Souza Araujo; para Vice-Presidente — com dez (10) votos — Latour Arueira; Para Secretário Geral — com dez (10) votos — Ruy Afrânia Peixoto; para Primeiro Secretário — com dez (10) votos — Antônio Bellot de Souza; para Segundo Secretário — com nove (9) votos — Alice de Oliveira; para Primeiro Tesoureiro — com oito (8) votos — Raymundo Linhares de Araujo; para Segundo Tesoureiro — com sete (7) votos — Arthur Barrôco; para Bibliotecário Arquivista — com oito (8) votos — Hugo Silva; e para Orador — com dez (10) votos — Ery Noeli Martuscello, membros da Diretoria. Horácio de Almeida — com dez

(10) votos; Alfredo de Moraes — com dez (10) votos; e Alcy Ribeiro Souto Maior — com dez (10) votos, membros do Conselho de Cultura. Eurysthenes de Almeida Pires — com dez (10) votos; Walter Faria Pacheco — com dez (10) votos; e Martinho José Tavares — com nove (9) votos, membros do Conselho Fiscal.

AFINAL, e designado o dia 4 de Dezembro próximo, às 18 horas, para a sessão preparatória do Encontro Natalino, foi esta encerrada pelo Senhor Presidente.

ATA DE 04 DE DEZEMBRO DE 1976, da SESSÃO SOLENE EXTRAORDINÁRIA DA ACADEMIA E CONCOMITANTEMENTE, DA SESSÃO ORDINÁRIA DA DIRETORIA.

LOCAIS: Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu, primeiro e depois, Sede Provisória.

ORDEM DO DIA: Panegírico do Acadêmico Walter Faria Pacheco a respeito do seu patrono — o imortal João Antônio de Barros Junior e Programa do Encontro Natalino.

ACADÊMICOS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Latour Arueira, Vice-Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, Antônio Bellot de Souza, Primeiro Secretário, Raymundo Linhares de Araujo, Primeiro Tesoureiro, Alice de Oliveira, Segundo Secretário, Alfredo Moraes, Alcy Ribeiro Souto Maior e Walter Faria Pacheco.

PESSOAS PRESENTES: em número de sete (7), destacando-se dentre elas o jornalista e trovador Lício Costa e a Sra. Dona Maria de Lourdes Franco Pacheco, esposa do Acadêmico Walter Pacheco.

ANUNCIADA A ORDEM DO DIA, o Senhor Presidente compôs a mesa e apresentou o Acadêmico Walter Faria Pacheco, destacando-lhe a personalidade como Advogado, Poeta e Trovador, bem assim como ex-Vereador e Secretário de Estado, que foi com relevo, e arrolando-o como brilhante Procurador do I.N.P.S. e Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Sub-Secção de Nova Iguaçu, sem o que não seria, como é membro desta Academia e de outras instituições de cultura. Deu-lhe, pois, a palavra para proferir o elogio de seu patrono o imortal João Antônio de Barros Junior.

ASSIM ACONTECENDO, o Acadêmico Walter Faria Pacheco foi demasiado feliz usando a universalidade na síntese e fazendo um panegírico do referido imortal que foi além da expectativa dos seus confrades e da dileta assistência que o aplaudiram com delírio, ainda mais quando assim concluiu o citado panegírico: "Entrementes, já tão consagrado o Imortal Barros Junior no posto de Juiz Municipal de Iguaçu, foi, depois, da Proclamação da República, em 1892, nomeado Juiz de Direito da Comarca de Antonina, no Estado do Paraná, e, em suma, nomeado Desembargador e eleito Presidente do Superior Tribunal de Justiça daquele Estado, onde veio a falecer em 1912, não se olvidando que as autoridades de Nova Iguaçu, homenageando tão ilustre intelectual e jurista, emprestaram o seu nome imortal a uma das ruas da cidade e a uma das salas do Forum".

EM SEGUIDA, teve lugar a entrega do diploma acadêmico ao confrade Walter Faria Pacheco por sua D.D. esposa Dona Maria de Lourdes Franco Pacheco e foi realizada, em sua homenagem, uma belíssima hora de Arte, na qual participaram todos os Acadêmicos presentes.

DAI POR DIANTE, e agora na sede provisória para onde se transportou a Academia, foi promovida uma sessão ordinária da Diretoria com a presença dos Acadêmicos já consignados, sendo certo que, abertos os trabalhos pelo Sr. Presidente, determinou a leitura da Ata da sessão anterior, que foi discutida e aprovada, feitas nela a retificação das expressões Conselho de Cultura e Conselho Fiscal para Comissão de Cultura e Comissão Fiscal. Por derradeiro, a Acadêmica Alcy, assessorada pela Acadêmica Alice, mas com a aprovação da diretoria, delineou o programa para o encontro Natalino a realizar-se no dia dezenove do corrente, às 19,00 (dezenove) horas, no Teatro Procópio Ferreira, e sendo, então, encerrada a sessão.

ATA DE 19 DE DEZEMBRO DE 1976, da SESSÃO SOLENE E EXTRAORDINÁRIA DA ACADEMIA

LOCAL: Teatro Procópio Ferreira.

ORDEM DO DIA: Encontro Natalino.

ACADÊMICOS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Latour Arueira, Vice-Presidente, Antônio Bellot de Souza, Primeiro Secretário, Alice de Oliveira, Segundo Secretário, Raymundo Linhares de Araujo, Primeiro Tesoureiro, Walter Faria Pacheco e Alcy Ribeiro Souto Maior, tendo sido pelo Sr. Presidente justificado a ausência do Acadêmico Ruy Afrânio Peixoto, por se encontrar em São Salvador e Lençóis, na Bahia, participando das comemorações do Centenário do Imortal Júlio Afrânio Peixoto.

PESSOAS PRESENTES: Em número de treze, destacando-se dentre elas o intelectual Licínio Costa, o Doutor Eurico de Oliveira, o poeta J.M. do Lago Leal, o Doutor Edson Souto Maior, os Poetas e Declamadores Romeu Gonçalves da Silva, Altair Dias Saraiva, Leopoldina Dias Saraiva, Helen Maria Gouveia, Angelice Martins Ribeiro, Maria de Jesus Lemos Nascimento, Simone Portino Vasconcelos, Clárcice Zoldan Vasconcelos, M.P. Vasconcelos, Ângela Lúcia e César Torraca.

AGORA, com a palavra o Senhor Presidente, mas impregnado de sentimentos cristãos, disse que a Academia ora promovia um ENCONTRO NATALINO em homenagem ao Deus Menino, que há dois mil anos vem presidindo os destinos da humanidade.

Para refúlgencia dessa solenidade transmitiu a palavra à poetisa e acadêmica Alcy Ribeiro Souto Maior, que a partir deste instante passou a dirigir os trabalhos alusivos ao Encontro Natalino, assessorada pela confrereira Alice de Oliveira. Assim acontecendo, a Acadêmica Alcy teceu considerações em torno do assunto e deu início a uma Hora de Arte Lítero Musical, cuja tônica foi o discurso do Acadêmico Antônio Bellot de Souza exaltando o Pensamento, por um lado e por outro, a declamação de poesias e de trovas, compreendidas nestas as líricas, filosóficas e humorísticas dos Intelectuais Romeu Gonçalves da Silva, Alcy Ribeiro Souto Maior, Walter Faria Pacheco, Latour Arueira, César Torraca, Murillo Araujo, Jorge Rechoen, Leopoldina Saraiva, Ângela Lúcia, Altair Saraiva, Helen Maria Gouveia, Alice de Oliveira, e Raymundo Linhares.

AFINAL, o Senhor Presidente encerrou a sessão em meio à uma manifestação effusiva da assistência.

ATA DE 11 DE MARÇO DE 1977, da SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ACADEMIA

LOCAL: Sede Provisória.

ORDEM DO DIA: Assuntos Gerais.

ACADÊMICOS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Latour Arueira, Vice-Presidente, Ruy Afrânio Peixoto, Secretário Geral, Antônio Bellot de Souza, Primeiro Secretário, Raymundo Linhares Araujo, Primeiro Tesoureiro, Alfredo de Moraes e Alcy Ribeiro Souto Maior.

PESSOAS PRESENTES: Doutores Eurico de Oliveira e Edson Souto Maior.

NÃO houve expediente a ser lido.

ANUNCIADA a ordem do dia, disse o Senhor Presidente, com a elegância que o caracteriza, eivada de inteligência e cultura, que o Anuário Acadêmico, cuja edição se impõe, já conta com as matérias dos confrades Hugo Silva, Alfredo de Moraes, Alcy Ribeiro Souto Maior, Murillo Araujo, Martinho Tavares, Alice de Oliveira, Ruy Afrânio Peixoto e Raymundo Linhares, esperando que os demais, levados pela sua compreensão, por sinal elevada, somem os seus esforços com aqueles no sentido de que o Anuário seja uma realidade benfazeja na devida oportunidade.

FORAM designados os dias dois de abril e sete de maio do próximo ano para os Acadêmicos Raymundo Linhares e Alice de Oliveira fazerem os elogios dos seus respectivos Patronos.

PELO Acadêmico Alípio Mendes foi expressa, por carta, a vontade de fazer o elogio do seu Patrono no segundo semestre do ano vindouro.

ENTREMENTES, pelo Acadêmico Antônio Bellot de Souza foi justificada a ausência do confrade Ery Martuscello.

FOI deliberado por unanimidade que as reuniões ordinárias da Academia serão realizadas aos segundos (2.ºs) sábado de cada mês às dez (10,00) horas.

PELO Acadêmico Ruy Afrânio Peixoto foi pedido e aprovado, à unanimidade, um voto de pesar pela morte de Luiz Octávio, Presidente Perpetuo da União Brasileira dos Trovadores.

PELO Acadêmico Antônio Bellot de Souza foi louvado o esforço acadêmico e ressaltada a escorreita direção do Senhor Presidente em prol da figuração da Academia no concerto da Cultura do Município e do País.

AINDA pelo Acadêmico Ruy Afrânio Peixoto foi proposto e aprovado um voto de louvor à confrade Alcy Ribeiro Souto Maior pela publicação do seu livro de trovas intitulado "Alvorada e Crepúsculos", havendo, em sua homenagem, a leitura de suas trovas pelos Acadêmicos presentes.

AFINAL, o Senhor Presidente encerrou a sessão.

ATA DE 02 DE ABRIL DE 1977, da SESSÃO SOLENE E EXTRAORDINÁRIA DA ACADEMIA

LOCAL: Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu.

ORDEM DO DIA: Elogio do Acadêmico Raymundo Linhares de Araujo sobre seu patrono — O imortal Castro Alves.

ACADÉMICOS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Latour Arueira, Vice-Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, Antônio Bellot de Souza, Primeiro Secretário, Alice de Oliveira, Segundo Secretário, Raymundo Linhares de Araujo, Primeiro Tesoureiro, Ery Noeli Martuscello, orador, Hugo Silva, Bibliotecário Arquivista, Orlando Canaan, e Walter Faria Pacheco.

FESSOAS PRESENTES: Em número de vinte e uma, destacando-se entre elas a Senhora Doutora Zelair Bellienes Linhares ilustre psiquiatra.

COMPOSTA A MESA, o Senhor Presidente anunciou a ordem do dia e discorreu sobre a personalidade do Acadêmico Raymundo Linhares de Araujo, ocupante da Cadeira Patronímica de Castro Alves, de cujo elogio está encarregado por força das normas regimentais. Assim é que o Senhor Presidente ressaltou, para gôudio da assistência, que o ilustre Acadêmico é Cearense da cidade de Sobral, fez o curso primário em Glaíras e o de humanidades no Liceu da Capital do seu Estado natal, culminando por diplomar-se em Direito na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Então Advogado no Rio e nas Cidades adjacentes, com raro brilho, tornou-se Procurador do I.N.P.S.. Orador e poeta por vocação foi fundador da Academia Centrista de Letras e integrou a Primeira Antoigia do Escritor Iguaçuano. Pelo seu alto valor intelectual, através das obras inéditas: "Mororó — O Herói Desconhecido", "Poemas Esquecidos" e "Verdes Cantilenes", somadas aos títulos acima, transpõe os umbrais desta Academia de Letras e Artes.

COM A PALAVRA, pois, o Acadêmico Raymundo Linhares de Araujo, inteiramente identificado com a prosa e poesia, fez o elogio do seu patrono — o imortal Castro Alves, como se fôra êmulo deste bardo, arrebato, assim, os confrades e a dileta e culta assistência, ainda mais quando citou demoradamente a obra do saudoso imortal e disse da significação da mesma na contextura social e política da época e da sua perpetuação no futuro.

ENTÃO, muito ovacionado, o Acadêmico Raymundo Linhares de Araujo recebeu o diploma respectivo.

AFINAL, teve lugar uma Hora de Arte com a participação de todos os Acadêmicos e do casal Ruth e Armando, sendo assim encerrada a sessão.

ATA DE 16 DE ABRIL DE 1977, da SESSÃO ORDINARIA DA DIRETORIA

LOCAL: Sede Provisória.

ORDEM DO DIA: Assuntos Gerais.

ACADÉMICOS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, Antônio Bellot de Souza, Primeiro Secretário, e Alice de Oliveira.

FESSOA PRESENTE: Doutor Eurico de Oliveira.

Não houve expediente a ser lido.

AGORA, com a palavra o Senhor Presidente manifestou-se bastante alegre com os resultados dos trabalhos da Academia pela sua repercussão nos meios intelectuais, ressaltando que as posses sucessivas dos Acadêmicos, com a assistência que têm feito jus, são a melhor comprovação da sua existência. E a Acadêmica Alice de Oliveira, por seu turno, fez causa comum com o Senhor Presidente, acentuando o seu propósito

de empregar todos os seus esforços no sentido de que a solenidade, próxima, do elogio que fará do seu patrono não se desmereça diante das demais.

AFINAL, foram lidas e aprovadas as atas das Sessões de 4 de Dezembro de 1976, de 19 de Dezembro de 1976, de 11 de Março de 1977, e de 2 de Abril de 1977, sendo encerrada esta.

ATA DE 07 DE MAIO DE 1977, da SESSÃO SOLENE E EXTRAORDINÁRIA DA ACADEMIA

LOCAL: Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu.

ORDEM DO DIA: Elogio da Acadêmica Alice de Oliveira ao seu patrono — O imortal Augusto de Lima.

ACADÉMICOS PRESENTES: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Latour Arueira, Vice-Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, Antônio Bellot de Souza, Primeiro Secretário, Alice de Oliveira, Segundo Secretário, Raymundo Linhares de Araujo, Primeiro Tesoureiro, Hugo Silva, Bibliotecário Arquivista, Eurysthenes de Almeida Pires e Jayme de Orlando Canaan.

PESSOAS PRESENTES: em número de noventa e seis, destacando-se entre elas o poeta e trovador Damião Mendonça de Santana, a declamadora Eunice Barros, representantes de Academias de Letras e de Institutos de Educação, os intelectuais João da Matta, Iara Nathan, Jorge Rechoen e a declamadora Martha Lombardelli.

ABERTA a sessão pelo Senhor Vice-Presidente e composta a mesa, foi pelo mesmo anunciada a ordem do dia e feita de logo a apresentação da Acadêmica Alice de Oliveira ao auditório. Assim é que o Senhor Vice-Presidente acentuou que o nome da referida Acadêmica já ultrapassou as fronteiras do Estado, por declamadora, poetisa e trovadora, que o é com fama e glória merecidas. Daí participar de várias entidades literárias e culturais, tais como o Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, a Sociedade dos Homens de Letras do Brasil, a Academia Paracambriense de Letras, a Academia Nilopolitana de Letras, a Academia Brasileira de Trovas, o Ateneu Angrense de Letras e a Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu. Saliente-se que arrola, também, os títulos de professora e jornalista. Sendo Natural de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, radicou-se há anos no Rio de Janeiro e exerce suas atividades intelectuais aqui, ali e alhures. Vale a pena, pois, ouvi-la, disse enfaticamente o Senhor Vice-Presidente.

A ESSA ALTURA, chegou o Senhor Presidente, Murillo de Souza Araujo, que assumiu a direção dos trabalhos, sendo certo que o mesmo adiou pouquissimo ou quase nada à apresentação da referida Acadêmica feita pelo Senhor Vice-Presidente.

AGORA, com a palavra a Acadêmica Alice de Oliveira, com nuances parnasianas e olímpicas, isto é, como se uma Musa ou uma Deusa, vestida de graça, de beleza, de inteligência e de cultura, conduziu os confrades e a assistência à regiões siderais do pensamento, tais a forma e o conteúdo do panegírico que fez do seu patrono — o imortal Augusto de Lima. Então, muito ovacionada por todos os presentes, a Acadêmica Alice de Oliveira recebeu o seu respectivo diploma, cuja entrega lhe foi feita pelo Ilustre Varão seu marido Doutor Eurico de Oliveira. Depois

desse evento por demais agradável, teve lugar uma Hora de Arte sob a direção da intelectual Yara Nathan, fazendo-se ouvir os Acadêmicos Antônio Bellot de Souza, Raymundo Linhares de Araujo e Jayme de Orlando Canaan, os declamadores João da Mata, Eunice Barros e Martha Lombardelli bem assim o Senhor Presidente, Murillo de Souza Araujo, com requintada inteligência e cultura, que afinal encerrou a sessão.

RESUMO DE ATIVIDADES

FATOS E ATOS CONSTITUTIVOS DA ACADEMIA DE LETRAS E ARTES DE NOVA IGUAÇU, no período — DE 02-02-1975 a 14-05-1977.

| | |
|---|----|
| Sessões Preparatórias | 11 |
| Sessão de Instalação | 1 |
| Sessões Ordinárias da Diretoria | 5 |
| Sessões Ordinárias da Diretoria e, concomitantemente, Extraordinárias da Academia | 2 |
| Sessões Solenes e Extraordinárias da Academia | 12 |
| TOTAL | 31 |

1) NA 1a. SESSÃO PREPARATÓRIA DA ACADEMIA, em 02-02-1975, às fls. 1/2, os presentes deliberaram a sua FUNDAÇÃO. A sessão foi presidida pelo poeta Murillo de Souza Araujo e secretariada pelo professor Jayme de Orlando Canaan, sendo certo que discursaram os intelectuais Ruy Afrânia Peixoto, Horácio de Almeida, Antônio Bellot de Souza, Raymundo Nonato, Jackson Trindade, Milton Loureiro e Jayme de Orlando Canaan. Foi eleita, por aclamação, a Diretoria Provisória, constituída dos seguintes membros: Murillo de Souza Araujo, Presidente, Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral, Jayme de Orlando Canaan, Primeiro Secretário, Antônio Bellot de Souza, Segundo Secretário, e Milton Olivetti, Tesoureiro. Foi, também, eleita, por aclamação, a Comissão Cultural, constituída dos seguintes membros: Ruy Afrânia Peixoto, Antônio Bellot de Souza, Murillo de Souza Araujo, Milton Olivetti e Wandeck Pereira.

2) NA 2a. SESSÃO PREPARATÓRIA, em 23-02-1975, às fls. 3/5, foram discutidos e aprovados os ESTATUTOS, a divisa da Academia "CULTURA PELAS LETRAS E PELAS ARTES" e o QUADRO DE PATRONOS, assim constituído: — Afonso Arinos de Melo Franco — Cadeira n.º 1; Afonso Celso — Cadeira n.º 2; Afrânia Peixoto — Cadeira n.º 3; Alberto de Oliveira — Cadeira n.º 4; Augusto dos Anjos — Cadeira n.º 5; Augusto de Lima — Cadeira n.º 6; Alvaro de Azevedo — Cadeira n.º 7; Bernardino Lopes — Cadeira n.º 8; Barros Junior Cadeira n.º 9; Casemiro de Abreu — Cadeira n.º 10; Castro Alves — Cadeira n.º 11; Clóvis Bevíqua — Cadeira n.º 12; Coelho Neto — Cadeira n.º 13; Cruz e Souza — Cadeira n.º 14; D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho — Cadeira n.º 15; Emílio de Menezes — Cadeira n.º 16; Euclides da Cunha — Cadeira n.º 17; — Fagundes Varela — Cadeira n.º 18; Gonçalves Dias — Cadeira n.º 19; José de Alencar — Cadeira n.º 20; José Maurí-

cio — Cadeira n.º 21; José do Patrocínio — Cadeira n.º 22; José Veríssimo — Cadeira n.º 23; João Caetano — Cadeira n.º 24; João Ribeiro — Cadeira n.º 25; Julio Ribeiro — Cadeira n.º 26; Joaquim Nabuco — Cadeira n.º 27; Joaquim Manoel de Macedo — Cadeira n.º 28; Machado de Assis — Cadeira n.º 29; Paulo Setubal — Cadeira n.º 30; Olavo Bilac — Cadeira n.º 31; Oswaldo Cruz — Cadeira n.º 32; Juliano Moreira — Cadeira n.º 33; Raimundo Correia — Cadeira n.º 34; Ruy Barbosa — Cadeira n.º 35; Raul de Leoni — Cadeira n.º 36; Ronald de Carvalho — Cadeira n.º 37; Silvio Romero — Cadeira n.º 38; Tobias Barreto — Cadeira n.º 39; e Vicente de Carvalho — Cadeira n.º 40.

3) NA 3a. SESSÃO PREPARATÓRIA, em 06-03-1975, às fls. 6, foi noticiado o REGISTRO DOS ESTATUTOS no Cartório do 3.º Ofício desta Comarca, no Livro n.º A7, sob o número 1.700.

4) NA 5a. SESSÃO PREPARATÓRIA, em 03-04-1975, foi feita a substituição do nome de Julio Ribeiro, patrono da Cadeira n.º 26, pelo do imortal João Manoel Pereira da Silva.

5) Na 6a. SESSÃO PREPARATÓRIA, em 17-04-1975, às fls. 9, foi instituído o "COLAR ACADÉMICO".

6) NA SESSÃO de 12-10-1975, às fls. 15/19, alusiva à INSTALAÇÃO DA ACADEMIA, discursaram o Presidente Murillo de Souza Araujo, o Paraninfo Horácio de Almeida e o Acadêmico Anazildo Ribeiro. Tomaram posse coletiva os Acadêmicos fundadores, quais: Ruy Afrânia Peixoto na Cadeira n.º 3, patronímica de Afrânia Peixoto; José Carlos Peixoto na Cadeira n.º 4, patronímica de Alberto de Oliveira; Ery Noeli Martuscello na Cadeira n.º 5, patronímica de Augusto dos Anjos; Latour Arueira na Cadeira n.º 8, patronímica de Bernardino Lopes; Raymundo Linhares de Araujo na Cadeira n.º 11, patronímica de Castro Alves; Murillo de Souza Araujo na Cadeira n.º 14, patronímica de Cruz e Souza; Arthur Barrôco na Cadeira n.º 16, patronímica de Emílio de Menezes; Antônio Bellot de Souza na Cadeira n.º 22, patronímica de José do Patrocínio; Godofredo Tinoco na Cadeira n.º 29, patronímica de Machado de Assis; Anazildo Ribeiro na Cadeira n.º 31, patronímica de Olavo Bilac; Hugo Silva na Cadeira n.º 32, patronímica de Oswaldo Cruz; Valcir Almeida na Cadeira n.º 35, patronímica de Ruy Barbosa; Alfredo de Moraes na Cadeira n.º 38, patronímica de Silvio Romero; e Martinho José Tavares na Cadeira n.º 5, patronímica de Alvaro Azevedo.

7) NA SESSÃO de 23-11-1975, às fls. 20/22, tomou posse o Acadêmico Eurysthenes de Almeida Pires na Cadeira n.º 24, patronímica de José de Alencar; foi discutido e aprovado o REGIMENTO INTERNO DA ACADEMIA e foram eleitas, para o período de 02-02-1976 a 02-02-1977, a Diretoria, a Comissão Fiscal e a Comissão de Cultura, constituídas dos seguintes membros: Murillo de Souza Araujo, Presidente; Latour Arueira, Vice-Presidente; Ruy Afrânia Peixoto, Secretário Geral; Antônio Bellot de Souza, Primeiro Secretário, Jayme de Orlando Canaan, Segundo Secretário; Raymundo Linhares de Araujo, Primeiro Tesoureiro; Ery Noeli Martuscello, Segundo Tesoureiro; Anazildo Ribeiro, Orador; e Hugo Silva, Bibliotecário Arquivista, — da Diretoria. Eurysthenes de Almeida Pires, Ery Noeli Martuscello e Arthur Barrôco, — da Comissão Fiscal. Ruy Afrânia Peixoto, Alfredo de Moraes e Raymundo Linhares de Araujo, da Comissão de Cultura.

8) NA SESSÃO de 20-12-1975, às fls. 23/24, tomaram posse os Acadêmicos Jayme de Orlando Cannan na Cadeira n.º 10, patronímica de Casemiro de Abreu; Alice de Oliveira na Cadeira n.º 6, patronímica de Augusto de Lima; e Walter de Faria Pacheco na Cadeira n.º 9, patronímica de Barros Junior.

9) NA SESSÃO de 01-02-1976, às fls. 24/26, tomaram posse os membros da Diretoria, da Comissão Fiscal e da Comissão de Cultura, bem como o Acadêmico Oswaldo de Assumpção do Rêgo Filho na Cadeira n.º 18, patronímica de Fagundes Varela.

10) NA SESSÃO de 21-02-1976, discursou o Acadêmico Antônio Bellot de Souza a respeito do Aniversário da Academia e foi feito pelo Oswaldo de Assumpção do Rego Filho, panegírico do seu patrono — o imortal Fagundes Varela.

11) NA SESSÃO de 23-03-1976, às fls., 27/28, foi feito pelo Acadêmico Hugo Silva o panegírico do seu patrono — o imortal Oswaldo Cruz.

12) FOI LAVRADO NO LIVRO PRÓPRIO, em 21-04-1976, o Termo de posse do Acadêmico Dalmo Freire Barreto na Cadeira n.º 21, patronímica de João Manoel Pereira da Silva.

13) NA SESSÃO de 17-05-1976, às fls. 28/29, foi aprovada uma advertência aos Acadêmicos ausentes e instituído o pagamento, pelos Acadêmicos, da mensalidade de Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros) a partir do mês corrente.

14) NA SESSÃO de 12-06-1976, às fls. 29/30, foi feito pelo Acadêmico Murillo de Souza Araújo o panegírico do seu patrono — o imortal Cruz e Souza.

15) NA SESSÃO de 10-07-1976, às fls. 30/31, foi feito pelo Acadêmico Jayme de Orlando Canaan o panegírico do seu patrono — o imortal Casemiro de Abreu.

16) NA SESSÃO de 28-8-1976, às fls. 31/32, foi concedido um prazo de 30 (trinta) dias aos Acadêmicos ausentes para determinarem a data do elogio dos seus respectivos patronos.

17) NA SESSÃO de 26-09-1976, às fls. 32/33, foi feito pelo Acadêmico Ery Martuscello o panegírico do seu patrono — o imortal Augusto dos Anjos.

18) NA SESSÃO DE 09-10-1976, às fls. 33/34, foi feito pelo Acadêmico Eurysthenes de Almeida Pires o elogio do seu patrono — o imortal José de Alencar.

19) NA SESSÃO de 30-10-1976, às fls. 35/36, foram instituídos o ENCONTRO NATALINO e o ANUÁRIO DA ACADEMIA, escolhendo-se para dirigir este a seguinte Comissão: Murillo de Souza Araújo, Raymundo Linhares de Araújo, Antônio Bellot de Souza, Ruy Afrânia Peixoto e Walter Faria Pacheco. Foi deliberada, ainda, a abertura de inscrições para o preenchimento das Cadeiras vagas e a renovação de entendimentos com os Acadêmicos ausentes no que tange à sua posse e ao elogio dos seus patronos, sob pena de integrarem um quadro complementar ou extra, com a perda dos respectivos patronos.

do Linhares de Araújo, Antônio Bellot de Souza, Ruy Afrânia Peixoto e Walter Faria Pacheco. Foi deliberada, ainda, a abertura de inscrições para o preenchimento das Cadeiras vagas e a renovação de entendimentos com os Acadêmicos ausentes no que tange à sua posse e ao elogio dos seus patronos, sob pena de integrarem um quadro complementar ou extra, com a perda dos respectivos patronos.

20) NA SESSÃO de 13-11-1976, às fls. 36/37, foi feita pela Acadêmica Alcy Ribeiro Souto Maior o panegírico do seu patrono — o imortal José Maurício.

21) NA SESSÃO de 23-11-1976, às fls 37/39, foi feito pelo Acadêmico Ruy Afrânia Peixoto o elogio do seu patrono — o imortal Afrânia Peixoto. Foram eleitas a Diretoria, a Comissão Fiscal e a Comissão de Cultura, para o período de 02-02-1977 a 02-02-1978, resultando, assim, a apuração dos votos: Para Presidente — Murillo de Souza Araújo, com 10 votos; para Vice-Presidente — Latour Arueira, ccm 10 votos; para Secretário Geral — Ruy Afrânia Peixoto, com 10 votos; para Primeiro Secretário — Antônio Bellot de Souza, com 10 votos; para Segundo Secretário — Alice de Oliveira, com 9 votos; para Primeiro Tesoureiro — Raymundo Linhares de Araújo, com 8 votos; para Segundo Tesoureiro — Arthur Barrôco, com 7 votos; para Bibliotecário Arquivista — Hugo Silva, com 8 votos; e para Orador — Ery Noeli Martuscello, com 10 votos; MEMBROS DA DIRETORIA. Horácio de Almeida, Alfredo de Moraes e Alcy Ribeiro Souto Maior, com 10 votos respectivamente; MEMBROS DA COMISSÃO DE CULTURA. Eurysthenes de Almeida Pires, com 10 votos, Walter Faria Pacheco, com 10 votos, e Martinho José Tavares, com 9 votos; MEMBROS DA COMISSÃO FISCAL.

22) NA SESSÃO de 4-12-1976, às fls. 39/40, foi feito pelo Acadêmico Walter Faria Pacheco o panegírico do seu patrono — o imortal Barros Junior.

23) NA SESSÃO de 19-12-1976, às fls. 41/42, foi realizado o ENCONTRO NATALINO DA ACADEMIA.

24) NA SESSÃO de 02-04-1976, às fls. 43/44, foi feito pelo Acadêmico Raymundo Linhares de Araújo o elogio do seu patrono — imortal Castro Alves.

25) NA SESSÃO de 07-05-1977, às fls. 45/47 foi feito pela Acadêmica Alice de Oliveira o elogio do seu patrono — o imortal Augusto de Lima.

DIRETORIA

Presidente — MURILLO DE SOUZA ARAUJO
Vice-Presidente — LATOUR ARUEIRA
Secretário-Geral — RUY AFRÂNIO PEIXOTO
1º Secretário — ANTÔNIO BELLOT DE SOUZA
2º Secretário — ALICE DE OLIVEIRA
1º Tesoureiro — RAIMUNDO LINHARES DE ARAUJO
2º Tesoureiro — ARTHUR BARRÔCO
Bibliotecário-Arquivista — HUGO SILVA
Orador Oficial — ERY NOELI MARTUSCELLO

COMISSÃO DE CULTURA

ALCY RIBEIRO SOUTO MAIOR
ALFREDO MORAES
HORÁCIO DE ALMEIDA

CONSELHO FISCAL

EURYSTHENES DE ALMEIDA PIRES
MARTINHO JOSÉ TAVARES
WALTER FARIA PACHECO

QUADRO DE PATRONOS

Cadeira nº 1 — AFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO
 Cadeira nº 2 — AFONSO CELSO
 Cadeira nº 3 — AFRÂNIO PEIXOTO
 Cadeira nº 4 — ALBERTO DE OLIVEIRA
 Cadeira nº 5 — ALVARES DE AZEVEDO
 Cadeira nº 6 — ANTONIO DE BARROS JUNIOR
 Cadeira nº 7 — AUGUSTO DOS ANJOS
 Cadeira nº 8 — AUGUSTO DE LIMA
 Cadeira nº 9 — BERNARDINO LOPES
 Cadeira nº 10 — CASEMIRO DE ABREU
 Cadeira nº 11 — CASTRO ALVES
 Cadeira nº 12 — CLÓVIS BELIVÁQUA
 Cadeira nº 13 — COELHO NETO
 Cadeira nº 14 — CRUZ E SOUZA
 Cadeira nº 15 — EMÍLIO DE MENEZES
 Cadeira nº 16 — EUCLIDES DA CUNHA
 Cadeira nº 17 — FAGUNDES VARELA
 Cadeira nº 18 — FRANCISCO DE LEMOS FARIA PEREIRA COUTINHO
 Cadeira nº 19 — GONÇALVES DIAS
 Cadeira nº 20 — JOÃO CAETANO
 Cadeira nº 21 — JOAO MANOEL PEREIRA DA SILVA
 Cadeira nº 22 — JOAQUIM NABUCO
 Cadeira nº 23 — JOAQUIM MANOEL DE MACEDO
 Cadeira nº 24 — JOSÉ DE ALENCAR
 Cadeira nº 25 — JOSÉ MAURÍCIO
 Cadeira nº 26 — JOSÉ DO PATROCÍNIO
 Cadeira nº 27 — JOSÉ VERÍSSIMO
 Cadeira nº 28 — SILVINO HIPÓLITO DE AZEREDO
 Cadeira nº 29 — MACHADO DE ASSIS
 Cadeira nº 30 — OLAVO BILAC
 Cadeira nº 31 — OSVALDO CRUZ
 Cadeira nº 32 — PAULO SETÚBAL
 Cadeira nº 33 — RAIMUNDO CORREIA
 Cadeira nº 34 — RAUL DE LEONE
 Cadeira nº 35 — RAUL POMPÉIA
 Cadeira nº 36 — RONALD DE CARVALHO
 Cadeira nº 37 — RUI BARBOSA
 Cadeira nº 38 — SILVIO ROMERO
 Cadeira nº 39 — TOBIAS BARRETO
 Cadeira nº 40 — VICENTE DE CARVALHO

QUADRO DOS MEMBROS DA ACADEMIA DE LETRAS E ARTES
DE NOVA IGUAÇU — ALANI

(ORDEM ALFABÉTICA)

ALCYR RIBEIRO SOUTO MAIOR
 CADEIRA-25 — PATRONO: JOSÉ MAURÍCIO — Rua Marquês de Olinda, 61/F/206, Botafogo — Rio de Janeiro

ALFREDO DE MORAES
 CADEIRA-38 — PATRONO: SILVIO ROMERO — Rua D. Delfina, 15/106, Tijuca — Rio de Janeiro

ALICE DE OLIVEIRA
 CADEIRA — 8 — PATRONO: AUGUSTO DE LIMA — Rua Senador Vergueiro, 35/1.204, Catete — Rio de Janeiro

ALÍPIO MENDES
 CADEIRA — 35 — PATRONO: RAUL POMPÉIA — Trav. Santa Luzia, 27, Angra dos Reis, Centro — Est. do Rio de Janeiro

ANAZILDO RIBEIRO
 CADEIRA — 30 — PATRONO: OLAVO BILAC — Rua Henrique Valadares, 17/901, Centro — Rio de Janeiro

ARTHUR BARRÔCO
 CADEIRA — 15 — PATRONO: EMÍLIO DE MENEZES — C. Postal, 470 — Nova Iguaçu

CYBELLE DE IPANEMA
 CADEIRA — 18 — PATRONO: FRANCISCO PEREIRA COUTINHO — Rua Muapire, 271, Ilha do Governador — Rio de Janeiro

DALMO FREIRE BARRETO
 CADEIRA — 21 — PATRONO: JOÃO MANOEL PEREIRA DA SILVA — Rua Pereira Nunes, 90/901, Ingá — Niterói

EDER RODRIGUES
 CADEIRA — 12 — PATRONO: CLÓVIS BELIVÁQUA — Rua Manoel Teixeira, 48, casa 3, Comendador Soares — Nova Iguaçu

ERY NOELI MARTUSCELLO
 CADEIRA — 7 — PATRONO: AUGUSTO DOS ANJOS — Rua Dr. Rejane Pedro Equi, 43, Centro — Nova Iguaçu

EURYSTHENES DE ALMEIDA PIRES
 CADEIRA — 24 — PATRONO: JOSÉ DE ALENCAR — Rua Hermenegildo de Barros, 85, Santa Teresa — Rio de Janeiro

GODOFREDO TINOCO

CADEIRA — 29 — PATRONO: MACHADO DE ASSIS — Rua Gustavo Sampaio, 98/1.201, Leme — Rio de Janeiro

RUY BERÇOT DE MATTOS

CADEIRA — 13 — PATRONO: COELHO NETO — Rua Sebastião Herculano de Mattos, 33, Centro — Nova Iguaçu

HORACIO DE ALMEIDA

CADEIRA — 27 — PATRONO: JOSÉ VERÍSSIMO — Rua Rodolfo Dantas, 87/703, Centro — Rio de Janeiro

HUGO SILVA

CADEIRA — 31 — PATRONO: OSVALDO CRUZ — Rua Conde de Afonso Celso, 89/201, Gávea — Rio de Janeiro

JACKSON TRINDADE

CADEIRA — 39 — PATRONO: TOBIAS BARRETO — Procuradoria da República, Centro — Brasília

JAYME DE ORLANDO CANAAN

CADEIRA — 10 — PATRONO: CASEMIRO DE ABREU — Avenida Amaral Peixoto, 55/303, Centro — Nova Iguaçu

JOÃO PROCÓPIO FERREIRA

CADEIRA — 20 — PATRONO: JOÃO CAETANO — Rua Comendador Francisco Baroni, 159, K-11 — Nova Iguaçu

JOSÉ CARLOS PEIXOTO

CADEIRA — 4 — PATRONO: ALBERTO DE OLIVEIRA — Rua Menna Barreto, 61, Centro — Nilópolis

JOSÉ NAEGELE

CADEIRA — 16 — PATRONO: EUCLIDES DA CUNHA — Rua General Rondon, 217, S. Francisco — Niterói

LATOUE ARUEIRA

CADEIRA — 9 — PATRONO: BERNARDINO LOPES — Av. Amaral Peixoto, 195/1.001, Centro — Niterói

OSWALDO ASSUMPÇÃO REGO FILHO

CADEIRA — 17 — PATRONO: FAGUNDES VARELA — Rua Vital Brasil, 201, Centro — Niterói

MARCELLO DE IPANEMA

CADEIRA — 28 — PATRONO: SILVINO HIPÓLITO DE AZEREDO — Rua Maruipe, 271, Ilha do Governador — Rio de Janeiro

MARIA DA CONCEIÇÃO PIRES DE MELO

CADEIRA — 34 — PATRONO: RAUL DE LEONE — Rua Moreira Cesar, 388/506, Centro — Niterói

MARTINHO JOSÉ TAVARES

CADEIRA — 5 — PATRONO: ALVARES DE AZEVEDO — Rua Luiz Padrez, 220, Centro — Nilópolis

MURILO DE SOUZA ARAÚJO

CADEIRA — 14 — PATRONO: CRUZ E SOUZA — Rua Santa Catarina, 474, Mesquita — Nova Iguaçu

RAIMUNDO ARAUJO

CADEIRA — 36 — PATRONO: RONALD DE CARVALHO — Rua Carmela Dutra, 1785, Centro — Nilópolis

RAIMUNDO LINHARES DE ARAUJO

CADEIRA — 11 — PATRONO: CASTRO ALVES — Av. Marechal Floriano Peixoto, 2161, Centro — Nova Iguaçu

RUY AFRÂNIO PEIXOTO

CADEIRA — 3 — PATRONO: AFRÂNIO PEIXOTO — Rua Afrânio Peixoto, 99, Centro — Nova Iguaçu

VALCIR ALMEIDA

CADEIRA — 37 — PATRONO: RUI BARBOSA — Rua Kennedy, 101, Centro — Nova Iguaçu

WALTER FARIA PACHEGO

CADEIRA — 6 — PATRONO: ANTONIO DE BARROS JÚNIOR — Rua Com. Francisco Baroni, 1153, Centro — Nova Iguaçu

ACADEMIAS DE LETRAS DOS ESTADOS DO BRASIL**ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS**

Rua Ramos Ferreira, 1009 — Manaus — AM

ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS

Rua 13 de Maio, 89 — Belém — PA

ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS

Rua Colares Moreira, 84 — São Luís — MA

ACADEMIA PIAUENSE DE LETRAS

Rua Coelho de Resende, 173 — N — 64000 — Teresina — PI

ACADEMIA CEARENSE DE LETRASRua Pedro Borges, 33 — Palácio Progresso, 12.^º andar, 60.000, Fortaleza — CE**ACADEMIA NORTE RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

Rua Mipibu, 443 — Natal — Rio Grande do Norte — RN

ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS

Rua Duque de Caxias, 25 — João Pessoa — 58.000 — PB

ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS

Avenida Rui Barbosa, 1596 — Ponte d'Uchoa — Recife — PE

ACADEMIA ALAGOANA DE LETRAS

Praça Deodoro da Fonseca — Maceió — AL

ACADEMIA SERGIPANA DE LETRASPraça Fausto Cardoso, 348 — 1^º andar — Aracaju — SE**ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA**

Praça 15 de Novembro — Terreiro de Jesus — Salvador — BA

ACADEMIA ESPRITOSANTENSE DE LETRAS

Avenida da República, 224 — Vitória — ES

ACADEMIA CARIOCA DE LETRASAv. Augusto Severo, 8, 3^º andar, CEP — 20.000, Rio de Janeiro

ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

Praça da República, Ed. da Biblioteca Municipal — Niterói — RJ

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

Largo do Arouche, 312 — São Paulo — SP

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS

Rua José Loreiro, nº 316 — Curitiba — PR

ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS

C. P. nº 912 — Florianópolis — SC

ACADEMIA RIO — GRANDENSE DE LETRAS

Rua dos Andradas, 1234 — Porto Alegre — RS

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Rua dos Carijós, 150 — Belo Horizonte — MG

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Rua Barão de Melgaço, 1.485 — Cuiabá — MT

ACADEMIA GOIANA DE LETRAS

Avenida Goiás, 310 — S — nº 905 — Ed. Vila Boa — Goiânia — GO

ACADEMIA ACREANA DE LETRAS

Rio Branco — AC.

O PATRONO DA ACADEMIA**FRANCISCO RANGEL PESTANA**

Nascido na Vila de Iguaçu, em 26 de novembro de 1839, era, Francisco Rangel Pestana, filho de um benquisto cidadão que exerceu os cargos de Secretário da Câmara, Partidor de Órfãos, Agente do Correio, Contador e Distribuidor da mesma Vila.

Tendo ido para S. Paulo estudar Direito, ali se bacharelou em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito de S. Paulo, ingressando, desde cedo, nos movimentos em prol da República, cerrando fileira no Partido Republicano Paulista.

Jornalista vigoroso dirigiu o "Futuro", a "Época", o "Correio Nacional" e a "Opinião Liberal".

A partir de 1875 colabora assiduamente na "Província de S. Paulo" (atual Estado de S. Paulo).

No Império foi várias vezes eleito deputado, tendo pronunciado discursos sobre a forma de Governo republicano.

Com a Proclamação da República acompanha Souza Mursa e Prudente de Moraes no triunvirato paulista do Governo Provisório, fazendo parte, a seguir, do Congresso Constituinte, como representante de S. Paulo.

Em 1893 foi vice-presidente do Barco da República e seu presidente em 1895, tendo sido, nesta época, eleito Senador pelo Estado do Rio de Janeiro cuja presidência exerceu em 1900.

Faleceu em S. Paulo, em 1903, aos 64 anos.

GALERIA ACADÊMICA

NOTAS BIOGRÁFICAS DO ACADÉMICO

Alcy Ribeiro
Souto Maior



Alcy Ribeiro Souto Maior, brasileira, nascida no Rio de Janeiro em 1920.

Pertence à Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu, e a União Brasileira de Trovadores.

Como grau de instrução possui o curso ginásial do Ginásio Vinte e Oito de Setembro, curso de piano no Colégio das Santas Dorotéias de Nova Friburgo e curso de pintura da Academia Próspero Karan.

Como compositora é possuidora de três premiações no Conservatório Brasileiro de Música.

Como pintora, medalha de bronze da Escola Nacional de Belas Artes.

Como poetisa e trovadora, 72 premiações, sendo 11 primeiros lugares em poesia e 8 em trovas.

Possui três livros publicados: "Cartas à minha Debutante", "Lareira Acesa em Noite de Frio" e "Alvoradas e Crepúsculos".

Alcy Ribeiro Souto Maior

Rio de Janeiro, 1977

ANTÔNIO

(Conto de Alcy Ribeiro Souto Maior)

Domingos José Correia Botelho de Mesquita e Meneses, D. Rita Teresa Margarida Preciosa da Veiga Castelo Branco e mais Manuel, Simão, Maria, Ana, Baltasar e outros, sentados à beira do palco, viveriam das a instantes, mais quatro longas horas de ensaio do romance de Camilo Castelo Branco: Amor de Perdição; estória passada na fidalga linhagem de Vila-Real de Trás-os-Montes por volta do ano de 1779.

O dia da estréia aproximava-se e o povo seletivo de Lisboa aguardava-a ansiosa.

Ao pronunciarem as primeiras palavras do escritor, à porta do fundo aparece um menino, de doze anos aproximadamente, rosto miúdo e dois olhos grandes e negros, assustado, tímido e se põe a olhar o palco e seus componentes. Estava descalço e trazia o peito nu.

— O que queres tu? Indaga Rita Preciosa.

— Só ver, responde o menino. Só ver.

— Mas aqui tu não poderás ficar.

— É que desejo ser artista e aqui vim para ver ser encontro alguém que me ensine a representar.

Era evidente que a sua permanência naquele palco, onde se ensaiava com toda a sua intensidade as cenas emocionantes do célebre romance, não poderia ser admitida.

Resolveram então os artistas para o ensaio. Chamaram a si o garoto e lhe indagaram:

— Em primeiro lugar diga-nos como te chama.

— Chamo-me Antônio. Meu pai bebe muito, espanca-nos a mim e a meus irmãos e me obriga a trabalhar. Pouco sei fazer e acho isto aqui tão bonito... Vejo sempre pela televisão de um amigo o que fazem os artistas; sabendo da existência deste teatro, aqui vim a pedir-lhes que me ensinem a fazer isto que fazem os senhores. Ensine-me a representar. Faria eu assim a vontade de meu pai trabalhando e também a minha que é a de ser artista.

Assim falando suas pupilas se dilatavam, suas pequeninas mãos tremiam e seus gestos evidenciavam a criança inquieta e sofrida.

Meu pai — continua ele — é bom, os senhores precisavam conhecê-lo, mas quando bebe...

Neste instante aqueles olhos grandes e negros avermelharam-se e se encheram de lágrimas. Seus lábios tremeram e mal pôde dizer: — "Mas quando bebe"... E sem poder continuar, chorou copiosamente.

Todos, sem exceção, comoveram-se e um deles, afagando carinhosamente os cabelos do menino, assim lhe adverte:

— Isto não é como tu pensas. Terás muito que aprender. Para sermos artistas, tem que haver em nós uma coisa que se chama: vocação. Saber representar, meu garoto, não é fácil. Grandes artistas lutam para conseguir levar ao público a mensagem que desejam.

Como se nada houvesse escutado, Antônio continuava:

— Os senhores não precisariam de um menino como eu? Olhem que já sei ler, escrever, somar e subtrair.

Aquele palco, acostumado aos dramas mais cruciantes, trazia agora à cena uma estória real. Um drama vivido com toda a sua intensidade e rudeza, sob o dedo implacável do destino.

Antônio enxugou o rosto, banhado em lágrimas, no pano de boca. Soluçou mais uma vez e continuou sua narrativa.

— Quando meu pai chega bêbado, cambaleando, eu e minha irmã mais velha levamos para o fundo do quintal nossos cinco irmãos menores e lá nos distraímos fazendo bolhas de sabão.

O rostinho de Antônio ali se transfigura. Sua face toma uma expressão de alegria ao lembrar-se dos irmãozinhos. E descreve a cena dos pimpolhos querendo segurar no ar as bolhas multicolores e transparentes como se ali, naquele tablado, houvesse crianças e bolhas de sabão.

Seus olhos grandes e negros criam nova vida. Sua risada é franca e cristalina. E os artistas riem também com ele.

Alguém chega trazendo a merenda dos artistas. Antônio olha as broas insistentemente; mal lhe não o que comer, mastiga sofregamente, limpando após, a boca com as costas da mão, em atitude grotesca e miserável, continuando a insistir:

— Os senhores vão me ensinar, não vão?

Simão, pondo as mãos nos ombros de Antônio, fala-lhe paternalmente.

— Nós gostamos de ti, meu garoto, mas não podemos atender ao teu pedido. Ser artista, é coisa muito difícil. Sua estória comoveu-nos a todos. Fez-nos sentir que precisas de amor e compreensão; mas quanto a trabalhar num palco, interpretar aquilo que escrevem os romancistas, é um caso a estudar futuramente. Fazer rir e chorar uma platéia, é muito difícil; mas aqui tens uns escudos; com eles poderás ajudar a teu pai em alguma coisa.

O menino afasta-se bruscamente. Aquela criança tímida, de olhos grandes, negros e suplicantes, transforma-se numa pequena fera. Sua fisionomia transborda cólera; retesam-se seus pulsos e braveja, explode em gritos e imprecações. Ofende um por um dos personagens que, aturdidos, não sabem o que fazer.

— Egoístas! Grita Antônio e, incontinenti, atira sobre o chão as moedas recebidas.

Todos, admirados, irritam-se com a atitude do menino que há poucas horas os fizera chorar. Ante sua agressividade, Baltasar pega-o pelo braço e encaminha-o à porta de saída, dizendo-lhe:

— Por tua causa perdemos horas de trabalho escutando tuas lamúrias. Pois bem. Não estamos dispostos a ouvir teus desafogos. És um garoto atrevido e ingrato. Embora carregues em ti motivos suficientes que justifiquem teu recalque, diante do nosso carinho, da nossa tolerância para contigo, deverias portar-te de outra forma. Nunca serás um artista, meu garoto. Falta-te sensibilidade.

Antônio escuta-o olhando-o nos olhos. Depois, pega de uma sacola que trouxera, abre-a e dela tira umas botas de pelica e uma camisa de cambraia. Calça as botas, veste a camisa e numa atitude nobre até então despercebida, diz sorrindo feliz, olhando um por um dos componentes de "Amor de Perdição":

Sou artista sim, meus amigos, e os senhores foram o meu público e honraram a minha estréia. Chamo-me Henrique Moura de Amorim. Meu pai é um grande industrial. Curso um dos melhores colégios de Lisboa

Com muito custo cheguei até aqui e lhes peço perdão por ter mentido, mas só assim os senhores me ouviriam, só assim, eu lhes poderia mostrar minha vocação.

Fi-los chorar, rir, apiedarem-se de mim, e até os irritei. Menti durante todo o tempo e fui acreditado por gente adulta e inteligente.

Tudo me pareceu muito fácil. Apenas, quando pretendi ofendê-los, e ser hostil para com os senhores, temi meu fracasso; pois em poucas horas aprendi a estimá-los e quase me falta coragem para interpretar o duro papel do menino mal educado, sem princípios e ingrato.

Neste exato instante aparece à porta do fundo um criado chamando pelo pequeno artista:

— Ó menino Henrique, tu estás aí? Ainda a mania do teatro, não é? Teu pai procura-o há mais de duas horas. Parte agora para o Brasil a negócios, e quer despedir-se de ti. Avia-te, garoto.

Henrique sai apressado acenando adeus dizendo: "Eu volto".

Naquela tarde não houve mais ensaio. Domingos José Botelho de Mesquita Meneses, D. Rita Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castelo Branco, Manuel, Simão, Maria, Ana, Baltasar e outros, mudos deixaram partir o menino. Súbito se entreolharam e todos, movidos por um só sentimento de amor e entusiasmo correm à porta por onde havia saído o pequenino gênio e rompem numa calorosa salva de palmas gritando: Bravo! Bravo! Bravo!

— Rio 1977 —

MINUTO DE SILENCIO

(Ao amigo Antônio Bellot de Souza)

Es o Spartano eleito à glória de uma vida
que Arthemis consagrhou por seu valor imenso.
Lycurgo te exaltou curvando-se ao teu senso
e Solon te elegeu por obra merecida.

Esopo fez por ti a história preferida
e Phídias escupiu teu estro com incenso.
E a Vitória de Arbela, hoje, em ti, renascida,
faz Homero pensar os versos que eu não penso.

No Olimpo anda o fulgor por onde quer que passes!
Reergueu-se o Parthermon para que tu chegasses
louvando como é justo o escolhido que chega.

Entre os sábios, feliz, na Acrópole te vejo
como perto de nós, sempre que havia ensejo,
exaltando o esplendor da Antiga História Grega!

MINHA PALETA

(Alcy Ribeiro Souto Maior)

De tanto andar contigo, boa amiga,
minha alma, em ti, fiel se retratou...
Meus sonhos, meus anseios, meus delírios,
meus dias bons e maus,
a tua superfície os estampou...
Olha o verde das minhas esperanças
ungidas de ternuras e ideais...
Olha o azul reluzente dos meus sonhos
que, na perfídia dos meus desenganos,
me fazem crer que eu já sonhei demais...
Olha o vermelho de horas mentirosas...
O cinza sombreando uma ilusão
que, para a minha crença e a minha espera,
dão pinceladas de alegrias mansas
na luminosidade transparente
do amarelo limão...
O preto da tristeza e do silêncio,
o roxo de um adeus, de uma saudade,
revelam tons de uma serenidade
que a dor faz germinar no coração.
Paleta amiga, terna companheira,
enquanto eu retratava a Natureza,
entregue ao teu mister, à tua calma,
tu fizeste um esboço original
da tela de minha alma!

BONECA DE PANO

(Alcy Ribeiro Souto Maior)

Boneca de Pano, sem jeito e sem graça,
que está na vitrina da loja da Praça,
que vê quase nua a menina que passa,
só porque ela é feia, mal feita e sem graça...
Boneca de Pano que inveja a menina
que toma sorvete, que vai ao cinema,
que usa um biquíni, que causa problema,
mas como é bonita, moderna e ainda luxa,
só chama a Boneca de Pano de bruxa!
Mas se essa Boneca com tanto complexo,
mas se essa Boneca sem graça e sem eito,
sentisse que, embora de restos de estopa,
tem um coração batendo no peito,
que tem sua vida com dias tranquilos
sem noites de insônia, sem marcas de tédio,
e então compreendesse a imensa desdita
daquela tão rica e bonita,
não mais choraria e até bendiria
a Deus sua sina...
chorando com pena daquela menina...

NAO PODE SER(Ao meu grande amigo Ruy Afrânio Peixoto,
com toda a minha estima.)

Alguém, não sei porque, tristonho disse:
— “Eu não farei mais versos”. E eu pensei:
não cantar mais o sonho, a nostalgia,
não mais poder chorar a solidão,
Não mais deixar a lágrima sentida
rolar sobre o papel trazendo vida,
transfigurando em rima o coração...
Não mais poder rezar fazendo versos,
calar dentro em seu peito a dor suprema,
deixar o corpo caminhar sozinho,
sobre a agressividade do caminho,
sem solução em forma de poema...
Não pode ser! Os versos são vertigens
de ternura, saudade, encantamento
que a vida enfeita, enche de luz e acalma.
A alma do poeta é a poesia!
E o poeta não vai viver sem alma!

NOTAS BIOGRAFICAS DO ACADÉMICO**Alfredo de Moraes**

ALFREDO MORAES nasceu a 18.11.1910, em Maruim, SE. Filho de José Moraes e Antônia Moraes. Cursou o primário na Escola de Aprendizes Artífices, SE; diplomou-se pela Escola Normal de Artes e Ofícios Venceslau Brás, RJ, e fez o curso de Professor do 2º grau pela CETEG. Exerce o magistério em órgão da Marinha de Guerra. Publicações individuais: A Chorar e Sorrir (Trovas), Os Quatro Cantos das Férias (Poesias), Sa Chica (Poema em quadras), Aparecida (Poesia e Prosa), Flores Para Minha Amada (Poemas); Discursos Acadêmicos (em parceria com Nair Starling); Rosal Fraterno (Antologia Poética), Sonetos de Vários Autores (ambos organizados por Álvaro Faria); Trovas de Vários Autores (sob os auspícios da Academia Brasileira de Trova); Poesias de Vários Autores, Contos e Crônicas de Vários Autores, Poemas de Vários Autores (sob a égide do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes); consta, ainda, dos seguintes livros: Segundo Salão Campista de Trovas, Trovadores do Brasil, A Trova no Brasil (os dois últimos, organizados por Apa-rício Fernandes); Trovas e Glosas (de Isaú Almeida Lôla), Antologia de Grandes Poetas norte-brasileiros (de Oswaldo de Souza Valle). Efetivo da Academia Brasileira de Trova, do Cenáculo de Letras e Artes do Centro Sergipano e da Academia de Letras e Artes de N. Iguaçu. Correspondente da Liga Afetiva Portugal-Brasil, Correspondente e Colaborador do Cenáculo Literário, ambos sediados em Lisboa. Na qualidade de Professor, possui a “Medalha de Ouro” que lhe foi conferida pelo Exmo. Sr. Diretor do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro “em reconhecimento ao trabalho e esforço desenvolvidos em prol do AMRJ durante 30 anos”.

Res. R. Dona Delfina, 15 ap. 106 — Tijuca — RJ.

NO PASSEIO PÚBLICO

Estou de férias. Desço. É tarde quente.
Em o "Passeio PÚblIco", onde areja,
Ouvil... Agora, escuto e bem: solfeja...
O público passeia. Quanta gente!

Solfeja um sabiá, dolentemente...
Não levantou a voz. Já nem peleja?
Não deu a "retirada". É sem repente?
Morreu-lhe a "cocotinha" benfazeja?

Vê outro... Este, dos mais altissonantes,
E, para alguns, genial, (Eu não me meto...),
Junto à "A Fonte da Mata". É o Hermes Fontes!

AMOR-VENERAÇÃO

Para minha esposa

Pousada, amado meu, a cabeça em teu peito
Minhalma te ouve bem a voz do coração.
Ouvindo o respirar distante do perfeito
Não sei como exprimir... e tentaria em vão.

Inclusive, entendi-te o último conceito,
Que não surgiu completo, infelizmente, não.
Sem tanto merecer, amada me deleito
Com a troca de amor, de amor-veneração.

Os anos que perdi sem uma companhia.
São anos a ganhar naqueles que eu viver;
Mil anos, minha flor, contigo viveria,

Mas nem metade, ó Deus, atinge o humano ser!
Quando um de nós partir o Senhor o outro guarde,
Até nova união, brevemente ou mais tarde!

SOLILÓQUIO

Ante as curvas graciosas
O meu todo se incendeia,
E depois, em mar-de-rosas,
Sou Netuno, ela é sereia.

Nessas horas luminosas
Alegria aqui pompeia;
As procelas caprichosas
Enxoval bordam na areia.

No entrechoque, ondas bravias
Criam belos diademas
De fulgentes pedrarias!

E o vento, sem que se canse,
Sussura sutis poemas
Louvando o nosso romance...

HAI-KAIS

A voz do porvir!
Folgo ao resentir
No teu piano soberano

Repara o terreiro:
Frágua e ferro, fagulha e água,
Fome e desespero!

Vermelho o sol vinha:
A lua passeara nua
A noitinha inteirinha!

Grito sempre em vão:
— O eixo da Terra em desleixo!
— Que perigo, irmão!

O mestre se irrita;
Amaina a luta na plaina;
Depois, lá vem fita...

Disparei. Que sorte,
Querida! Ganhei mais vida
Na "Curva da Morte"!

Há muito não chove!
Urubus. Meninos nus.
A legião comove...

Cantando, o beduínio
incerto, pelo deserto,
passou sem destino...

Teu vinho tomei
na taça fina, sem jaça.
Poeta, sonhei...

Ribomba o canhão!
Guerra! Jogai-vos por terra!
(Apenas trovão...)

Que frio São João!
Trigueira, acende a fogueira
Do teu coração.

Na chuva de açoite,
Ria e devora o dia
A boca da noite.

Oh, seja bem-vinda
A tenda! Retire a venda;
Mostre quanto é linda!

Sob o cobertor,
No Rio tremo de frio!
E os párias, Senhor?...

Amor, que delícia:
Não parece vir da mão,
Mas, do ar a carícia...

Num cesto, ó bondade,
Abaixo, trouxe o riacho
As tuas saudades.

Esperanças vagas.
Ao lume, és toda perfume!
Amor, nem nem me afagas...

A inhambu cantou.
Espanto! ouviu novo canto!
E um tiro ecoou...

Eu ia sozinho.
Ela, sorridente e bela,
Cortou-me o caminho.

Não deu um apito
O trem que passa em Belém.
Ouvi só um grito!...

Ó TAQUION

Foi sábio e pensador Einstein, gênio alemão.
Que ao mundo trouxe um dia a Quarta Dimensão,

Ou simplesmente a Lei da Relatividade,
Cientificamente, espantosa verdade!

Mas para aí chegar, ele andou pouco a pouco,
E a muitos pareceu que Einstein estava louco.

Não sei se Feinberg foi de insano tachado;
É fato, ele também chegou a ser ousado!

À existência supôs do que chamou — Taquion,
Que no tempo de Einstein provocou um "frisson".

Seria mais veloz o Taquion, ai Jesus,
Que tudo já testado, até a própria luz!

(Se isto for provado o céu virá abaixo!
Não, não acho razão para tanto! Eu não acho...)

Sim, existe o Taquion; existe, é coisa fina;
A coisa é, com certeza, emanação divina,

Que vive em todos nós, como no espaço o vento;
O Taquion é, portanto, o nosso pensamento.

Neste instante ei-lo aqui, e aquém, e muito além
Vendo o vir e porvir da Estrela de Belém!

Mais que ontem, hoje e sempre, em Cristo, ó meus irmãos,
Unindo Ciência e Fé, apertemos as mãos!

NOTAS BIOGRAFICAS DE

Alice de Oliveira



Nascida em Minas Gerais, aos 3 anos de idade já declamava Bilac, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e outros, tomando parte em peças infantis. Era o começo de vertiginosa escalada. Professora, jornalista conferencista e poetisa, Alice de Oliveira pertence a diversas instituições culturais, ocupando em todas elas destacada posição: Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, cadeira nº 15, em cuja diretoria ocupa o cargo de Diretora de Intercâmbio Cultural; Academia Pedralva de Letras Membro Correspondente; Academia de Letras de Nova Iguaçu; Associação dos Diplomados da Academia Brasileira de Letras (ADABLE), Sociedade Cultural e Artística Brasileira (SCAB); Academia Feminina de Letras e Artes do Rio de Janeiro (SECRETARIA GERAL); Membro Fundador, cadeira nº 49, Membro efetivo do Ateneu Angrense de Letras e Artes; Membro Fundador da Sala de Leitura Brasil-Uruguaí do Instituto Artigas e diversas outras entidades culturais, literárias e artísticas.

Em sua trajetória cultural, Alice tem merecido o justo reconhecimento de seu trabalho, bem espelhado em distinções como: Medalha de Honra ao Mérito — Dia do Poeta — Conceição de Macabu; Medalha Cenáculo Brasileiro de Artes; Medalha Associação dos Diplomados da Academia Brasileira de Letras; Medalha e Diploma do Mérito de D. João VI — como poetisa do ano de 1974; Medalha de Ouro "Roberto Marinho", 1º lugar Curso de Jornalismo Assis Chateaubriand; Placa de Prata "UBT" II. Jogos Florais de Curitiba; etc. Além do privilégio de ter-se constituído na primeira mulher brasileira a ser oradora oficial na cerimônia cívica do dia 21 de abril, em homenagem a Tiradentes, promoção da Polícia Militar do Rio de Janeiro e do Centro Mineiro, realizada no Palácio Tiradentes.

Honrando a tradição de Minas, onde nasceu a Cidadã Carioca Alice de Oliveira, após publicar "Discursos Acadêmicos", "Discursos em Versos"; "Contos e Crônicas", brinda-nos com "Por Que, Meu Deus", livro impregnado de fundo humanismo dessa jovem e bela poetisa, e em cujas páginas os que ainda têm tempo, por certo encontrarão a tênu e doce mensagem da eternidade poética.

PARABÉNS PRA VOCÊ

Para Eunice Barros.

(monólogo)

Com o cigarro entre os dedos, ela caminha de um lado para outro da sala, onde se encontra só, evocando coisas boas e más. Olha o cigarro fixamente como falasse com ele, pausadamente.

Um pedaço de papel
Que se queima como a vida...
O prazer convertido em cinza e fumaça,
Como tudo que passa...
Espirais azuis em que a vontade indefinida
Se torna incontrolável
Pairando na memória baça...
É o único amigo certo de todos os instantes,
Quando tudo tememos
E já mais nada temos.
Quando até as esperanças
Sentimos vacilantes...

Pois é a ti, amigo de todas as horas
Que conto o meu sofrer, todo, inteiro...
Tragando a ilusão fútil
Que amassa a dor inútil,
Transformando-a em simples cinza fria
Amontoada num cinzeiro.

(pausa longa, fuma o cigarro meditando)
Sim, ele deve fazer hoje quarenta e cinco anos...
Deve ter as têmporas grisalhas,
Ares circunspectos, puritanos...
Tinha às vezes coisas curiosas,
O sapato tirava na sala,
Mas se me via seria furiosa
dizia:

Meu bem, perdeu a fala?
Era fraco e tolo como uma criança
Mas... teimoso, obstinado, caprichoso.
Mesmo assim, deu-me alguns anos de esperança
Que passou como um sonho maravilhoso!

Não gostava de passeios
Preferia estar em casa, em devaneios.
Eu sim, era louquinha por festa!
Se lhe pedia terna:
Meu bem, vamos sair?

Ele dizia:

— Querida, vamos à sesta?
(pausa — furiosa esmaga o cigarro no cinzeiro)
É, tinha de acabar mesmo como acabou.
Onde já se viu tamanho desencontro,

Tamanha insensatez, contradição?
(volta à calma novamente)
De ontem e de hoje, no confronto,
Não sei se levou mais do que deixou...

Ficou-me a liberdade,
Mas eu confesso, não sei o que fazer dela...
Melhor seria uma vida singela!
Oh, não, não, nada adiantaria,
Seria sempre a mesma coisa, todo dia:
Brigas e brigas por qualquer ninharia...
Foi melhor assim
E já não há mais remédio.

Resta enganar o tempo, a tristeza e o tédio...
Mas, que vontade eu sinto hoje,
Não sei por que, uma vontade de dizer:

Parabéns, meu amor.

Parabéns pra você!

NÃO TE ESQUEÇAS...

Para Murillo de Souza Araújo.

Se a Ursa Maior brilhar sobre tua cabeça,
 Não te esqueças...
 É o mesmo céu de todos os povos.
 Se o Cruzeiro do Sul reluzir sobre teu lar,
 Não te esqueças...
 É o mesmo céu sobre todas as cabeças.
 Se as tulipas da Holanda se agitarem ao ar gelado
 Sob um azul pálido e desmaiado,
 Não te esqueças...
 É o mesmo céu sobre todas as cabeças.
 Se os foguetes da América do Norte
 Zarparem para o céu sem passaporte,
 Não te esqueças...
 É o mesmo céu de todos os povos.
 Se teu irmão é negro e vive perseguido
 E clama uma igualdade que já não tem sentido,
 É bom que não te esqueças...
 Há o mesmo céu sobre todas as cabeças.
 Se nas veias lhe corre o sangue anamita
 Ou a tradição de um sangue semita,
 Não te esqueças...
 É o mesmo céu sobre todas as nossas cabeças.
 Seja embora em terras do Oriente
 Ou cortando os mares do Ocidente,
 Seja em trono de ouro e opulência
 Ou tapera com as marcas da indigência
 Seja a experiência dos velhos
 Ou a incerteza dos novos,
 É o mesmo céu para todos os povos!...
 Se um dia a humanidade se lembrasse
 Que atrás desse céu, o mesmo Deus
 Preside destinos e distribui justiça,
 Não transformaria o mundo nessa liça...
 Uma bandeira de amor e solidariedade
 Da verdadeira fraternidade
 De perdão desse amor que nunca erra
 Cobriria a superfície da terra!
 E é tão fácil...
 Basta que não te esqueças...
 Que o céu é o mesmo sobre todas as cabeças!

NUNCA É TARDE PARA RECOMEÇAR

Para minha mãe.

Vida...
 Vida que me vai fugindo
 Por entre as mãos
 Sem que eu possa impedir
 Sem que eu possa sair
 Para retomá-la.
 Vejo a vida ir-se
 Fugir de mim
 E eu aqui...
 Olho para trás...
 Vejo um grande vazio,
 Vejo caminhadas longas,
 Vejo uma sede insaciável de conquistas,
 Vejo ódio...
 Vejo paixões...
 Vejo ciúmes...
 Vejo a luta pela vida,
 Vejo um inútil corrida,
 Hoje...
 Hoje que já não sei lutar,
 Vejo uma conquista feita e perdida.
 Vejo um longo caminho a percorrer;
 Hoje que já não posso caminhar
 Que minhas pernas estão exaustas
 Hoje que já me sinto esgotada,
 Acabada, esmorecida...
 Procurei, não achei.
 Achei algo, não era o que eu buscava.
 Olho ao redor de mim
 Não vejo nada!...
 Oh, Deus... Como me sinto sem forças!
 O peso dessa dor e dessa solidão
 Me opime.
 Pesam-me tanto, tanto...
 Que sou obrigada a me curvar.
 Não há depois de toda essa longa,
 Cansativa e louca corrida,
 Uma só mão Amiga,
 Um peito aberto para me agasalhar.
 Há somente escuridão.
 Uma escuridão total,
 Imensa...
 Abro os olhos para não ver a terrível
 Realidade!...
 E vejo, sim,

Vejo um fio de Luz nessa vida de trevas.
 Agarro-me a ele como se pudesse subir,
 E chegar...
 Chegar à luz total que o irradia!
 Caio novamente...
 Estou exausta demais!...
 Não há tempo.
 Já gastei tanto tempo inutilmente...
 Não, não posso, não posso parar!
 Eu tenho de conseguir,
 Eu tenho de tentar.
 Tenho que me agarrar a esse fio de Luz
 Antes que ele se vá.
 Não posso desistir, tenho que ir,
 Tenho que achar,
 Por mais que a vida me pese,
 Por mais cañada que esteja,
 Por mais que o tempo tenha passado,
 Tenho de seguir
 Tenho que encontrar!
 Aí... aí, poderei parar
 Erguer os olhos e a cabeça
 E gritar bem alto,
 Que já cumpri minha missão,
 Que não desisti, que sou alguém!
 Agarrada a essa Esperança, vou...
 Vou para não sei onde,
 Buscar não sei o quê
 E hei de Achar.
 Porque...
NUNCA É TARDE PARA RECOMEÇAR!

TRISTESSE ETERNELLE**Para Yara Nathan.**

Un noir... brouillard... couvre la plaine...
 Oh! Essa Tristessee Eternelle de Chopin...
 Você se lembra, quando ainda jovens nos conhecemos?
 Essa música era o nosso prefixo...
 Na época, estava em cartaz o filme "A NOITE SONHAMOS"
 Contando a vida do grande compositor!
 E eu usava também um perfume de Lanvin...
 Ora, é tão inútil falar do que passamos,
 Pois de certo, você já esqueceu tudo isso...
 Já se esqueceu do nosso grande amor!
 Do nosso grande amor?
 Mas será que foi mesmo amor?...
 Sim, foi amor, mas cada um de nós por si.
 Lembra como eu senti a vida com fervor,
 Acreditando no que em seus olhos li?
 Pois, aquela adoração foi que eu amei
 Afinal, você estava ali
 Representando tudo que eu sonhei.
 Perdoa, mas você também amou em mim
 Só o que mais insensatamente ofereci:
 A pretensão absurda de um amor sem fim!
 E a Tristessee Eternelle nos perseguiu
 Nos teatros, nas boates, nas esquinas,
 Com os compassos do romance e nostalgia,
 E essa Tristessee nos deu muita alegria.
 Emoções bem profundas e divinas...
 Hoje é que ela é mesmo Tristessee para mim...
 Vejo que tudo não passou de fantasia,
 Farsa em dueto que chegou ao fim.
 Como dois fantasmas de ilusão perdida
 Caminhamos...
 Você, vergado ao peso da descrença e do cansaço,
 Eu, descendo a vertente da vida,
 Cambaleando às tontas, passo a passo...
 E o vazio cresce, e se abisma, e é tamanho,
 Que olho você, e não vejo mais que um estranho,
 Quando entre nós perpassa tangida em doce élan
 Causando uma emoção tão terna e tão macia
 A música que agora é elegia:
 Essa Tristessee Eternelle de Chopin!

NOTAS BIOGRÁFICAS DO ACADÉMICO

**Antonio
Bellot de Souza**

Brasileiro, natural de Santo Antônio de Pádua, Estado do Rio de Janeiro, nascido no dia 12 de Maio de 1916, filho de João Luiz de Souza, já falecido, e de D. Maria Bellot de Souza.

Fez o curso primário e de humanidades no Ginásio de Pádua, bacharelando-se em 1932, e o curso de Direito na Faculdade de Niterói da Universidade Fluminense, diplomando-se em 1937.

Desde jovem manifestou o seu pendor para a Filosofia, definindo-se socrático e platônico com nuances cristãs, aceitando, todavia, as demais sistemáticas na essência sob o fundamento de que, na busca da Beleza e da Verdade, todas valem para decifrar enigmas e descobrir maravilhas.

Aliando a Filosofia ao Direito, exerceu a palavra falada e escrita, primeiro como Advogado, de 1937 a 1942, depois como Promotor de Justiça, de 1943 a 1957, nas Comarcas de Santa Maria de Madalena, Barra Mansa, Duas Barras, Rio das Flores, Bom Jesus do Itabapoana e Angra dos Reis, afinal como Juiz de Direito, de 1958 a 1972, nas Comarcas de Itaocara, Santo Antônio de Pádua, São Fidélis, Saquarema, Maricá, Araruama, Mangaratiba, Itaguaí, Niterói e Nova Iguaçu.

Como Promotor fez revoadas tribunícias de saudosas memórias e como Juiz primou por ser um manto de alabastro para os ávidos de Justiça e os carentes de proteção.

Devoiado cultor da trova e do acróstico, ressalta-se como intelectual e conferencista, tendo, a propósito, a obra inédita *VOEJANDO NO PARNAZ* — uma coletânea da sua produção literária sob o prisma filosófico, sociológico e jurídico.

Exerceu o jornalismo há muitos anos, colaborando antes n'A Palavra, na Tribuna e n'O Diário Fluminense, de Niterói, no Jornal de Itaocara, da cidade do mesmo nome, e agora n'O Pontual, no Jornal de Hoje e no Correio da Lavoura, de Nova Iguaçu, sendo diversificada a sua matéria, mas predominando nela a crença no gênero humano como artífice da Evolução através da Cultura e da Civilização.

É membro efetivo da Ordem dos Advogados do Brasil, da Associação Brasileira dos Magistrados, da Sociedade Brasileira de Criminologia, da Academia Nilopolitana de Letras e Artes, da Academia Madalenense de Letras e Artes, da Academia de Letras e Artes de Paracambi, da Academia de Letras, Artes e Ciências de Maricá, da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu, da Sociedade Brasileira de Homens de Letras e Artes e membro correspondente do Ateneu Angrense de Letras e Artes.

DISCURSO pronunciado na PRIMEIRA SESSAO PREPARATÓRIA DA ACADEMIA, realizada no dia 02 de Fevereiro de 1975.

Agora que deliberamos vojar helenisticamente, participando da fundação da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu, que surgiu alvíssareira graças à inteligência e cultura com que foi concebida, sentimo-nos como se mais um pássaro, dentre muitos, entoando o mesmo gorjeio com que todos manifestam o seu regozijo por esse vôo parniano com nuances olímpicas.

Prudentes, todavia, à maneira de Lucrécio, discípulo de Epicuro, ainda bem que, primeiro, impregrados de muita Fé e de algum Saber, alcamo-nos ao Altar de Palas Atenéia, e, aí, depois das orações e petições costumeiras, fizemos jus a proteção da Deusa Iris e logramos um lugar em meio aos Deuses para conjugar-mos com eles nas peregrinações metafísicas e poéticas.

Assim, pois, guindados e precatados, dizemos em coro com a unanimidade que a História se repete e outro Banquete da Sabedoria será promovido nesta Academia, com delineamentos homéricos, virgilianos e camonianos, se, guardadas as proporções, é óbvio, reeditaremos o trabalho majestoso dos gregos, romanos e renascentistas, que emprestaram à Cultura e à Civilização uma coroa de honra e um diadema de glória.

Dir-se-á, porém, que nesta época conturbada para a Humanidade, em que o Sacerdócio Teológico e o Sacerdócio Científico buscam afanosamente a hegemonia do Universo, por um lado e por outro, os homens se acometeram de egoísmo e materialismo, não há condição para o diletantismo do jaez de que ora estamos possuídos, até porque:

Os homens, outrora, tinham

Fibra, — alto valor moral.

Hoje, faltos, se definham

Sedentos que são do mal.

Ao contrário, obtemperamos, por confinados com o Espírito e conciliados com o Universo, que o Bem e o Belo nos circundaram nesta elaboração maravilhosa, — a Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu, porque sabemos que:

O Bem, conquista do Belo,

Normalizando os deveres,

Da Humanidade é fanal

Para a obtenção dos haveres.

Ainda mais, levamos em conta a nosso crédito o legado que recebemos dos nossos antepassados e fundadores das Academias dos Esquecidos, dos Generosos e dos Seletos: o AMOR, por isso que aprendemos com eles ser o

Amor! Belo sentimento

Motivando a eterna lida,

Orgulho do pensamento

Rumo à glória apetecida.

E é com o Amor sublimado que pretendemos levar a bom termo a nossa iniciativa cultural.

A guisa, também, de melhor justificarmos a fundação desta Academia, haurimos em C. LAHR, consumado escritor francês, no seu Curso de Filosofia, o conceito assaz judicioso sobre SONHO e REALIDADE,

assim expresso: "Ouve-se às vezes: que importam os sonhos de alguns pensadores? A multidão não se preocupa com isso. ENGANO! A Filosofia dirige o mundo, ainda que o mundo ignore. O conflito dos interesses e das paixões pode vendar-nos a marcha das idéias; que nem por isso deixarão de prosseguir na sua obra. Sem dúvida a idéia, na sua forma abstrata, não é facilmente contagiosa; mas não pára aí. Por meio do romance, da poesia, dos discursos e dos artigos de jornais, desce das altas esferas, onde se elabora a ciência, para se vulgarizar e para penetrar até ao mais profundo das multidões e dar frutos de vida ou morte".

Em suma, ressaltamos que a Academia, novel e nobre iniciativa, valerá pelo seu relevante propósito de glorificar a Filosofia e de repudiar a Utopia.

E, estabelecidas dessa maneira as bases para a fundação da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu, quanto ao demais ficará à mercê da crítica que fizêrem a seu respeito, ficando certos, porém, os que a tanto se dignarem de que terão de se ater ao sensato juizo de SAINT MARTIN concebido nos termos seguintes: "É PRECISO EXPLICAR AS COISAS PELO HOMEM E NÃO O HOMEM PELAS COISAS".

DISCURSO pronunciado na Sessão solene alusiva ao PRIMEIRO aniversário da Academia, realizada no dia 21-02-1976.

Agora, enfim, organizada,
Com forma e legitimidade,
A Academia, então, matizada
De Letras e Artes, na verdade
Exaltará, solenizada,
Muito além a Comunidade
Inflamada na sua Cruzada,
Alentando a Civilidade.

Tamanho evento glorioso,
Festivo, belo e auspicioso,
Será decerto aqui louvado
E mais ainda proclamado,
Se carreando vai a Entidade.
A salvo da fatuidade,
Mas com os ideais que tem,
Entrelaçados muito bem
Os Imortais, seus componentes,
Tão felizes e equipolentes
Nas Letras, Artes e Ciências,
Provindas de suas consciências.
Porém, o nobre Presidente,
Por sem dúvida refulcente,
E o Idílico Assessor Geral,
Sem o saber grande fanal,
Ora devem ser exaltados
E com justiça retratados.

Não com as nossas louvaminhas,
Senão, com as reflexões minhas,
Que reputareis necessárias
E jamais extraordinárias,
Porque tanto um quanto outro, enfim,
Se mostram para nós assim:

O poeta MURILLO DE SOUZA ARAUJO:

Mestre aceito da Poética,
Universal e castiça
Remontada pela Estética.
Inovador da Cultura
Livresca, obtém, feliz, só
Lauréis na Literatura,
Orgulhando a fama e a glória.

Daí, ser tão proclamado
E justamente louvado.

Seleto e resplandecente
Ornamenta com o Verbo,
Ultra-humano e onisciente,
Zumbaiado a cada passo,
Até o celeste espaço.

Altaneiro e sumidade,
Revelando a Terra e o Céu,
Apondo a Fé e a Verdade,
Ungindo o Amor e a Beleza,
Jubilado é visto assim,
Ostentando a Realeza.

E o Professor Ruy Afrânio Peixoto:

Requintada criatura
Ungida de Inteligência,
Ideando só Cultura.

Ah! que personalidade
Famosa, de nazarena
Rareza na majestade.
Alentando o Magistério
Na trajetória serena,
Ilustrada e sem mistério,
Orgulhando a tanta gente.

Provecta na Arte do Ensino,
Entre muita refúlgencia
Inspira através do Bem,
Xamata de sua Eloquência,
O Credo pelo que alguém
Tornar possa a Evolução
O rito da Criação

DISCURSO pronunciado na Sessão solene alusiva ao **ENCONTRO NATALINO** da Academia, realizada no dia 19-12-1976.

Os Deuses, no Olimpo, segundo os anais da Mitologia, realizavam solenidades e julgamentos, porque neles a constante era o devotamento ao Amor, à Beleza, à Verdade, à Inteligência, à Sabedoria, às Letras e às Artes e às Ciências.

Pois bem, dileta assistência.

Se é verdade que a Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu não possui a figuração do Olimpo e nós não temos a majestade dos Deuses, não é menos verdade que destes seguimos o bom exemplo e daquele a Academia guarda a augusta aparência.

Daí, hoje, devido a Fé que acalenta nos Deuses, a Academia, cuja finalidade não é somente o cultivo das Letras e das Artes, promover este ENCONTRO NATALINO em louvor ao menino Jesus, sob a direção e assessoria, respectivamente, das Musas Alcy e Alice, nossas confrades, mas com os eflúvios de tantos quantos procuraram sublimar os nossos atributos.

Por sinal, a Academia com essa promoção se mostra reconhecida especialmente a Prometeu que, depois de formar o Homem com o limo da Terra, roubou, para o animar, o FOGO D'O CÉU, sendo embora castigado severamente por Júpiter, Deus Supremo, mas do que felizmente foi salvo por Hércules, o mais célebre dos heróis mitológicos.

É que, a partir de então, o pensamento, elaboração permanente do Homem, se não empresta equivalência entre este e os Deuses, prova, exuberantemente, que a Evolução, uma decorrência daquele, sendo uma balada, é que balada! Constitui o maior brinde à Criação.

Decerto, Senhores e Senhoras, os Deuses, por isso, do trono de julgamento onde se encontram contemplando sempre a florescência do seu Jardim -- o Mundo, — devem, agora, em coro com Prometeu, unir-se com o Homem pela preeminência do pensamento, porque através dele levam a bem termo os delineamentos a seu cargo, implantando a Cultura e a Civilização para a sua perfeita integração na vida.

Sem o que o Homem não estaria, alegremente, decifrando enigmas e descobrindo maravilhas.

Dirão, porém, os céticos que esse lisonjeiro conceito atribuído ao pensamento contrasta flagrantemente com o medonho e feio estado de coisas reinante nos quadrantes do Mundo, sabido e notório, por incrível que possa parecer, que os povos se dividem em ódios; os fariseus da Ciência se desentendem; os homens se perdem em dissensões teológicas, filosóficas e políticas; o trabalho e o capital se desgladiam tanto que as pessoas, hoje, se apresentam riquíssimas, umas e outras, pauperíssimas, sem que haja na diferença que guardam um denominador comum; e, consequentemente, os canhões ribombam aqui, ali e alhures, sepultando nos escravos a própria Civilização.

Mas, diremos nós, os idealistas, por convencidos de que o Mundo é uma ordem que contém em si uma finalidade levando necessariamente ao Bem, que dessa ou daquela maneira o pensamento já estabeleceu a comunhão entre a Criatura e a Criação através da Antropologia e da Teologia e vai erguendo mais alto a Filosofia do Amor, apregoada por Jesus, o Nazareno, há dois mil anos para confraternização dos homens.

E o pensamento na consecução desse evento maravilhoso, que os célicos não esperam e nós já vislumbramos, está sem sombra de dúvida harmonizando as suas funções, humanizando a Cultura e encantando a vida.

Tanto assim que neste ENCONTRO NATALINO vamos nós, Acadêmicos e pessoas de todos os matizes sociais, render graças ao MENINO JESUS, luzeiro de AMOR, pela alegria de que estamos possuídos com a Prosa, a Poesia, a Trova, o Canto e a Música, que emanam do nosso pensamento e autorizam as nossas peregrinações no paraíso sedutor da Literatura, a exemplo dos memoráveis Patronos que ornam esta Academia.

EXALTAÇÃO À INTELIGÊNCIA

A Inteligência vinda e da Criação nascida,
Enriquecendo a própria individualidade,
Glorifica a Cultura e empresta à nossa vida
O esplendor que ressalta a eterna Divindade.

Dai, resulta que a Fé, em singular medida
E o Saber desafiando o Tempo e a Eternidade,
Conferiram ao Verbo e a Oração emitida
O valor principal de toda a Humanidade.

Esse é, pois, o melhor julgo da Inteligência
Que, cerrando fileira em profusão de amores,
Guarda a destinação de toda a excelência...
Emprestando à criatura a pálida onisciência,
Erixe as venturas mil, eivadas de fulgores,
Revelando de Deus a eterna onipotência!

NOVA IGUAÇU

No reada Vila de Maxambomba,
Obterido logo a de Iguassu, fulgente
Viú-se, então, Nova Iguaçu, que ribomba
As nobres tradições de nossa gente.

Ideada gigante na missão
Generosa, bendita e brasileira,
Ungida decerto na floração
Acresce na História e faz altaneira,
(C) edilhada agora e boa na ação,
Unida e feliz, à Nação inteira.

ARCÁDIA

A Arcádia que, na Grécia antiga, floresceu
Refletindo a ternura e a graça campesina,
Cuja beleza, agora, ainda, predomina,
Alargando da vida o mágico esplendor...
Desenvolvendo o riso, iluminando o Sonho
Ideado no cismar, angélico e risonho,
Arrimou a imortal existência do Amor.

MAÇONARIA

Multimilenária na sua existência,
A Maçonaria é uma Ordem, na ação,
(C) edilhada aqui e mantida na essência,
Ostentando, impávida, a Liberdade.
Nascida para o Bem e a Onisciência,
Alçada na Beleza e na Verdade,
Rutilante e côncia de Evolução
Ilustra o Homem de Amor e de Ciência,
Além de Igualdade e Fraternidade.

MOCIDADE

Muitos poetas e prosadores,
Ornamento do concerto humano,
Cotejando bem altos pendores,
Içaram vosso ideal germano.
Dizer-vos quero, também, agora,
A melopéia que trago n'alma:
Divina sois, mexedica embora,
E fazeis jus da vitória a palma.

TROVALORIZANDO

É de Deus a Criação
Que se sabe uma florada
E do Homem a Evolução
Que se sabe uma balada

Faça-se a luz, disse Deus.
Dai foi tudo criado
E para os intentos Seus
O Homem resultou ideado

Perante à Luz e à Treva, o Homem
Falto de Saber, coitado!
Assim, fingindo que é Homem,
Passa na vida frustrado

Deus, Mulher e Satanaz
São a tríplice entidade
Que tornam o Homem tenaz
Através da eternidade

Amor! Belo sentimento
Motivando a eterna lida,
Orgulho do pensamento
Rumo à glória apetecida

Mas tanto, na vida, o Amor,
Quisera que fosse tanto,
Que jamais houvesse o pranto,
Que jamais houvesse a dor

Toda criança traduz
Muito amor, muita ventura,
E na vida reproduz
A essência da criatura

Todo amor dado à criança
Seja do moço ou do velho
Transmite a Fé e a Esperança,
Simbolizando o Evangelho.

Agora a mulher de tanga,
Mini-tudo ou mini-saia,
Tornou-se mesmo pitanga
Vista na rua sem vaia.

Coitado! Vive na tanga
Sofrendo dificuldade
E nem chega a ser miçanga
No rol da sociedade.

Quem o tirocínio afronta,
Bêbedo, na vida, de Fé,
Dá murro em faca de ponta
E rema contra a maré.

Os homens, outrora, tinham
Fibra — alto valor moral.
Hoje, faltos, se definham
Sedentos que são do mal.

O bom Deus deixou comigo
Uma existência formosa,
Que levarei ao jazigo
Na bela imagem da rosa.

Por demais bendito o dia
Que à Escola fui aprender,
Haurindo a Lua que irradia
Do Céu na Terra o Saber.

Na certeza da incerteza
A vida segue rolando,
Para quem sentiu na tristeza
O mundo inteiro chorando.

NOTAS BIOGRAFICAS DE

Eder Rodrigues

Nasceu em Nova Iguaçu, no dia 27 de março de 1944.

Viveu sua infância no Subdistrito de Austin, onde residia seu avô, chefe de uma das mais tradicionais famílias do local. Cursou o primário inicialmente na Escola de Nossa Senhora Mediânea de Todas as Graças e na Escola Municipal, concluindo-o no Instituto Iguaçano de Ensino. Foi o orador oficial de suas turmas, tanto na conclusão do Curso Ginásial (no Ginásio Municipal Monteiro Lobato), quanto na conclusão do curso Científico (no Colégio Leopoldo). Paralelamente, fazia teatro, presidia a União Iguaçana de Estudantes e dava seus primeiros passos no magistério. É professor registrado no MEC por Exame de Suficiência. Lecionou Geografia no Instituto Brasil; Português, Inglês e Direito Usual no Instituto Ruy Barbosa; Português, Literatura e Latim no Colégio Nilo Peçanha; Português e Latim no Ginásio São Marcos e Português e Literatura no Curso Eme. Posteriormente, abraçou a Advocacia, sendo Bacharel em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro, atuando nos foros do Grande Rio. É professor de Português e Literatura da Equipe Delta, coordenando a Área de Comunicação e Expressão, sendo também professor de Português, Literatura e Inglês e coordenador da Área de Ciências Humanas do Instituto Brasil e professor de Português e Literatura do Curso Centauro. Escreve regularmente na imprensa iguaçana, desde os tempos escolares. É editor da Revista Jurídica Iguaçana. Estuda Russo e Tupi Antigo. Crítica Literatura em várias publicações iguaçanas. Tem curso de Inglês e de Literatura Brasileira Moderna pela SUAM. Casou-se, em 1971, com IGNACIA LUCIA DE ALMEIDA. Tem um filho: CARLOS FREDERICO. Em 1974, encontrou-se consigo mesmo e com seu destino, quando perdeu o seu segundo filho, ÉDER AUGUSTO. Publicou: SENHORA (ensaio sobre o famoso romance de ALENCAR). Tem livro inédito de poemas. Confessa-se um "ser multifacial em busca da integração total com o indizível". Ocupa a cadeira 12 da ALANI, que tem como patrono CLOVIS BEVILACQUA.

**A DESINTEGRAÇÃO DO "EU": VIAGEM EM TORNO DAS "FUGAS" DE
RUY AFRÂNIO PEIXOTO**

A — TESE: "Falar é o modo mais simples de nos tornarmos desconhecidos. E esse modo imoral e hipócrita de falar a que se chama escrever, mais completamente nos vela aos outros e àquela espécie de outros a que a nossa inconsciência chama nós-próprios". (1)

B — ANTITESE: I — Nas FUGAS de RUY AFRÂNIO PEIXOTO (2), a referida afirmação de FERNANDO PESSOA, perde a validade, pois esta pequenina grande obra nada mais é do que a revelação de uma personalidade impedida de se mostrar na vida real como de fato é e se mostra nos seus escritos. Diria mais: diria que FUGAS é o próprio fenômeno da desintegração de um EU visível mas irreal, num EU invisível mas muito mais verdadeiro, colhido no seu momento mesmo de maior tensão. Como interpretar, senão por este prisma, o admirável "TANTO MAIS SÓ, MAIS LONGE DE MIM ME SINTO"?

II — "NÃO SEI SE PROCURO FUGIR DE MIM MESMO, OU A MIM MESMO ME ENCONTRAR, PARA SER O QUE REALMENTE SOU". A dialética SER SOCIAL/SER INDIVIDUAL, fulcro da belíssima explosão artística exprime o choque provocado no Homem por se saber mais sensível do que permitem os escrúpulos de uma existência social.

III — "QUE IMPORTAM AS TRAIÇÕES NA TERRA?/CONTINUAM CINTILANDO ESTRELAS..." É o Artista buscando para o Homem a catarse aristotélica na própria aceitação da ambigüidade existencial: As traições humanas afetam apenas o seu ser visível, mas não o invisível...

IV — Desta dicotomia fundamental, nasce para RUY AFRÂNIO, "como soro", a poesia. E é como poeta, isto é, com os olhos daquele outro ser que existe dentro dele que o Homem Ruy verá o mundo. E as pessoas. Assim, a decepção: a pureza e a beleza dos semelhantes são, tão-somente, o reflexo e a busca angustiante da ligação com o EU que habita seus interiores: "SENTE-ME EM TI./ERAS APENAS UM ESPELHO..."

C — SINTESE: A afirmativa de FERNANDO PESSOA, portanto, seria verdadeira apenas para os homens que são o que são. Para os nostálgicos da pureza e da beleza, ao contrário, a Literatura é só revelação do que seríamos, se fôssemos por fora como somos por dentro, e se não tivéssemos de pagar o tributo à hipocrisia chamada VIVER EM SOCIEDADE.

D — BIBLIOGRAFIA E NOTAS: (1) FERNANDO PESSOA: Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias, 2ª Edição, s/d, Edições Atica, Lisboa, pág. 42.

(2) FUGAS é um livrinho já publicado em separado. Leio-o Incluído na Primeira Antologia do Escritor Iguaçiano, Proepla, Nova Iguaçu, 1971.

PARA CARLOS FREDERICO, INFANTE

Teu vir-ao-mundo
foi meu exercício de perplexidade.
Tua fragilidade
é agora minha tanta força.
Teu sono
será para sempre a minha vigília.
Eu estarei em ti
a cada momento de uma dupla-vida.

Tua boca
não se abriu ainda para o mundo,
mas ouço do teu corpo
a harmonia da felicidade,
ou o gemido triste
de quem vai ser triste...

PARA CARLOS FREDERICO, INFANTE

II

Teu choro é música
na medida em que não se dirige a ninguém:
apenas afirma o existir.
Teu choro busca um tempo e um espaço
porque, no teu universo misterioso,
começa um Aqui e um Agora.
Teu choro não é dor senão de ser.

PARA EDER AUGUSTO, QUE SE FOI OU NÃO

Eu sabia que resistirias ao silêncio
e que tua presença seria maior que a descrença...

O silêncio! — que calou em nossas bocas,
mas que não destruiu tua presença

Hoje estás em tudo porque estás na esperança
de quem vive da tua eternidade.

Eternidade! — única forma de se erguer ao Belo,
que só existe no silêncio e na contemplação.

Meu Filho, tu nunca estarás no que chamamos sonho,
mas nesta vigília imensa a que chamamos vida.

Ou sonho e vida? Sonho-vida, Meu Filho, que sabemos
ser chamado por todos — permanência...

LIRICA III

Eder Rodrigues

Nem há teus olhos enchendo os meus olhos,
Nem há tua boca ressecando a minha boca,
Nem tuas mãos tornando as minhas mudas e inexpressivas:

Enfim, não há teu corpo,
porque pra mim és sonho e ansiedade.

Existe apenas uma realidade:
— Eu te desejo e te espero...

NOTAS BIOGRAFICAS DE**Ery Martuscello**

Nascido aos 23 de dezembro de 1923, em Barra do Piraí, no Estado do Rio de Janeiro, à sua Ovídio Melo, nº 91.

Filho de Humberto Martuscello e de Regina Ginefra Martuscello.

Cursou Humanidades no Ginásio Municipal Nilo Peçanha e Escola de Comércio Cândido Mendes.

Fez seu curso de Direito na Faculdade de Direito Cândido Mendes, no Rio de Janeiro.

É Professor no curso de 2º Grau da Cadeira de Direito Usual e Legislação Aplicada.

É especialista em Direito Penal, sendo membro da Escola Penal Brasileira, liderada pelo eminentíssimo criminólogo Prof. Roberto Lira.

Tem curso de pós-graduação, de Medicina Legal, de Direito Penal Militar ministrado pelos eméritos Generais, Pery Bilacqua Olympio Mourão Filho, curso de Direito Penal ministrado pelos Professores, Nelson Hungria, Roberto Lyra, Cláudio Vianna de Lima, Heleno Cláudio Fragoso, e Elezer Rosa.

Ex-Consultor Geral da Prefeitura de Nova Iguaçu.

Jornalista militante, foi redator do jornal "O Globo" e tem contribuição permanente na imprensa de Nova Iguaçu, assinando atualmente coluna do jornal "HOJE".

É advogado criminal militando nos Tribunais do Júri da Baixada e do Rio de Janeiro.

Membro da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu, ocupando a cadeira cujo patrono é Augusto dos Anjos. É orador oficial da Academia e autor do necrológio a Bellot de Souza.

O IMORTAL FOI APÓSTOLO DA JUSTIÇA

(Necróvio da Academia a Antonio Bellot de Souza)

Dizia: "Sou platônico com nuances Cristãs". A temática de Platão, e a exegese da doutrina fendiam o corpo humano em duas partes; "o homem era dotado de corpo e alma". A alma, o psicólogo do ano 437 A.C., dividiu-a em três partes: a racional — o cérebro —, a irascível, o plexo, e, a apetitiva, as entradas.

Mas, cultivou o filósofo apenas a racional. E alçou vôos com o pensamento. — Cristo, pregou o amor e o perdão. Sobretudo, humanizou o homem, e pelo amor, dividiu a humanidade: Antes e depois D'Ele.

Antônio Bellot de Souza viveu dentro dessa dicotomia de autêntico platônico-cristão.

Foi um humanista e sua dialética era como o bardo do vate. Seu estilo literário tinha a cristalinidade da escorreição vernacular. Sua retórica fluía dos lábios como mensagem do purismo de uma cultura admirável. Como advogado, foi o símbolo do profissional, como Promotor de Justiça, honrou o procuratório que o Estado lhe outorgou para aferir a aplicabilidade da norma. Foi, o que é mais que tudo, o colega exemplar, admirado e reclamado por todos. Como Juiz de Direito adotou a escola liberal. Sua formação moral de permeio com um temperamento tímido impediu-o de freqüentar os salões palacianos, pouco via os senhores Desembargadores, vale dizer, cria que o mérito não é forjado num favoritismo algumas vezes compelido por influências. Assim, ficou a Magistratura fluminense, na balança de seus débitos a dever a toga de Desembargador, que o destino arrebatou-lhe das mãos, devolvendo-o, depois de tantos anos de embate árduo, de julgar com sentenças judiciosas, embasadas de cultura jurídica, autênticas lições da isonomia do Direito, suportadas numa profunda filosofia humanística e pela honra da profissão que abraçou.

Mas, o platônico-cristão foi um autêntico filósofo. E, na aplicação da Justiça, foi o caminheiro, norteado por Salomão.

Filósofo, era um simbolista, conhecia a fundo a obra de Malamé, admirava Verlaine, declamava o "soneto das vogais", de Rimbaud e era filiado a escola de Cruz e Souza.

Aposentado como Juiz de Direito da Magistratura do Estado do Rio dedicou-se inteiramente às letras. Foi um pesquisador constante, um analista de escolas literárias. Passou a dar sua contribuição à imprensa Iguaciana, e, com temas livres, cuidava de assuntos diversos. Democrata sincero, foi um pregador das liberdades e dos direitos e garantias da pessoa humana.

Reuniu-se com um grupo de intelectuais iguaçuanos e fundou a Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu, a qual dedicou-se, dando de si tempo integral. Organizava reuniões com o Murilo, o Ruy Afrânio, marcava reuniões, designava a posse de seus membros, manipulava os atos, afinal era o "condutiere" da entidade, seu principal incenador. Quanto assomava a tribuna extasiava o plenário, fosse recebendo um acadêmico, fosse discorrendo sobre um autor, ou até mesmo agradecendo uma presença

O plenário do nosso sinédrio está ensombrado e silente. Há, uma cadeira, cujo patrono é José do Patrocínio, desnuda e desoladamente vazia. No ar um soluço doloroso de saudade. Dentro de cada um de nós, seus pares, uma ânsia incontida do abraço acadêmico, e, as dezenas de braços erguidos, mãos vazias, no desejo estóico de apertar o peito amigo, e receber o beijo fraternal, e diante de todos as miríades do mistério humano, com a resposta brutalizante de Edegard Poe "Never more..."

Leitor, meus pares da Academia; deixem-me agora, um instante subjetivo. Lá em casa houve um desolamento. Alba e meus filhos o admiravam fraternalmente. Quando chegava para um almoço ou jantar, havia uma alegria em cada conto e uma gostosa satisfação da chegada de quem dava otimismo e poesia.

O intelectual Antônio Bellot de Souza, nasceu em Santo Antônio de Pádua, aos doze de maio de mil novecentos e dezesseis, filho de João Luiz de Souza e de Maria Bellot de Souza.

O epicurismo desse beletrista literário, era epidêmico, e de um contágio violento. A um encontro batia seus ombros nos nossos como fosse um "Babalaô", e em seguida saudava-nos com beijos, símbolo da saudação francesa que a herança hereditária do sangue materno lhe fizera herdá-la.

Neste artigo em nome da ALANI, na qualidade de seu orador oficial, levo ao imortal acadêmico Bellot de Souza o necrológio que não lhe pude ofertar derredor de sua campa eterna.

Ao recordar La Fontaine em seu memorável e acadêmico necrológio a Descartes, e para que fique indelével na memória dos pósteros, recorro para você, meu caro Bellot, a "Canção de Outono" Paulo Varleine:

"— Les sanglot songs
Des violons
De l'automne
Blessent mon coeur
D'une langueur
Monotone.

Tour suffocant
E blême quand
Sonne l'heure,
Le me Souviens
De jourre anciens
Et je pleure.

Et je m'en vais
Au vent mauvais
Qui m'emporte

"Deçà, delà,
Pariel à la
Feülle morte
Bellot, que Deus se apiede de sua alma.

NOTAS BIOGRÁFICAS DO ACADÉMICO

Eurythenes de Almeida Pires



NASCIDO em 10 de maio de 1902 — Filho de João Alves de Almeida Pires e Rita Sampaio Pires, na cidade de Barbacena — Minas Gerais.

CURSOS — Primário em Juiz de Fora — Completando no Rio de Janeiro — no Ginásio Federal e Curso Normal de Preparatório.

ESCOLA MILITAR DO REAL ENGO — Matriculou-se por concurso público. Havendo se envolvido no movimento revolucionário de 5 de julho de 1922, foi excluído do Exército. Também mediante concurso foi admitido no Banco de Crédito Real de Minas Gerais, onde durante sua permanência estudou Contabilidade, diplomando-se. Quase ao mesmo tempo que o conseguiu bacharelando-se em Direito pela Faculdade Civil de Direito simultaneamente estudou canto erudito. Conseguiu gravar sua voz em música popular pelas Fábricas: Odeon (Parlofan) — Columbia, por onde foi artista contratado. Após ter filmado o drama "Maria da Praia" — a Fábrica Continental, gravou sua voz nas músicas e letras de sua autoria: "Oh! Mar" e "Amor ao Luar".

SOCIEDADES — Pertence à Academia de Letras e Artes de Paracambi — Unitur — Sociedade de Filosofia do Brasil — late Club de Ramos, etc.

SOCIAL — Desde sua mocidade sua vida social tem sido marcada por constantes exibições em concertos, recitais, conferências, palestras, etc., o que lhe valeu um enorme círculo de relações. Escreveu para vários jornais e revistas.

ATIVIDADES LITERÁRIAS — Só se iniciaram a revelar quando os favores da mocidade começaram a minguar e nesse particular adveio compensação.

Esta é a razão maior de ter a obra valor modesto e ser pequena sua profundidade devido a serem curtas suas raízes e muito moça quanto a idade.

ACERVO MORAL — Pelas razões supra tem-se uma grande honra e vaidade mesmo, poder-nos alinhar entre personalidades que constituem a A.L.A.P. (Academia de Letras e Artes de Paracambi).

"CREPÚSCULOS"

Eurysthenes de A. Pires

No horizonte, onde o sol vai indo
O dia sem tristeza ali fenece...
Permitindo a ilusão de um sonho lindo
Na noite enluarada onde então cresce...

No lilás-róseo o céu vem se cobrindo
Pura imagem de Santo aparece
A deslumbrar, seu rosto está sorrindo
A alegria de final de prece...

Em torno tudo mais procura abrigo
Na generosidade desse Autor
No seio do supremo Mestre amigo...

A música de sons fez-se em cor
Nesse concerto feérico bendigo
QUE DEUS FEZ O CREPÚSCULO PARA O AMOR...

"A PALMEIRA"

Eurysthenes de A. Pires

Do manto de copadas da Floresta
Bela e esguia palmácea sobressai.
No farfalhar da umbela toda em festa
A murmurar a prece que a Deus vai.

Cá por baixo, entre os seres se detesta
A igualdade fungível de meu pai
Que aos filhos deu um sol, inda mais esta:
Sim, a todos e a tudo disse: "Amai..."

Na terra, vaidoso, há o organismo
Que apaga o valor de tal maneira.
Coroando a Fera-Humana que aí está...

Ai! Quem nos dera, extinto o egoísmo
O Homem fosse qual linda Palmeira,
Quanto mais cresce menos sombra dá...

"A DECLAMADORA"

Es como sino que tangido soa,
Bem no metal da voz a Ave-Maria.
Bela figura integra tua pessoa.
Tua natural alma irmã irradia.

Não desperdiças a memória, à toa.
Tal vibração emprestas à poesia
Que, provocando, mais acoroço
O badalar cordial de noite e dia

Por ti embalado sigo ao céu do sonho
Para implorar, mui contritamente,
Que possa eu só compreender, em parte,

Esse planger, nem triste nem risonho,
Como milagre dum minúsculo ente,
Guardar no peito tão sublime Arte...

"TAÇA DE CRISTAL"

Eurysthenes de A. Pires

Por ter correspondido a um grito angustiante
D'aquele que de mim jamais quitar-se-á de,
Corri a socorrer, no oportuno instante,
Mais um falso de amor, na infelicidade.

De minha própria boca a taça confortante
E plena de cristã e pura fraternidade,
Afastei-a p'ra ver o quanto é deslumbrante
O grandioso espetáculo da Caridade

Hoje, vivendo a vida, esqueci a lição
Contida e repetida em tema viciado:
Que meu irmão servido é fera tal e qual;

Que o benefício é véspera da ingratidão.
Assisti ter bebido, estar mesmo saciado.
Meu amigo quebrar a TAÇA DE CRISTAL...

NOTAS BIOGRAFICAS DO ACADÉMICO

Hugo Silva

Natural do Rio Grande do Sul. Dedicou-se, desde cedo à vida militar tendo realizado uma esplêndida carreira até se graduar como General-de-Divisão.

Suas atitudes, sempre corretas, granjearam-lhe grande respeito de seus concidadãos de tal sorte que, quando se verificou a redemocratização do País, após a ditadura de Getúlio Vargas, foi escolhido para Interventor no antigo Estado do Rio, cargo de absoluta confiança. Soube, mercê de sua energia e atitudes firmes, ao par com um apurado senso de responsabilidade, cativar a todos os seus comandados.

Tem publicado diversos trabalhos de natureza literária, destacando-se o romance "A quem iremos, Senhor", que teve uma boa aceitação da crítica literária. Sua pena de escritor tem produzido muito sobre variados assuntos e sua acuidade de pesquisador tem apresentado excelentes trabalhos no gênero de biografias, sendo notáveis as de Caxias, Oswaldo Cruz, Anchieta e Plácido de Castro.

Ultimamente tem se dedicado à poesia, sendo de ressaltar as de cunho folclórico, onde trata com carinho a sua terra natal.

Seus conhecimentos sobre música clássica fazem-no admirado pelos amantes desta arte. Pertence à Ordem dos Músicos do Brasil.

Faz parte de inúmeras Academias de Letras, entre outras a Guanabara, Militar de Medicina de Maricá, Angrense, Madalenense, de Nova Iguaçu, Campograndense, de Paracambi, Cenáculo Brasileiro, Sociedade de Homens de Letras, Cenáculo Fluminense de História e Letras. Ocupa na Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu a cadeira patronímica de Oswaldo Cruz.

UM ADMIRAVEL PROFESSOR

A ILKA PEREIRA PETRUCCI — que pode se orgulhar de ter tido como Pai um Homem Bom, que só sabia fazer o Bem, incessantemente, teimosamente, indiferentemente, sem olhar a quem!...

Ele nascera para ser Professor. E o foi... E dos melhores... Com grande afinidade para os estudos de Matemática, era um excelente mestre de Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria, como então se dividia, sob o aspecto didático, "a Ciência de Base, sem a qual a compreensão das outras ciências e de numerosas técnicas parecer-nos-ia hoje impossível".

Entretanto, como decorrência natural de sua inteligência e facilidade de expressão, não encontrava dificuldade em lecionar outras matérias do curso ginásial, inclusive o Alemão, que falava fluentemente. No Colégio Militar de Porto Alegre, como Coronel do Quadro do Magistério do Exército, foi Professor de Desenho Geométrico e Educação Moral e Cívica. Lecionou Matemática no Ginásio Júlio de Castilhos, da capital sulina, o inesquecível "Julinho", em seu período áureo, sob a eficiente direção do saudoso General Barreto Viana.

Ao lado de colegas da estatura moral de Emílio Lúcio Esteves, Travassos Alves e Canabarro Cunha, deixou, na Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul, uma pléiade de admiradores dedicados, como brilhante professor de Matemática, que o foi, no Curso de Preparação Militar, a escola de formação de oficiais da corporação gaúcha, e como um dos mais sinceros amigos, entre os militares do Exército Nacional, da briosa Força Policial Estadual.

Apixonado pela Música, especialmente, e Teatro Lírico Ligeiro, não perdia temporadas de ópera e operetas. Como consequência, era conhecidíssimo entre seus artistas que, muitas vezes, lhe dedicavam, com ótimo resultado financeiro, seus espetáculos benficiares de despedida.

Mais tarde, já como Coronel-Professor do Colégio Militar — e como consequência de seu apego ao estudo e ânsia de saber —, formou-se em Ciências Jurídicas pela conceituada Faculdade de Direito de Porto Alegre. E como advogado militante no foro local, trabalhou sempre mais para servir aos amigos do que com a preocupação, razoável e justa, como seria, de auferir lucros pecuniários, o que só ia acontecer a largos prazos.

Ele nascera para ser Professor... E o foi... E dos melhores. Talvez, para qualquer matéria do Curso Ginásial, com uma única exceção. Seria um "péssimo" professor de Português. E por um motivo muito simples: dada a "precariedade" de seus conhecimentos gramaticais, só sabia conjugar um único verbo: o verbo "servir..."

Era raro o dia em que conseguia fazer uma refeição sem ser interrompido. Era justamente à hora do almoço, na grande maioria dos casos, ou do jantar, que os "interessados", em geral, pessoas humildes, batiam à sua porta para formular seus pedidos. Ele bem poderia ter-

nar, calmamente, sua alimentação, para, só depois, ir atender aos solicitantes. Mas não o fazia. Sob os protestos veementes de sua esposa, interrompia prontamente a refeição e...

... E da prática continuada de tão anti-salutar costume, resultou o mal gástrico, que mais tarde iria vitimá-lo...

De sua solicitude em atender às necessidades alheias, resultou naturalmente, sem que tivesse ele a preocupação precípua em obtê-lo, um acentuado prestígio popular, que, de pronto, assumiu um aspecto político-eleitoral. E elegeu-se Vereador Municipal de Porto Alegre, com uma grande votação.

Mas, a maldade humana é incomensurável... Não faltavam invejosos e detratores aos seus atos, que lhes negavam sinceridade de propósito... Seriam eles ditados unicamente pelo interesse de obter eleitores...

Como uma lesão gástrica, mal diagnosticada, a se acentuar cada vez como consequência de terapêutica inadequada, passou a ter dificuldade em suportar o rigoroso inverno gaúcho. No gozo de uma licença para tratamento de saúde, transferiu-se temporariamente, em certa ocasião, para o Rio de Janeiro, na intenção de se beneficiar com a deliciosa estação hibernal guanabarina.

Num belo domingo carioca, resolveu fazer, em companhia de sua esposa, sua mãe e sua irmã, estas duas já viúvas, um passeio de automóvel pelos belos recantos da Tijuca e Alto da Boa Vista. Utilizaram o carro de um motorista profissional já conhecido, um educado cidadão lusitano, o Sr. Joaquim. Era, ainda, nos bons tempos em que se tratava automóvel por hora...

Sentado ao lado do motorista, foi, durante todo o passeio, puxando conversa com o simpático português, que teminou por lhe contar toda a "história da infância da vida"... com todos os filhos mais velhos já profissionalmente encaminhados, o Sr. Joaquim só tinha um problema sério e insolúvel pela frente: — seu filho mais moço, o Manuel. Com um extraordinário pendor para a mecânica, o jovem só possuía um ideal em sua existência: — o de se tornar um mecânico de automóvel. O Sr. Joaquim procurara matricular o filho num Liceu de Artes e Ofícios, um estabelecimento federal de ensino técnico-profissional, localizado em São Cristóvão, mas não o conseguira. Obrigando a trabalhar como um modesto caixeiro num armazém, o jovem Manuel deixava transparecer, em sua fisionomia tristonha, todo o desânimo e a falta de um estímulo profissional que, como um ferrete, marcavam sua vida vazia e sem finalidade. O Sr. Joaquim nada pediu àquele atencioso passageiro. Apenas, falou sobre o problema, que o afligia, para satisfazer a curiosidade, — simples curiosidade, sem dúvida! — daquele delicado freguês... Este, muito relacionado no Ministério da Educação começou, no dia imediato, a percorrer, com assiduidade, os corredores ministeriais. E, logo na quarta-feira seguinte o jovem Manuel estava matriculado no Liceu de Artes e Ofícios...

Com que intenção teria ele assim agido?!... Seria apenas com o objetivo de angariar, no Rio de Janeiro, mais um eleitor para sua próxima eleição a Vereador Municipal de Porto Alegre?!...

Sim... Jayme da Costa Pereira nascera para ser Professor... E o foi... E dos melhores Professores da difícil, ingrata e esquecida Ciência de Saber Fazer o Bem... Professor de Bondade cristã, pura, inata, espontânea e desinteressada... Professor de Amor ao Próximo... Professor de Solidariedade Humana...

OSWALDO CRUZ

"Feliz" — dizia Pasteur" — "daquele que em si traz um Deus, um ideal de beleza e que a ele obedece: ideal da arte, ideal da ciência, ideal da pátria, ideal das virtudes do Evangelho! Eis afinal as fontes vivas dos grandes pensamentos e das grandes ações. E todas elas se iluminam com os reflexos do infinito."

Esta frase que, no dizer de René Valéry — Radot, o grande biógrafo do sábio de Dôle —, "merece ser conservada para sempre, pois é daqueles que passam sobre o mundo como um bafejo puro", — disse-a Pasteur em seu discurso de recepção na Academia Francesa, ao fazer o elogio de Litté, seu antecessor na Cadeira nº 31. Entretanto, sem que houvesse tal intenção em seu autor, esta frase aplica-se integralmente, queremos crer, como um auto-retrato de Pasteur. Ainda mais, podemos também aplicá-la, sem favor algum, ao nosso Pasteur — Oswaldo Cruz.

"Nascendo em 1872" — acentua Rui Barbosa, — "abriu os olhos Oswaldo Cruz, por feliz coincidência, ao alvorecer da era de Pasteur, quando, no oriente do pensamento humano, sobre as alturas luminosas da França, assomava esse astro de imensurável grandeza, cujo signo ainda não cessou, nem cessará de presidir aos destinos da Medicina". Votado à Medicina, que já era a profissão de seu pai, médico da Fábrica Corcovado, com clientela formada na Gávea, Oswaldo Cruz ultimou, precisamente aos vinte anos de idade, o curso médico na Faculdade do Rio de Janeiro. A natural alegria por sua formatura, foi toldada pelo falecimento, nesse mesmo ano, de seu progenitor. A tese de doutoramento do jovem médico paulista, nascido na cidade de São Luiz de Paraítinga, aprovada com distinção, bem demonstrava a propensão de suas simpatias intelectuais para a microbiologia, sua preocupação pela pesquisa científica. Intitulava-se "Veiculação Microbiana pela Água".

De seu sogro, homem de posses, mas de quem tinha Oswaldo Cruz escrúulos em aceitar quaisquer favores, recebeu o nosso Pasteur o melhor presente de núpcias: um pequeno laboratório, o qual, instalado no porão de sua casa, na Gávea, permitiu-lhe, durante anos, absorventes pesquisas científicas.

Depois, a realização de um velho sonho: uma viagem de estudos à Europa. Três anos permaneceu Oswaldo Cruz em Paris, trabalhando sem descanso no Instituto Pasteur, onde conviveu de perto com Emílio

Roux, o discípulo predileto do Mestre. Mais tarde, já de volta, Oswaldo Cruz ao Brasil, cogitou o Governo de criar, no Rio de Janeiro, o Instituto Soroterápico, o futuro Instituto de Manguinhos. A Diretoria de Higiene, sob a direção do Barão de Pedro Afonso, necessitava, pois, de um profissional competente para tão árdua missão. O Barão oficiou ao Instituto Pasteur de Paris, sob a direção de Emílio Roux, solicitando a vinda de um técnico para o Brasil. Foi edificante a resposta de Roux: — "Entre o pessoal técnico que tenho a honra de dirigir, ninguém possui maior competência do que o Dr. Oswaldo Cruz, cuja capacidade e idoneidade científica pessoalmente conheci, durante o tempo em que lidou no nosso instituto". Começava a surgir, fulgurante, a luz de um novo Astro.

Mas, tenhamos curiosidade de formular algumas perguntas: — En quanto despontava no firmamento científico da nossa pátria o novo Astro, como se apresentava ela no conceito internacional? Que juízo faziam sobre a nossa capital os estrangeiros que a visitavam? Seria ela a "Cidade Maravilhosa" de hoje, já que possuía os mesmos encantos paisagísticos de sempre: — o Corcovado, embora sem o Cristo, o Pão de Açúcar, a Baía de Guanabara, as matas da Tijuca e do Silvestre, a Lagoa Rodrigo de Freitas, a Pedra da Gávea, a praia de Copacabana sem as muralhas de cimento armado de hoje, mas, justamente por tal motivo, mais poética, mais humana, mais brasileira, menos cosmopolita?!... Seria, pois, o Rio de Janeiro a "Cidade Maravilhosa" de sempre? Não! Infelizmente, não! E por um motivo muito compreensível: — o mundo via no Brasil "um País de febre amarela". O nosso cônsul no Uruguai afirmava: — "Se decia que ir a Rio de Janeiro era lo mesmo que suicidar-se". O Rio de Janeiro seria, talvez, uma Cidade Pavorosa...

Mas, não só a temível febre amarela nos ferreteava vergonhosamente como nação culta e civilizada.

Um outro mal, impiedoso e atroz, perseguia-nos com maior ou menor intensidade epidêmica: — a peste india. terrível moléstria infec tuosa, tendo por agente patogênico o bacilo de Yersin. Brutal em todas as suas formas, — septicêmica hubônica ou pneumônica — de evolução rápida e fulminante, de um modo geral, levava suas vítimas ao desenlace letal em quatro ou cinco dias. Em uma de suas últimas aparições, como aterradora prova de seu poder irresistível e um ultrajante desafio à Medicina nacional, levou em suas garras o oráculo sagrado de nossa ciência médica — Francisco de Castro.

Era um inimigo poderosíssimo e aparentemente invencível. Mas foi justamente, a primeira grande vitória de Oswaldo Cruz, o vencedor da peste. Como Diretor do Instituto Soroterápico, intensificou a produção do soro específico, modificando-lhe também o processo clínico de sua aplicação com energicas inoculações endovenosas desse produto, por ele introduzidas na prática hospitalar. E o resultado não se fez esperar. A mortandade, que era de sessenta por cento, caiu a um sexto, isto é, reduziu-se a dez por cento, representados apenas pelos pacientes tar

diamamente atendidos. Ainda mais, seguras e energicas medidas profiláticas foram orientadas por Oswaldo Cruz, como a eficiente "desratização", já que eram os ratos os principais agentes de contágio, através de pulgas infecionadas. E foi assim vencida a trágica epidemia, que já nos ameaçava assumir foros de nacionalidade, agravando ainda mais o mau nome, mantido lá fora pelo Brasil, — "um pauvre pays de là-bas."

Bastaria tal obra de benemerência para consagrar o nome de Oswaldo Cruz na gratidão eterna do povo brasileiro. Mas, muito mais iria ele ainda realizar em sua predestinação de grande Benfeitor da Humanidade.

O Brasil continuava a ser o "País de febre amarela", uma toxo-infecção violenta, uma hepato-nefrosa aguda, acompanhada de estase generalizada, com alguns sintomas impressionantes para os leigos, como o vômito negro e a icterícia, manifestada por uma coloração amarela alaranjada das conjuntivas, dando à *facies* do doente um aspecto particular, e conferindo à entidade nosológica seu nome de batismo popular. Considerada de maneira absoluta, a febre amarela era doença grave, sempre de prognóstico muito reservado.

Infelizmente bem se justificava a triste fama de nossa terra. Exemplo convincente tivemos-no no caso do caça-torpédeiros "Lombardia", da Marinha Real italiana, que aportara ao Rio de Janeiro em outubro de 1895. Em janeiro de 1896 adoeceu de febre amarela um dos seus tripulantes. Os casos se sucederam apidamente. Aos 11 de fevereiro o comandante do navio adoeceu em Pernambuco, expirando cinco dias depois. Faleceu também o médico de bordo. Em março de 1896, de uma guarnição de duzentos e quarenta homens, restavam apenas cento e seis, isto é, menos da metade. Sete foram os únicos que escaparam ao contágio homicida. Não era, pois, imerecida a triste e humilhante fama do Brasil: — País de febre amarela. Mas estava chegada a grande hora de Oswaldo Cruz, o predestinado Benfeitor da Humanidade.

— Mas, quem é esse Oswaldo Cruz, Dr. Seabra? — perguntou o Presidente Rodrigues Alves ao seu Ministro da Justiça, José Joaquim Seabra, em dia de despacho, em janeiro de 1903.

Seabra levara ao Presidente a indicação do nome do Dr. Oswaldo Cruz para diretor de Saúde Pública.

— Não o conheço pessoalmente, presidente. Foi um amigo, Dr. Egídio Sales Guerra, quem me indicou, afirmando-me ser um moço de valor. Estudou no Instituto Pasteur, de Paris. Atualmente, faz pesquisas em Manguinhos.

— Ele é muito moço?

— Tem trinta anos.

— E o senhor acredita que o Dr. Oswaldo Cruz seja capaz de acabar com a febre amarela no Rio de Janeiro?

— Meu amigo, que me inspira toda confiança, garantiu-me, por ter ouvido do próprio Oswaldo Cruz, que é um higienista renomado, ser ele capaz de extinguir a febre amarela. Para tanto, basta que o Governo lhe dê carta branca.

— E em quanto tempo?

— Três anos.

Depois de uma pequena pausa, decidiu o presidente.

— Pode nomear o moço, Dr. Seabra.

Estava dado o primeiro passo da grande ofensiva contra a febre amarela.

No decreto de nomeação de Oswaldo Cruz, o Ministro J. J. Seabra levianamente incluiu o nome de seu conterrâneo e amigo Afrânio Peixoto nas funções de Secretário da Diretoria Geral de Saúde Pública, sem seu conhecimento e anuência. Oswaldo Cruz nada tinha contra Afrânio Peixoto, a quem não conhecia pessoalmente, mas já convidara outrem para o cargo. Sentiu-se, pois, desprestigiado e entregou o cargo antes mesmo de tê-lo assumido. Por iniciativa de Afrânio Peixoto, o ato ministerial foi anulado, podendo assim Oswaldo Cruz assumir suas funções. Como dois homens finamente educados, Afrânio e Oswaldo souberam resolver o pequeno incidente, sem nenhum estremecimento de parte a parte. Ao contrário, com o tempo tornaram-se bons amigos e, segundo nos informa Luiz de Castro Souza, da Academia Pernambucana de Letras, muito trabalhou Mestre Afrânio Peixoto na eleição de Oswaldo Cruz para a Academia Brasileira de Letras..

E Oswaldo Cruz lançou-se de corpo e alma na luta homérica. Tratava-se de desencadear uma "blitzkrieg" contra o mosquito transmissor da febre amarela: — o "*stegomia fasciata*". Mas, para tanto era necessária uma reforma completa da Saúde Pública, com supressão da burocracia retrógrada e emperradora. E não era fácil vencer a inércia de uma máquina rotineira e comodista; a ignorância generalizada e petulante; os interesses reais ou aparentemente prejudicados como os dos proprietários de cortiços imundos e infectos e os dos criadores de porcos nos quintais de suas casas; o sensacionalismo de certa imprensa venal que, no estúpido intento de ridicularizar as sábias medidas, procurava fazer comentários pretensamente jocosos, sobre a figura "insignificante" do mosquito rajado e seu pomposo nome *stegomia fasciata*, — que fazia lembrar o de nobres famílias romanas"... O Código Sanitário, obtido por Oswaldo Cruz era chamado código de torturas. Aculados até por políticos que, na Câmara e no Senado, defendiam a "patriótica" tese de continuar o Brasil como país de febre amarela, o populacho foi para as ruas na revolta tristemente célebre do "quebra-lampião". Um parlamentar, da tribuna, chamava Oswaldo Cruz e seus companheiros de "cafajestes de esmeralda". Mas nada atemorizava Oswaldo Cruz. Prestigiado pelo governo, o jovem Diretor Geral de Saúde Pública não cedeu, não transigiu, não recuou. Não esmoreceu para não desmerecer. "Homem sublime por todos os motivos", — no dizer de Edgar de Cerqueira Falcão —, "que os brasileiros devem venerar como Mártir da Ciência, pelo bem da humanidade: se não chegou a ser imolado em praça pública, pouco faltou para isso". E venceu em toda linha, dominando completamente a febre amarela dentro do prazo fixado.

Tempos depois, ao ser apresentado, em Washington, ao Presidente Teodoro Roosevelt pelo nosso Embaixador Joaquim Nabuco, Oswaldo Cruz garantiu ao presidente americano que uma esquadra de seu país, rumo ao Japão, poderia permanecer o tempo necessário na baía da Guanabara sem que os 15.000 homens de suas tripulações corressem o menor risco de contraírem a febre amarela. E assim o foi, de fato. Em

janeiro de 1908, ancoravam na Guanabara 23 navios da Armada Americana lá permanecendo durante 15 dias, sem que qualquer alteração no estado sanitário de suas tripulações fosse registrada. Era a prova de fogo para Oswaldo Cruz. Que diferença dos téticos idos de 1896, do triste episódio do "Lombardia". Como era natural, o fato correu célebre pelo mundo. O Brasil, finalmente, deixava de ser o "País de febre amarela..."

Em maio de 1909, Anatole France visitou o Rio de Janeiro. No Siloéu Brasileiro onde ia assistir uma sessão em sua homenagem prestada pela Academia de Letras, foi-lhe apresentado Oswaldo Cruz por José Veríssimo. Saudando-o com um afetuoso aperto de mão, disse-lhe o intelectual francês:

— "Vous avez tué l'Hydre! Vous êtes um bienfaiteur de l'Humanité. Oui, c'est ainsi que s'est formée la légende d'Hercule."

Um outro mal, que atormentava nossa população, procurou Oswaldo Cruz combater dentro de seu programa de ação: — a varíola.

Moléstia infectuosa grave, de um modo geral, apresentava períodos distintos, durante os quais surgia uma erupção de **máculas**, que se transformavam em **pápulas** e **vesículas** e, finalmente em **pústulas**. A erupção varióla aparecia também nas mucosas: na boca na faringe, no laringe, nos olhos, etc. Daí o aparecimento de sintomas variáveis conforme a região invadida: disfagia, tosse, rouquidão, sintomas oculares, estes sempre graves em suas terríveis consequências.

Nos casos mais graves — delírio, agitação constante, a qual, não raro, sucediam profunda adinamia e depois a morte. Mesmo que o paciente conseguisse escapar do desenlace letal, corria sempre o risco de perigosas complicações: — para o lado do aparelho respiratório, o edema da glote, a necrose das cartilagens do laringe, a bronco-pneumonia, o pleuriz seroso ou purulento; — para o aparelho circulatório, a endocardite, a miocardite aguda, a pericardite. Afora, outras complicações não menos perigosas e deformantes: — a nefrite, a mielite aguda, as supurações cutâneas ou subcutâneas, a gangrena da pele, lesões oculares que levavam até à cegueira. O mínimo, ao qual nenhum paciente conseguia fugir, era ficar marcado com terríveis cicatrizes permanentes, brutal atentado a seu natural sentimento de vaidade, principalmente, em se tratando de pessoa do sexo feminino. Era, pois, um inimigo terrível, temível e perigoso, que deveria ser exterminado para bem da coletividade. E havia um recurso, aliás, único recurso profilático capaz de suprimir a propagação do mal — a **vacina obrigatória**; medida solicitada por Oswaldo Cruz e cedida pelo Governo.

Ocorreu, então, um episódio, que seria de um ridículo atroz, se não fosse também dolorosamente humilhante para os nossos pretensos foros de povo civilizado, como atestado eloquente de ignorância, teimosia, e má fé de muitos, habilmente exploradas por demagogos de parlamento, da imprensa e da praça pública. Houve um levante militar contra a vacina obrigatória, em nome da liberdade, mas liberdade com inicial minúscula... Mas, que liberdade?!... A estúpida liberdade de se deixar matar, estropiar ou cegar pela "benemérita" varíola, que nos conferia assim a carta de alforria de povo livre... A criminosa liberdade de utilizar o contágio homicida para que outros "felizardos", em sua passagem pelos hospitais, a caminho dos cemitérios, gozassem também a delícia da liberdade de um povo que não se submetia à prepotência da vacina obri-

gatória do Código de Torturas, imaginado pelo cérebro doentio de um "cafajeste de esmeralda..." Bendita liberdade!...

Nos anais da história sanitária da humanidade, não há símilo à guerra sofrida por Oswaldo Cruz, à tenaz luta por ele mantida e vencida.

Sim, finalmente Oswaldo Cruz venceu a guerra contra a ignorância, a má-fé, a estupidez, a burrice generalizada e criminosamente explorada. E passou a ser respeitado e internacionalmente laureado; com inteira justiça era considerado como benfeitor da humanidade. Embora sem ser literato, foi seu nome lembrado, em 1911, para a consagradora Academia Brasileira de Letras. Com o desaparecimento de Machado de Assis, assumira, em 1908, a presidência da Academia Rui Barbosa, que a desdenhava. Com o falecimento em Paris, a 13 de setembro de 1911, de Raimundo Corrêa, abria-se a vaga da Cadeira nº 5, da qual era patrono Bernardo Guimarães. Apresou-se logo Graça Aranha em lançar a candidatura do popular poeta Emílio de Menezes, conhecidíssimo por seu anedotário das rodas boêmias. Em vida de Machado de Assis, jamais conseguira Emílio de Menezes apresentar sua candidatura. Não lhe negava o sisudo e circunspecto Presidente talento literário, mas também não lhe reconhecia um mínimo de compostura coadunável com o indispensável decoro acadêmico. Aflitos com a perspectiva do poeta boêmio entre os Acadêmicos, lembraram-se, então, Mestre Afrânio Peixoto e José Veríssimo, secretário da Academia, do lançamento da candidatura de Oswaldo Cruz, o que, em sua opinião, afastaria todas as outras. Muito relutou o cientista em atender ao convite, por não ser literato. Finalmente, a 30 de setembro de 1911, requereu Oswaldo Cruz sua inscrição, de acordo com o regulamento da casa. Parecia não ter concorrente, quando, um mês e meio após, a 13 de novembro de 1911, Emílio de Menezes requereu sua inscrição na mesma vaga. Foi o quanto bastou para que surgisse uma chusma de adeptos do popular poeta e satírico trocadilhista, alegando ser a Academia um cenáculo privativo de literatos... Toda essa campanha, que pouco poderia influir na eleição — a ser decidida pelos acadêmicos com assento no sodalício —, foi respondida na altura, pela imprensa, pelo Conde de Afonso Celso, inclusive pelo exemplo da Academia Francesa, que elegera Pasteur.

Em sessão de 11 de maio de 1912, a Academia Brasileira de Letras elegeu Oswaldo Cruz com 18 votos, derrotando Emílio de Menezes, que obteve 10 votos. O sábio recebeu ainda 6 votos por telegramas enviados do exterior e do interior do País. Os amigos e companheiros de Emílio de Menezes, que não a esperavam, ficaram indignados com a derrota. O poeta, com ar modesto, fazia trocadilho:

— Oswaldo Cruz é um grande nome nacional. De resto, há precedentes na Academia Francesa...

— Quais os precedentes? — indagou alguém.

— O Dumas Filho, por exemplo, foi eleito por causa dos "Três Mosqueteiros"! Por que não ser eleito o Oswaldo Cruz que tem milhares de "mosqueteiros", uma brigada de "mata-mosquitos"?

A 26 de junho de 1913, em sessão solene, no Siloéu Brasileiro, foi realizada a investidura acadêmica de Oswaldo Cruz. Com o auditório superlotado por uma assistência seleta e com a presença do representante do Presidente da República, vários Ministros de Estado e representantes diplomáticos, parlamentares e altas autoridades, a sessão foi presidida pelo Conde Afonso Celso. O recipiendário foi saudado pelo Mes-

tre Afrânio Peixoto. O discurso de Oswaldo Cruz foi primoroso. Demonstrando profundos conhecimentos na arte poética, soube descrever com segurança a evolução do parnasianismo em França, Portugal e no Brasil. Com rara felicidade, fez uma análise profunda e perfeita da personalidade humana e da obra poética de Raimundo Corrêa. E desmentiu assim, categoricamente, aos maldizentes que lhe negavam capacidade para abordar assunto literário, para dissertar enfim sobre qualquer tese, não fosse Medicina experimental, microbiologia, moléstias infectuosas...

Mas Oswaldo Cruz tinha vivido aceleradamente. Aos 40 anos de idade já era um ancião com respeitáveis cãs, como o atestam seus últimos retratos conhecidos. Já estava próximo do fim a vida de um homem que só pratica o bem e que jamais odiara alguém, apesar dos estúpidos ódios, que a ignorância e a má-fé contra ele desencadearam. Um cristão autêntico que apreciava a leitura da *Bíblia* e da *Imitação de Cristo*. Um puro e um idealista, que vivia distante do mundo e que desconhecia o valor do dinheiro, pelo qual sentia verdadeira fobia, como nos informa sua filha D. Lizeta Oswaldo Cruz Vidal.

— Quando morrer, se deixar uns quarenta contos, estarei satisfeito. Pensava Oswaldo Cruz que "quarenta contos era um mundão de dinheiro..."

Cercado pelo carinho dos familiares, amigos e discípulos diletos, faleceu em sua residência, em Petrópolis, às 21 horas do dia 11 de fevereiro de 1977, com 44 anos e meio de idade, Oswaldo Cruz, o Mártir da Ciência, o Benfeitor da Humanidade.

Deixou aos seus muito mais de quarenta contos: Deixou um nome, uma obra, uma glória que nem todas as fortunas do mundo reunidos poderiam, um dia, ofuscar, toldar, corromper...

"À LAMBISGÓIA"

(CONTO)

Geraldo levantou os olhos do livro e olhou para o exterior, pela janela aberta do carro. Ouvia-se nitidamente o resfolegar da pequena locomotiva, procurando vencer o trecho da via férrea, que contornava o Morro da Sentinela.

— "Nome sugestivo" . . . — disse Geraldo aos seus botões.

E recordou a importância daquela pequena elevação, como posto de observação ideal para os "bombeiros", governistas ou revolucionários, nas, quase sempre criminosas, lutas fratricidas, que, por vezes, ensanguentavam a vasta campanha gaúcha. Ele bem sabia: — logo que a composição terminasse de contornar o morro, seria avistado, a cerca de duas léguas de distância, seu querido torrão natal, a pequena cidade de Rio Verde, tão esquecida dos poderes públicos, sempre mais interessados pelas localidades de maior expressão eleitoral...

E, como consequência, lá estava sua querência sem um campo de aviação ou uma boa estrada de rodagem...

Havia já vários anos que não revia seu rincão. Na última vez, em que lá estivera, Clotilde, ainda gozava perfeita saúde. Agora, para lá se dirigia, a fim de assistir a missa de trigésimo dia de sua queridíssima irmã única...

— o O o —

O Dr. Azevedo estacionou seu carro defronte à pequena estação de Rio Verde. Embora, excepcionalmente, o trem estivesse no horário, ainda tinha ele uma folga de quinze minutos. Resolvera esperar Geraldo na estação para um mais rápido conhecimento com o irmão de sua cliente, a Senhora Clotilde, a quem dedicara, sem maior resultado, o melhor dos seus esforços para salvá-la do terrível processo canceroso que a vitimara em poucas semanas. Queria lhe falar da dolorosa luta empenhada, bem como da dedicação impressionante de Marina. Não conhecia pessoalmente o ilustre conterrâneo, cujo nome já obtivera grande projeção nacional e internacional, como romancista de valor invulgar. Já lera todos seus livros, que lhe eram mui do agrado. Principalmente por seus estilo sóbrio e elegante e pelo romantismo lírico de suas tramas sempre mui bem urdididas. Era verdade que, por vezes, quase concordava com certos críticos, mais ou menos apaixonados, que negavam autenticidade aos retratos psicológicos pintados por Geraldo, face sua tendência inata para o Bem, para o Belo, para o Ideal, para o Perfeito. Um crítico mais severo chegara até a afirmar: — "o romancista Geraldo de Oliveira Fonseca é capaz de "ver" algo estonteantemente belo... no sorriso macabro duma caveira..."

O Dr. Azevedo não conhecia pessoalmente Geraldo, mas, — bem o sabia, — não teria dificuldade em identificá-lo, não só pelos retratos conhecidos, como pela entusiástica descrição feita por sua irmã "coruja".

— "Meu irmão, se fosse para o cinema, seria o galã mais bonito de todos os tempos..."

Em dado momento, o Dr. Azevedo teve sua atenção atraída pela garrulice de um bando de jovens, algumas suas conhecidas, indefectíveis em suas visitas cotidianas à estação, quando da chegada do trem, um dos pontos altos na atividade social urbana... E, também, uma possível oportunidade de conhecimento de algum bom partido, já que eram mui escassos, na cidade os rapazes em condições de casar...

Quinze passageiros desembarcaram na estação de Rio Verde. Entre eies, não teve o Dr. Azevedo a menor dificuldade em identificar Geraldo. Só podia ser aquele homem elegantemente vestido, com cerca de um metro e oitenta centímetros de altura, aparentando ter perto de quarenta anos, cujas temporas, mui de leve encanecidas, mais destacavam um rosto ainda jovem, com um perfil perfeito, dois olhos negros e brilhantes e um sorriso cativante.

Ao se aproximar o recém-chegado do grupo das moçoilas, fez-se, entre elas, um profundo silêncio verbal, substituído por uma vibrante linguagem ocular. Mas, após sua cordial saudação, uma onda de comentários a meia voz agitou as lindas cabecinhas... Talvez, naquele momento, cada jovem se imaginasse ao pé do altar nupcial, ao lado daquele belo "iorasteiro"...

— o O o —

Foi, de fato, impressionante a descrição feita pelo Dr. Azevedo. Temperamento emotivo, por excelência, não conseguiu Geraldo impedir que seus olhos se orvalhassem, ao tomar conhecimento de quanto sofrera sua irmã e de quanto tinham sido minorados seus padecimentos, face à fraternal dedicação de Marina.

— "Uma irmã não teria se sacrificado mais do que o fez essa pobre moça" — disse-lhe o médico.

E justificara plenamente a afirmativa: — "essa pobre moça"... Marina era paupérrima em recursos materiais e paupérrima em atrativos físicos. Como consequência, era motivo de perversas chacotas entre os rapazes e moças da cidade, que só a chamavam, à socapa, de "Lambisgôia"... E Marina bem o sabia... Do que lhe resultara um deprimente complexo de inferioridade...

— "Ainda mais, para aumentar a desdita dessa pobre moça, é ela também, embora não o saiba, uma condenada à morte. É portadora do terrível mal da leucemia mieloide" — previnira-lhe o Dr. Azevedo.

E Geraldo tomou conhecimento de todo o doloroso drama da infeliz Marina.

— Tômei conta de seu caso. — continuara o médico. — logo que aqui cheguei, há cerca de dois anos, mas seu mal, segundo informações do colega, que a atendia, já vai para três anos, sem contar seu começo insidioso, de duração média, de oito meses, antes do estabelecimento do diagnóstico, quando tinha ela cerca de 30 anos de idade.

— Que tratamento tem sido feito, — perguntou Geraldo, interessado.

— O melhor dentro da precariedade de recursos da nossa modesta Santa Casa de Misericórdia. Radioterapia local: aplicações no baço. Medicinação arsenical nos intervalos das irradiações...

— E qual o resultado obtido?

— O esperado. Com seu curso invariavelmente progressivo, o mal está sujeito a remissões espontâneas ou terapêuticas, assinaladas por melhorias clínica e hemática, logo seguidas por períodos, cada vez mais longos, de recidivas, com contínuo agravamento dos sintomas caracte-

rísticos: — fraqueza, perda de peso e de forças, anemia, sensação dolorosa ao nível do hipocôndrio esquerdo, esplenomegalia...

— Qual é seu estado atual?

— O de uma impressionante remissão... talvez... a última... infelizmente... — respondeu o médico, com uma profunda tristeza na voz e no olhar...

— o O o —

No mesmo momento Geraldo firmou um propósito: — ao invés de vender, por qualquer preço, os imóveis deixados por sua irmã, viúva e sem filhos, ele os passaria integralmente para o nome de Marina, que deixaria, assim, de ser paupérrima em bens materiais.

Quanto ao outro pauperismo, mais estarrecido ficou ainda Geraldo com as informações do Dr. Azevedo.

— Graças a uma indiscrição de minha parte, fiquei conhecendo todo o drama vivido por Marina como consequência de sua fealdade. Um dia, cheguei a sua casa, inesperadamente, para uma visita médica. Sua velha empregada, a Sebastiana, deixou-me entrar. Marina estava adormecida. Resolvi não acordá-la. Já ia me retirar, quando vi sobre sua mesa de trabalho um livro de capa preta. Curioso, passei a folheá-lo e logo verifiquei que era uma espécie de Diário, onde a nossa amiga registrava suas impressões e pensamentos mais íntimos. Minha primeira reação foi a de fechar o livro e me afastar prontamente. Mas não o fiz. Dentro da orientação da medicina psicossomática, que procuro praticar, lembrei-me que talvez lhe fosse útil para o tratamento, o conhecimento, da minha parte, de algo do seu psiquismo que não me quisesse revelar quando das consultas. E como um espião, li, com sofreguidão, as páginas escritas por Marina, com lágrimas nos olhos e amargura no coração...

O médico fez uma pausa.

— Vou tentar reproduzir seu último registro, naquela ocasião, — continuou ele. — Não garanto que seja "ipsis litteris". Mas tenho certeza de que estará muito próximo do que está escrito, graças à minha boa memória. Marina escreveu:

Depois de um pequeno esforço de rememoração, o Dr. Azevedo prosseguiu:

— "Fui assistir ontem, no Teatro 7 de Setembro, a ópera "RIGOLETTO", de Verdi, encenada pelo Grupo Lírico Amador, da vizinha cidade de Santa Ré. Já conhecia a obra por leituras na Biblioteca Pública. Boa apresentação cênica e vocal do soprano, tenor e barítono. Desse, principalmente. Impressionou-me muito sua ária "Pari siamo!..." irresistivelmente fui levada a fazer um paralelo entre a minha pessoa e o infeliz bufão... Somos semelhantes... "O natura!... Vil scellerato mi faceste voi!... O rabbia!... Essere difforme!... Essere buffone!... Non dover, non poter altro che ridere!..." Também eu, na dolorosa impotência que me assalta diante de um maldito espelho, posso gritar desesperada: "Sono brutta!..." Nada posso provocar, quando passo pelas ruas, senão maldosas chacotas, envolvendo um apelido pejorativo, que me fere os ouvidos, como se alguém me mandasse: — "Fá ch'io rida, buffone!..."

Com os olhos umedecidos, Geraldo sentia-se suspenso dos lábios do médico, que, após uma pequena pausa, continuou:

— Mais adiante, disse Marina de todo o doloroso fatalismo, que

Ihe ferreteava a vida vazia de beleza e ideal. Escreveu, mais ou menos, estas palavras: — "Quel vecchio maledivami!..." — exclamava Rigoletto, horrorizado com "la maledizione" de Monterone... Posso eu também dizer — Aquele "Velho" amaldiçoou-me... — Que "Velho"? — Não, Monterone... Mas, o Destino... o implacável Destino... que me obriga a arrastar uma existência destituída de amor e de afagos... que me fará a ir para o túmulo com a suprema desventura (para, muitos, talvez, tola, ingênua e quase ridícula!) de jamais ter despertado num homem um olhar carinhoso de admiração, um gesto de carícia, uma palavra sincera de amor puro e abençoado por Deus, pelo matrimônio..."

Com uma vontade imensa de ser sumamente bom para com aquela criatura boníssima e tão infeliz, Geraldo firmou em seu íntimo, naquele momento, uma resolução inabalável:

— "Eu darei a Marina a ventura suprema que ela tanto deseja antes de ir para o túmulo. Eu a farei minha noiva..."

Sabia ele, pelas informações do Dr. Azevedo, que não tardaria seu desenlace fatal, o que lhe permitiria continuar o estado de celibatarismo, como era seu propósito na vida... Seria uma mentira, sem dúvida. Mas, uma doce mentira, uma piedosa mentira... Como o velho "Padre Cura" de "Talita", ele poderia, também, dizer, elevando os olhos para cima:

— "Perdoa-me, Senhor, se lhe menti. Perdoa.

O lábio pecou, mas a intenção foi boa..."

— o O o —

Apesar de já prevenido, Geraldo não deixou de sentir uma desagradável impressão, ao ser apresentado a Marina. Não poderia imaginar uma mulher mais deselegante e menos atraente. Cabelos lisos, curtos e de coloração indefinida; olhos sem vida e inexpressivos; olhar amortecido; sobrancelhas grossas e cerradas; apêndice nasal quase a "Cirano de Bergerac"; boca rasgada; lábios espessos e grosseiros; dentes irregulares; rosto comprido com uma leve semelhança equina; mento quadrado; corpo...

— "Uma simples tábua lisa de madeira, com um vestido de chita, baratinho, seria bem mais elegante". — observou Geraldo, mentalmente.

Tal impressão, entretanto, era apenas sob o aspecto físico, pois, sob o ponto de vista moral, pela grandeza de coração de Marina, face ao que já chegara ao seu conhecimento, considerava-a "formosa". Apesar de tudo, tornaram-se noivos, com grande escândalo geral. Despeitadas e invejosas, as moçoilas casadouras comentavam sua incapacidade em admitir que um homem tão atraente, verdadeiro tipo de beleza masculina, pudesse se "engraçar" com a "Lambisgóia"... Nem mesmo por simples sentimento de gratidão seria concebível tal noivado...

Entretanto, este se fez e, com o perpassar do tempo, tornou-se, para Geraldo, uma encantadora estrada, plena de agradabilíssimas surpresas. Todas as tardes o romancista fazia uma visita à sua noiva. Esta, de início, mui retraída e recatada, pareceu confirmar, aos olhos do noivo, a primeira impressão: — seria uma mulher simples, rude, inculta, incapaz de manter uma palestra agradável a um homem de espírito arejado, sensibilidade estética, alma de artista e coração de poeta. Mas, aos pou-

cos, foi Marina se desinibindo e terminou por patenteiar, aos olhos ex-tasiados do noivo, uma faceta completamente desconhecida de todos, até do próprio Dr. Azevedo.

Sempre ensimesmada e voluntariamente enclausurada numa concha defensiva de isolamento, Marina soubra aproveitar, de forma admirável, os longos anos decorridos como Bibliotecária — Chefe da Biblioteca Pública Municipal, cargo que só deixou com o agravamento do seu mal. Leu, então, e estudou, com afinco, as melhores e mais interessantes obras existentes nas prateleiras, à sua disposição. E, como uma incansável autodidata, passara a dominar facilmente o francês, o italiano, o espanhol!

E, apaixonada pela Literatura e, especialmente, pela Poesia, tornara-se uma verdadeira autoridade em assuntos sobre a vida e a obra das figuras mais representativas das Letras Néo-Latinas.

Geraldo, todas as tardes, ansiava pelo momento da visita àquela modestíssima gaúcha, digna de brilhar — estava ele certo — nos maiores centros culturais do mundo. Prelibava momentos deliciosos de troca de impressões e o inícios, em que ele, quase sempre saía ganhando... Principalmente no reino encantado da Poesia, objeto especial de sua paixão, embora não se considerasse um poeta, mas, apenas, um modesto romancista.

Durante tardes inesquecíveis, Marina, transfigurando-se e tornando-se deliciosamente loquaz, sem maior preocupação de ordem cronológica, discorria sobre alguns poetas franceses, os mais representativos em suas épocas, destacando-lhes traços biográficos, tendências psicológicas, sensibilidades e idealismos, escolas e teorias literárias, valor cultural de seus trabalhos, declamados alguns, mercê de sua invejável memória, com eusão de sensibilidade estética e grande capacidade de comunicação emocional.

E, suavemente, ela começou por Lamartine, o mais clássico dos românticos, bela alma de poeta, aberta a todas as emoções, impressionável e sensível. "Lamartine é uma nova sensibilidade: o gosto da tristeza. Grande e nobre poeta: o gênero "lamartineano" ensinou o mundo a chorar", — disse Mestre Afrânia.

De Lamartine passou Marina, naturalmente, a Alfred de Musset, o poeta da juventude e da paixão, por excelência. Sem a pureza de Lamartine, a força de Victor Hugo e a profundez de Alfred de Vigny, é Musset, sem dúvida, o mais lírico dos mestres do século XIX. Sua poesia "é a música do coração, nos versos e no papel; contaminou o mundo de ternura e de lágrimas, com um grão de sal de espírito e jovialidade, e disso fez uma arte poética" — observa Afrânia Peixoto.

— o O o —

E Marina passou a discorrer sobre Alfred de Vigny, poeta de sensibilidade profunda, na majestade do sentimento, cuja poesia impessoal e digna, foi uma plena confirmação do conceito filosófico que o poeta tinha da arte: — "A arte é a verdade escolhida". A sua teve dignidade.

— o O o —

Victor Hugo, o discípulo de Chateaubriant, "o maior dos poetas franceses do Século XIX, senão de todos os tempos", — no dizer de Mestre Afrânia, foi o escolhido por Marina, ao prosseguir, inebriada, na de-

liciosa viagem poética, em companhia dos grandes românticos franceses
E deslhou seu acendrado amor à pátria, sem desdouro de acentuado
espírito de fraternidade universal..

— o O o —

E, em outras tardes, inesquecíveis para Geraldo, Marina focalizou,
sempre em linguagem elevada e enlevada, outros poetas que enrique-
cem a imensa e grandiosa galeria da Literatura Francesa. E passaram,
peios sentidos extasiados de seu noivo:

— o O o —

— A vida e a obra de Theophile Gautier, o poeta que amava mais
as rosas que os mais belos discursos, e que considerava a beleza como
a única realidade e o único culto do artista, por conter em si a "sua"
moralidade.

— o O o —

— A vida e a obra de La Fontaine, o grande fabulista que confes-
sou: — "je me sers d'animaux pour enseigner les hommes;" — o poeta
que em tudo encontrava uma fonte de interesse e prazer.

— o O o —

— a vida e a obra de André Chénier, vítima do maior crime da Re-
volução; atualizado em seu tempo por suas idéias, remontado à anti-
guidade por sua arte:

— a vida e a obra de Baudelaire, o originalíssimo poeta parnasiano,
por vezes, torturado pelo tédio e perseguido por visões:

— o O o —

— a vida e a obra de Leconte de Lisle, poeta parnasiano, de inspi-
ração antiga, bárbara, distante, solene, pessimista. Como Vigny, ele es-
cuta os gritos de desespero da humanidade sofredora:

— o O o —

— a vida e a obra de Sully Prudhomme, o suave poeta do coração
de sua tristezas íntimas e delicadas, que seduz por sua piedade discre-
ta e cálida, pela nobreza de seu ideal:

— o O o —

— vida e a obra de Paul Valery, poeta de inteligência universal, em
cuja poesia há limpidez e obscuridade, afetação e grandeza, e onde,
sem dúvida, tomou corpo, em França, a poesia filosófica.

— o O o —

— a vida e a obra de Paul Claudel, o admirável poeta católico, cujos
versos são um ato de gratidão e uma prece perene a Deus, após rece-
ber sua graça na obscuridade comovente de Notre-Dame.

— o O o —

— a vida e a obra de Charles Péguy, socialista ardente, depois po-
lemista fogoso, cristão convicto, soldado valoroso, heroicamente abati-
do em combate, a 5 de setembro de 1914, em Villeroy, no comando de
sua companhia de infantaria, — cuja poesia traduz, quase sempre, o
arrebatamento de sua sentimental fé católica.

— o O o —

Cada vez mais enlevado, Geraldo passou a alimentar um sonho: —
inspirado em Marina, iria escrever um novo romance, cujo principal per-
sonagem seria um jovem caridosa e boníssima, possuidora de profunda
cultura humanística e chamada, também, "Marina"... E, mentalmente,
começou a delinear seu físico: — seria uma moça alta, vistosa, elegan-
te... Cabelos pretos, longos, sedosos, levemente ondulados... Rosto

oval, de belo formato, onde se destacavam dois olhos negros, bri-
lhantes e expressivos; um olhar encantadoramente acariciante; sobrance-
rias a queadas e mui bem desenhadas; um nariz delgado, suave, per-
feito; boca pequena; lábios finos e delicados; dentes alvíssimos e regu-
lares; um maravilhoso queixinho com uma sedutora covinha...

E Geraldo passou a ver mentalmente, mas com tal força de imagi-
nação, como se, por vezes, "ela" se materializasse, uma "Marina" bela,
vistosa, elegante, atraente...

Dos poetas franceses, passou Marina para os vultos mais represen-
tativos da poesia espanhola e hispano-americana. Mas, sem o mesmo
entusiasmo do começo. Não que o tema fosse menos apaixonante. Co-
meçou a sentir, como tantas vezes já ocorreu, uma progressiva, embo-
ra lenta, fadiga e perda de forças. Procurou ocultar seu mal ao noivo e
o conseguiu durante muito tempo. E, sem perceber o drama vivido por
sua amada, Geraldo deixou-se levar, cada vez mais enlevado, pela pa-
lavra fluente e extasiante de Marina, que lhe falou de:

— "Soneto a Cristo Crucificado", de autor desconhecido, atribuída
sua autoria a Santa Teresa de Jesus, São Francisco Xavier, Santo Iná-
cio de Loyola, Frei Pedro de los Reyes e Frei Miguel de Guevara.

* * *

— José Zorrilha, poeta improvisador, que, por sua espantosa vir-
tuosidade, fulgor de sua imaginação, extraordinária facilidade e perfeita
musicalidade dos seus versos, sem favor, é colocado entre os mais per-
feitos poetas espanhóis.

— o O o —

— de José María Peman, o bravo poeta que, durante a guerra civil
espanhola, percorreu, com dedicação e heroísmo, os campos de bata-
lha para animar com seus versos e sua palavra, os abnegados soldados
nacionalistas que defendiam a Espanha contra a bárbara e sangüinária
invasão vermelha:

— o O o —

— de José de Espronceda, o poeta do "romanticismo de exaltación"
e "romanticismo de lamentación". Entre as poesias que correspondem
à primeira modalidade, verdadeiros hinos de individualismo anárquico,
de impeto avassalador e selvagens cantos de triunfo está a "Cancion del
pirata":

— o O o —

— de Gabriela Mistral, a nobre poetisa chilena, única a conquistar
o Prêmio Nobel.

— o O o —

— de Santa Teresa de Jesus, a mística seráfica do Carmelo, Douto-
ra da Igreja — honra jamais conquistada por outra mulher — que "es-
creveria mais em língua celestial que na espanhola".

— o O o —

— de Rubén Darío, Nume Tutelar de sua pátria, a Nicarágua, "este-
ticista de las formas poéticas", o maior lírico de língua castelhana des-
de a morte de Góngora até o começo do século XX. — no dizer de An-
gel Valbuena Priat.

— o O o —

— de Porfirio Barba Jacob, primoroso vate colombiano, "voz poéti-
ca das mais puras".

— de José Santos Chocano, poeta peruano, épico e lírico, que cantou "la originalidad de un continente y de una raza".

— o O o —

— de C. Córdova Iturburu, o poeta argentino que, no dizer de H. Sánchez Guell, "combina sin esfuerzo alguno lo ideal y lo moderno, lo triste y lo alegre, y resulta de todo ello algo así como un aspecto nuevo de la vida, que no sabríamos definirlo, pero que se adentra en el alma lenta y deleitadamente.

— o O o —

— de Luis Bausero, "el poeta del mar", nascido no Uruguai, que traz, en sua poesia, algo "del mar sensorial, con sol y con viento, del mar nuestro, del mar camino y puerto de la Patria, del mar, vocación, aventura y artesanía", na frase de Carlos Real de Azúa.

— o O o —

— de Leopoldo Ramos Giménez, o inquieto poeta paraguaio, iniciador, com seus versos vibrantes de rebeldia, da poesia social em sua pátria, que, vindo ao Brasil, se tornou um enamorado da terra carioca, como o revelou em:

CANTO A LAS PALMERAS DE RIO DE JANEIRO

? Para que sueños de extrañas en el cantar,
para qué ondinas que el mar de Venus rozan ligeras,
si hay Corcovado y hay Pan de Azúcar y hay Beira-mar
y hay cien palacios bajo la guardia de tus palmeras?

— o O o —

— de Gustavo Adolfo Becquer, poeta sevilhano, cuja vida, cheia de angústias e sofrimentos, transformou-o em "poeta de congojas". Suas "Rimas", possuidoras de um conteúdo tão íntimo e doloroso, fazem lembrar as "Noites", de Musset.

— o O o —

Volverán del amor en tus cídos
las palabras ardientes a sonar.
Tu corazón de su profundo sueño
tal vez despertará;

Pero mudo, y absorto, y de rodillas,
como se adora a Dios ante su altar,
como yo te he querido... desengañate,
! Asi no te querrán!"

— o O o —

E era como Geraldo se sentia diante de Marina... pelo menos, mentalmente... "mudo, y absorto, y de rodillas, como se adora a Dios, ante su altar".

Com as mãos de sua noiva, carinhosamente, entre as suas, Geraldo, encarando-a mais com os olhos da alma que com os do corpo, tinha,

por vezes, a impressão de ter, diante de si, a personagem de seu futuro livro, a "Marina" bela, alta, vistosa, elegante, do romance...

E por que não poderia ser assim?!... Da formosura moral e do fulgor cultural de Marina bem poderia lhe resultar uma beleza física, facilmente visível aos olhos de um esteta...

* * *

Pretendia Marina continuar suas explanações, agora em torno dos maravilhosos poetas italianos: Dante Alighieri, Gabriele D'Annunzio, Petrarca, Ludovico Ariosto, Torquato Tasso, Giacomo Leopardi, Lorenzo Stechetti... Mas não o conseguiu. O mal passou a progredir com mais rapidez. A fadiga, a palidez, a anemia, a perda de peso e de forças, a fraqueza geral acentuavam-se na rápida progressão, acompanhadas, ainda, de sintomas até então inexistentes: — pequenas tumefações ganglionares, suores noturnos, febre moderada.

— O processo entrou em sua fase final — prognosticou, tristemente, o Dr. Azevedo.

Mas Geraldo não queria aceitar o sombrio prognóstico. Imaginava —, porque assim o desejava intensamente —, que Marina teria outra remissão, a qual seria, por ele bem aproveitada: — levaria logo sua noiva a um grande centro, onde existissem mais recursos terapêuticos que naquela pobre cidade... e ela se salvaria...

* * *

Marina mantinha seu Diário ao alcance da mão. Um dia, aproveitou um momento de ausência da dedicada Sebastiana, escreveu, com grande sacrifício e letra trêmula:

— "Consumatum est..." Minha vida, minha pobre vida, está suspensa por um tênué fio... Há muito sabia eu que assim seria... Quando dos primeiros sintomas do meu mal, estudei-os cuidadosamente numa Encyclopédia Médica da Biblioteca Pública Municipal, então ainda sob a minha direção. Mas deixei que o Dr. Azevedo, sempre tão amigo e dedicado, julgasse que eu ignorava a gravidade de meu estado. Entretanto, não me queixo. Ao contrário, morro feliz por dois motivos. O primeiro, o mais importante, é que eu sou uma beneficiada de "A Grande Promessa" do Sacratíssimo Coração de Jesus. E hoje mesmo mandarei pedir ao Monsenhor Francisco que me venha preparar para a Grande Viagem. O segundo é que eu sou amada... Apesar do meu físico, com o qual jamais me iludi, mercê da franqueza rude, mas honesta, do meu espelho, o meu noivo me ama. Quando Geraldo me pediu em casamento, eu logo atribui sua atitude a um gesto de gratidão pelo que me foi dado fazer por sua irmã Clotilde, minha única amiga nesta terra, como já deixei acima registrado neste livro. Tanto mas, sabendo ele que meu fim estava próximo... Sem a menor ilusão de que pudesse ser outro o motivo de seu pedido, aceitei-o em respeito à memória de Clotilde. Aos poucos, entretanto, comecei a perceber que os sentimentos de Geraldo não eram os de simples gratidão ou, até mesmo, de piedade, o que meeria dolorosamente humilhante. A maneira carinhosa com que meu noivo mantinha minhas mãos entre as suas; a meiguice com que me encarava e me falava, e o enlevo com que me ouvia, enquanto, a seu pedido, eu discorria sobre poesia e poetas, tudo me garantia de que não havia hipó-

crisia de sua parte; de que, realmente, Geraldo me amava, como se fora eu uma mulher bonita, digna de ser amada por um homem belo, como é o meu noivo. E, por tudo isto, eu lhe sou grata, imensamente grata. E ele saberá de minha gratidão mais tarde, quando, após meu falecimento, ele chegar a ler este registro, por certo, o último a ser lançado neste Diário, neste escrínio sentimental de uma mulher, que foi infeliz em toda sua vida, mas foi felicíssima na hora de sua morte..."

* * *

Mais tarde, Geraldo verificou que Marina não se enganara: — fora realmente seu último registro...

Certo dia, ao chegar à casa de sua noiva, encontrou ele, já de saída, o virtuosíssimo pároco local, Monsenhor Franciscò, a quem devotava profunda gratidão pela edificante assistência espiritual, com que atendera sua irmã. O sacerdote conversava com Sebastiana; desfeita em lágrimas, Geraldo ouviu algumas palavras pronunciadas, a meia-voz, pelo religioso:

— "Está preparada... É uma santa esta nossa querida amiga..."

Não fora o respeito merecido pelo piedoso pároco e ele protestaria em altas vozes, como teve ímpetos de fazê-lo.

— "Sim... que Marina é uma santa, eu já sabia... mas para que está ela preparada?!... Para se despedir desta vida?!... Não!... e Não!... Ela vai melhorar novamente... e, então, eu a levarei a algum grande centro científico, onde ela recuperará a saúde..."

—x—

Geraldo sentou-se numa cadeira, ao lado da cama de Marina.

— Querida, tu não deves conversar, para não ficas cansada. Só para te distrair um pouco, eu irei conversando... bem de mansinho... Mas, se ficas cansada...

Marina aprovou a sugestão de seu noivo, com um leve sorriso que, tristemente, lhe aflorou aos lábios e aos olhos. E com os olhos passou a acompanhar o que lhe dizia Geraldo, mantendo-os ora abertos, fitando-o docemente, ora fechados, como se quisesse, fitar seu íntimo para melhor avaliar o significado daquele momento... E, paulatinamente, foram se tornando cada vez menores os períodos em que fitava seu noivo, e cada vez maiores os períodos com as pesadas pálpebras, caídas... Em dado momento, não mais se conteve e disse, com um profundo sentimento de resignação na voz:

— Querido... isto é o fim...

Como se tivesse recebido um choque elétrico, Geraldo vibrou:

— Não, querida! Por piedade, tu não deves dizer isto! Tu vais melhor mais uma vez, e, então, nós nos casaremos. E, logo em seguida, iremos procurar um grande especialista, no Rio, São Paulo, Nova Iorque, Londres, Paris... onde for necessário. E tu ficarás boa. E nós seremos ainda muito felizes...

Marina esboçou um triste sorriso de gratidão. E Geraldo prosseguiu, com veemência, construindo castelos no ar:

— Sim, querida. Eu te garanto que assim será... Nós nos casaremos logo... e tu serás a mais linda noiva, não apenas desta cidade, mas de toda a campanha gaúcha...

E, aos borbotões, e não mais de mansinho, Geraldo continuou falando para animar sua amada a encarar a vida com otimismo, com alegria, com fé, com confiança no futuro...

Marina, entretanto, cada vez menos o ouvia... E, nos curtos períodos em que mantinha abertos seus olhos, procurava fitar seu amado com um triste olhar distante... muito distante... cada vez mais distante... como se já o estivesse fitando da Eternidade... até que os fechou... e não mais os abriu... e só então, depois de alguns minutos, é que Geraldo se convenceu da dolorosa realidade... De joelhos e com a cabeça sobre o corpo inanimado de Marina, o infeliz chorou copiosamente, por ter perdido naquele instante, — ele estava plenamente convencido —, "a mais linda noiva de toda a imensa campanha gaúcha..."

TRAÇOS BIOGRÁFICOS DO ACADÊMICO

**Jayme
de Orlando Canaan**

Nasceu na Tijuca — Rio de Janeiro. Filho de Mario Canaan e de D. Maria Laura de Orlando Canaan. Iniciou carreira artística em 1950: (cantor-cômico) pseud. Babi do Rádio e J. O. CANAAN (compositor musical). Foi animador de auditórios das seguintes rádios: Mauá — Vera Cruz e Rádio Solimões NI. Fundador da Gravadora Canaan Discos — N. Iguaçu, gravou várias músicas populares para o carnaval carioca como CANTOR e AUTOR. Destacou-se nos meios radiofônico em 1954 com o Fox intulado MADEMOISELLE, e em 1958 com a marcha Babá-Babi que fez sucesso no carnaval. E ainda com a marchinha Hora da Virada em cò-parceria gravada por Odete Amaral em 1965 (carnaval) homenageando a Revolução de 31 de março/64. Tornou-se membro associado da UBC (União Brasileira dos Compositores Musicais do Rio de Janeiro), em 1954. Bancário de profissão iniciada em 1951 no Banco Nacional Ultramarino S.A. — Rio de Janeiro, atualmente no Banco BANERJ-RJ. Membro da U.B.T. (União Brasileira dos Trovadores-Seção N.I.) Professor (Educador) nas disciplinas Educação Moral e Cívica e Estudos Sociais (O.S.P.B.). No decorrer de sua carreira bancária, fez os seguintes cursos superiores: Direito do Trabalho (Legislação Trabalhista, Fundo de Garantia e PIS). Organização Métodos e Sistemas e Chefia e Liderança — todos no IDEG Instituto de Desenvolvimento do Estado da Guanabara e registrados no MEC. Casou-se em 1952 com D. Aldina Henriques de Barros (portuguesa) e desta união nasceram 8 filhos. Reside em Nova Iguaçu desde 1953.

ROSAS DAS PRIMAVERAS...

(Poema)

J. O. Canaan

No meu retiro,
Admiro
O Giro —
do Casimiro
nas Primaveras...
de todas as eras!
E, das ROSAS:
Perfumosas
De vidas
defendidas
Nos caminhos,
por espinhos

ROSAS vivas:
cativas
Nos Jardins
E festins
Da filosofia
E geografia

ROSAS:
Formosas
Perenes
Solenes
De pensadores
E escritores
De artistas
E desenhistas
De bordadores
Em várias cores
Sinzeladores
E gravadores...
ROSAS:
...maravilhosas
Digo...

E bendigo
A verdade...
na minha idade
avançada,
Foi lançada,
Com variedade
Perpetuidade,
E qualidade,
A quantidade
De ROSAS, mana: —
De porcelana;
DE ROSAS, Leda:—
De Seda...
E ROSA, não falte,
De esmalte...

Também se trata
De ROSA de prata
De ROSA de Ouro,
De platina
E de diamantes...
E não se atina
com o estouro
do tesouro
Das fianças,
E finanças...
dos amantes
E de quem
Diz: Amem.
Padece
E oferece
ROSAS caras
E raras —
Para ditosas
Donas de ROSAS

ROSA:

Mimosa
Rainha das flores
Testemunha dos amores
E das traições
Rainha
Minha
Das Primaveras
De todas eras
De Casimiro
Em seu retiro
De todas
As bodas
E das tradições

ROSA:

Sem fala
Exala
O seu perfume
No Santo dos Santos
E em todos os cantos
Causa ciúme

Nos hectares
Sem estrídulos
E nos altares
Dos ídolos...
Serviu à histórias
Nas glórias
De nações
E canonizações
DE freguesias
E heresias...
Foi vista
Pela conquista
Como critica
Na Política
Nos brasões
Dos PAPAS
Nas várias etapas...
E também,
Em JERUSALÉM...
E em todas as idades,
Nas sociedades
De todas as facetas
E nas secretas
Foi ela

Tão Bela
ROSA da paz
E misericórdia
Em túmulo jaz:
Bem como
Ela foi o pomo
De discórdia
E mixórdia
Desastrosas
Da guerra
Das duas ROSAS
Na Inglaterra

.....
Regresso
Do passado
Já cansado
E com meu ingresso

No presente
Minha alma sente
Que nela invade
A saudade
Que perdura
Com certeza
No conflito
Entre a grandura
E a grandeza
E refrito:

Na Fúmaria
Desde o berço
Reúno em Terço
de ROSÁRIO
Todas as ROSAS
Formosas
Belas
E elas
A Ti a endereço
E a ofereço
Ó VIRGEM SANTA
SANTA MARIA
Minha Fé é tanta
Em Ti MILAGROSA

.....
Em corolário
Rogo-Te, nos hinos,
pelos destinos
DAS ROSAS...
...DAS PRIMAVERAS,
Em todas as eras!

Acrosticando Filosofias

F I L O S O F I A
(Acróstico)

J. O. CANAAN

Filosofia é o pensamento humano
I manéncias Positivas e ou Negativas
Liga ou desliga ao Espírito Soberano
O Espírito Santo em Suas Descritivas
Suprema luz que tem todo mortal
Onipotente fluxo que a nós conduz
Fixa a crença no bem, ou no mal
Irmãos os povos quando por Mestre Jesus.
"A mãos a Verdade em Convívio Racional".

D I R E I T O
(Acróstico)

Direito é dar a César o que é de César ou (do ESTADO)
Igualmente dai a Deus o que é de Deus disse: Jesus;
Rei dos Reis; Rei dos Judeus, foi "coroado"
Entre ladrões pereceu pregado à CRUZ!
Isto! demonstra o Direito do Homem à HUMANIDADE
Traidora do Amor — da Liberdade e da LUZ
O DIREITO? — É mais direito sem maldade!

L I T E R A T U R A
(Acróstico)

Literatura é o amor de mãe sofrido
Imensa luz em foco colorido,
Tem ALMA triste como a MÃE aflita!
E dá suspiro que o soluço imita,

Réstia de Luz, o teu clarão bendigo,
ALMA serena e casta que eu persigo,
Tem a ternura da História desta Vida,

Universal Relicário do saber humano,
Rima: Amando — cantando — a graça
CONSEGUIDA
A os pés de Deus, não teme o mal tirano!

NOTAS BIOGRÁFICAS DO ACADÉMICO

**João Quental
Procópio Ferreira**



Nasceu no Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira de ator fazendo pôntas em teatro. Não sendo lhe dado nenhum papel de destaque resolveu chamar a atenção sobre sua pessoa numa "ponta" que fazia barbeando um personagem. No momento de encenar a tal raspagem de barba, saca de uma enorme navalha que adrede mandara confeccionar. Provoca gorgalhadas geral e aplausos efusivos, o que além de aplacar o aborrecimento dos organizadores, os leva a dar-lhe maiores participações. Escolhe definitivamente o seu gênero, o de fazer rir. Todavia, a atenção do público volta-se para o grande artista, quando fez o papel de fogueteiro da opereta A Juriti, de Viriato Correia. Criou depois papéis importantes, como o protagonista do Avarento, de Molière, o de um dos mendigos da peça Deus lhe Pague, de Joracy Camargo. No único personagem da peça de Pedro Bloch, Esta Noite Choveu Prata, mostra o aproveitamento de seu grande talento. (Ensino Renovado de Biografias).

Residindo em N. Iguaçu há muitos anos, ao comemorar os cinquenta anos de palco, teve, como primeira homenagem, das muitas que recebeu pela efemeride, a inauguração do Teatro Procópio Ferreira, do Instituto de Educação Afrânia Peixoto, o que fez representando a peça Esta Noite Choveu Prata.

Tem feito muitas conferências sobre teatro em diversos estados do Brasil. É o ator que mais representou no Brasil e no mundo, possuindo ainda o recorde mundial de peças representadas por um ator.

Possui centenas de troféus e muitas condecorações, entre as quais a Legião de Honra da França, e faz parte de inúmeras entidades culturais, ocupando na Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu a cadeira cujo patrono é João Caetano.

Entre muitos trabalhos publicados escreveu: "Como se faz rir" e "O que penso... quando não tenho o que pensar".

**O QUE PENSO... QUANDO
NÃO TENHO EM QUE PENSAR**

Procópio Ferreira

Teatro é a arte da obediência: obedecer ao autor, ao público e ao diretor.

* * *

Nunca te esqueças de que todos os artistas se julgam gênios...

* * *

Quando elogiarem teu trabalho junto do autor, deves responder: "Com tão boa peça não é vantagem fazer sucesso".

* * *

Nunca argumentes com teu diretor. Ele é o responsável pelo espetáculo. Se o contrariares, a responsabilidade do erro cairá sobre ti.

* * *

Quando tiveres que elogiar uma atriz, nunca o faça junto de outra. Assim evitarás uma inimizade.

* * *

Se não existissem os cômicos, que seria dos outros palhaços?

* * *

Nada mais ridículo do que pretendermos fugir à condição humana. Ao riso, por exemplo.

* * *

Se a humanidade fosse feliz, os cômicos e os humoristas seriam inúteis.

* * *

Os sábios trabalham para a saúde do corpo. Os cômicos para a saúde da alma, inclusive dos próprios sábios.

* * *

O teatro é inflexão. Todo o resto é enfeite.

* * *

A imitação é tiro pela culatra.

O artista não educa o público. Este é que educa o artista. Arte é reflexo.

* * *

Quem pede opinião sobre seu trabalho não é para receber conselhos, é para merecer elogios.

* * *

Ideal? Sim. Quando possuímos recursos para sacrificá-los em favor do sonho.

* * *

Os medíocres julgam que agindo ao contrário, estão criando coisas novas.

* * *

A comicidade é tão difícil de ser encontrada quanto uma grama de rádium. A Grécia só deu um Aristófanes.

* * *

No Brasil, os restaurantes matam mais gente do que a pneumonia.

* * *

Berinjela é jiló que sofre de gigantismo.

* * *

Uísque é cachaça falando inglês

* * *

A melhor maneira de evitar um assalto em massa, é a dona da casa servir seus convidados.

* * *

A velhice não existe. Existe inutilidade.

* * *

Que são paixões políticas? Conflitos entre os que avançam e os que não podem avançar.

* * *

Uma das maiores vitórias do homem é quando ele consegue desprezar sem rancor.

* * *

Prefiro um cão latindo a um político discursando. No latido do cão há sempre sinceridade.

NOTAS BIOGRAFICAS DO ACADÉMICO

Latour Arueira

Nasceu em Campos (E.R.J.), em 17 de agosto de 1914. Filho de Norival Ribeiro Silva Arueira e Dalila Neves Silva.

Jornalista (registro nº 185 no Ministério do Trabalho) e Técnico de Educação do Estado (concursado). Casado com Adélia de Azevedo Silva Arueira.

- 1 — Da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu
- 2 — Da Academia Niteroiense de Letras
- 3 — Da Academia de Letras, Artes e Ciências de São Gonçalo
- 4 — Da Academia Pedralva — Letras e Artes — Honoris causa (Campos)
- 5 — Do Ateneu Angrense de Letras e Artes
- 6 — Da Sociedade de Homens de Letras do Brasil (Rio de Janeiro)
- 7 — Benemérito da Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia
- 8 — Presidente do Conselho Nacional da UBT
- 9 — Benemérito da Fundação Benedito Pereira Nunes, mantenedora da Faculdade de Medicina de Campos
- 10 — Secretário da Associação Fluminense de Jornalistas

Autor de pequenas biografias de patronos das escolas do Estado do Rio. Palestras em várias cidades do Brasil. Tem em preparo, de parceria com José Naegele, o livro "História das Bandas de Música do Estado do Rio de Janeiro". Pertence ao Grupo Executivo que implantou a Faculdade de Medicina de Campos.

VALFREDO MARTINS

Latour Arueira

Sem integrar a seita de John Humphreys, era Valfredo Martins um perfeccionista. Fidelíssimo ao soneto, da adolescência à maturidade, seus versos jamais passaram rente da mediocridade.

Ao ver Valfredo Martins a caminho do Tudo ou ao encontro do Nada, entrando "naquele estranho país de cujas raias nenhum viandante ainda voltou", como dizia Shakespeare, rememoro Gilberto Freire chorando o termo de um amigo autor de belíssimos poemas: "Um poeta com o pudor do barulho e com a mística da voz baixa e até do silêncio. Para ouvi-lo, nós é que precisamos de ir ao encontro dele".

Valfredo Martins cultuou a filosofia do mosteiro de Trappa, como nos fala Chateaubriand. Desde a idealização de "Faianças", livro que não levou à realidade, até ser divulgado nos jornais e revistas de tantas cidades e do Rio de Janeiro, ele está entre os valores interioranos que notivaram a Gilberto Freire o estudo denominado "A Revolta da Província". A sua ciência de viver ainda mais o distanciou do renome a que lhe dava direito a superioridade literária. Vamos sentir "Janela Abandonada":

Esta janela, hoje erma, hoje deserta,
venho rever e a reconheço a custo.
Esta que, outrora, em pompa ao sol aberta.
emoldurava o seu fidalgo busto.

Balcão donde ela a rir me fez a oferta
do seu primeiro olhar piedoso e augusto,
e, sempre, às noites, palpitante e alerta,
esperava por mim, fria de susto

Hoje tudo mudou, hoje mais nada
desse bom tempo de ventura resta;
hoje quem passa a vê abandonada.

De dia o sol em chispas a ilumina,
e, à noite, a lua pálida lhe empresta
a perspectiva triste de uma ruína.

Depois de julgado por Múcio da Paixão, no "movimento Literário", Valfredo Martins publicou "O bracelete e outras imagens", pela Imprensa Nacional, em 1935, com 10 sonetos perfeitos. "Autores & Livros" divulgou em 1948 quatorze sonetos de sua autoria.

Foi, todavia, a Academia Fluminense de Letras, na sua revista, a que mais amor evidenciou pelo poeta Valfredo Martins, em 1956, e em 1970, volumes VI, IX e XIV, inserindo em suas páginas muitos dos sonetos que ele compôs, com ilustrações de Segisnando Martins. Sempre com a preferida designação de "Imagens Perdidas". Destacamos "O Encontro":

Se não te é meu destino indiferente,
se alguma coisa ainda em ti perdura
e, neste encontro, não te esquece a mente
que tu causaste a minha desventura.

Bendito o teu olhar que me procura
na multidão anônima da gente,
olhar donde uma gota mal segura
rolou na noite do pecado ardente.

Mas se tudo passou, se na penumbra
em que vivo, se na ânsia que me invade,
revendo-me, a alma se te não deslumbra,

então sequem-te as pálpebras vazias!
Porque esse olhar foi de curiosidade
para ver a desgraça dos meus dias.

Em São Paulo, recentemente, a "Nova Antologia Brasileira da Árvore", de Thereza Cavalheiro, conta com um soneto de Valfredo Martins, "O Cagazeiro", do seu livro de 1935.

Na Academia Fluminense de Letras, Valfredo Martins era o terceiro membro efetivo da classe de Letras, cadeira patroneada por Salvador de Mendonça, antes preenchida por Sena Campos e Henrique Lagden. Não chegou a tomar posse, certamente pela sua devoção à quietude.

Valfredo Martins era campista, planície de poetas, dois deles fundadores da Academia Brasileira de Letras: Teixeira de Melo e José do Patrocínio. Diplomou-se em Farmácia, colega de turma do Dr. Eduardo de Carvalho, diretor do SESC, em 1909. Mas a administração pública foi a sua sorte. Modelou como Secretário de Finanças a probidade funcional.

Contam que um Governador lhe comunicou, certa vez, a vontade de alguns amigos, oferecendo-lhes um banquete. Delicadamente recusou: não tenho amigos, nem inimigos. Contadores concursados foram ao seu gabinete para dizer que contavam com ele. Respondeu: eu não quero servidores que precisem de mim e sim aqueles que o Estado precisa deles. Um conceito de administração.

Tradicionalista, conservador, saudosista, Valfredo Martins não viu na moda nenhuma atração: usou os sapatos de bico fino da juventude à velhice. E com eles deve ter chegado ao minifúndio de sua propriedade, no campo do sono infinito. E agora "Uma mulher":

Eras o bri'ho, a lartejoula, a graça,
a divindade dos galanteadores,
a flor sensacional de um fim de raça,
para a corte dos poetas pecadores.

Hoje te lembro, e por meus olhos passa
todo o inquieto espendor dos teus amores.
— ceias a'egres, misturando à taça
da tua boca risos e licores.

Vejo-te agora as sedas e os brocados,
a carne nua, voluptuosa e linda,
meu jardim de Epicuro dos pecados.

E estas mãos, que em teu corpo se abrasaram,
sentem no tato, eletrizado ainda,
o latejar dos seios que afagara:

Valfredo Martins passou silenciosamente escondendo-se dos seres e das coisas. Os seus versos, porém, serão a justiça de Deus na voz e da história, na declamação de Pedro II. Considerando os completos e excelsos sonetos de que foi autor como imagens perdidas, o poeta comeca a deixar a sombra e a penetrar no céu da glória, como um astro de ouro.

* * *

BRASIL DOS REIS

Latour Arueira

É de todos que entre os amores da vida tenha realce o dedicado ao berço natal. Mas em Brasil dos Reis o amor devotado a Angra dos Reis era singular. Nela ele desejou dormir para sempre. E versejou:

E quando a morte chegar,
que eu durma em paz o meu sono,
nessa terra ao pé do mar.

Deus ouviu a sua invocação. E Angra dos Reis o levou para o recesso que o poeta João Rangel Coelho assim descreveu:

Nas brancas ruas caiadas,
da terra do sono infindo,
as casas estão fechadas
e todos estão dormindo...

Houve uma reunião no céu no dia 4 de maio, quando os imortais de Lá comemoraram os 80 anos de Brasil dos Reis e, principalmente, seu reencontro com o infinito. Brasil dos Reis andou perdido, sem luz, no seu proclamado ateísmo, no agnosticismo dos esquecidos da fé, na filosofia materialista.

Depois achou o caminho, a verdade e a vida. E os livros de sua paz foram escritos: "O Irmão Joaquim do Livramento", "Vida de São Benedito", "Lenda da Imaculada Conceição", "Imagens Bíblicas" e "Tentação de São Jacobo".

No dia 22 de abril, como falou Hermes Fontes, ele descreveu o "ponto final do humano calendário". E começou o calendário divino. Relembrou os versos de Mário de Alencar:

Como as folhas que caem ressequidas,
quando entre os ramos sopra a aragem leve,
vamos nós, um por um, na vida breve,
caindo, folhas mortas, esquecidas...

E ouviu também a própria morte, através de Augusto de Lima: Eu sou a porta da Posteridade; por mim entram os mártires da História.

A vida de Brasil dos Reis foi uma tempestade. Uma "via crucis" permanente. Mas ele não virou o rosto: enfrentou, venceu. Em 1948, tísico, no Sanatório São Sebastião, no Rio de Janeiro, passou ao Azevedo Lima, em Niterói. Ficou até 1950 e saiu com saúde, o melhor bem do corpo, como dizia Aristóteles.

E voltou para o mesmo Sanatório em 1975, retornando em seguida à Angra dos Reis para a despedida final, na Santa Casa. Foi colocado em quarto particular e, voluntariamente, recebeu a extrema-unção. A Prefeitura fez as despesas com o funeral, como homenagem da comunidade.

Brasil dos Reis fundou e dirigiu muitos jornais, quase todos de existência passageira, que o jornalista era poeta, com conhecimento comercial. Durou mais "O Litoral", que andou de céu em céu, inclusive sendo editado em Niterói.

Componedor na mão, sem original à frente, compunha na caixa, letra por letra, artigos e versos, notícia e reportagens. Em 1952 participou em Porto Alegre de um Congresso Brasileiro de Escritores, representando Angra dos Reis. Apresentando a tese. "A Luta do Escritor em Seu Próprio Meio".

Pertencia, entre outras, às seguintes instituições literárias e culturais: Academia Niteroiense de Letras, Academia Valenciana de Letras, Academia Pedralva — Letras e Artes, Cenáculo Fluminense, Ateneu Angrense de Letras e Artes, Conselho Municipal de Cultura de Angra dos Reis.

A Prefeitura de Angra dos Reis criou, recentemente, a Escola Brasil dos Reis. Conseguiu editar 26 produções em prosa e em verso, algumas com segunda edição. "Nini" era o seu poema preferido. Deixou matéria para mais de 20 livros.

A sua Angra dos Reis lhe deu muitos irmãos de sonho: Áurea Pires da Gama, Reis Júnior, Raul Pompéia, Plácido Júnior e dezenas de outros poetas. Era considerado ora o melhor, ora um dos melhores poetas fluminenses. Mas a chamada grande crítica o esqueceu, cometendo amarga injustiça.

Brasil dos Reis não temia a morte. As suas rimas o comprovam:

Os poetas morrem como os passarinhos,
entoando em sonho o derradeiro canto,
despois deter rasgado nos espinhos,
das esperanças o sidério manto.

Levou anos conversando com a morte. Ele que falava apenas o que era suficiente. Mesmo no Café Paris, onde foi o último boêmio, como Emílio de Menezes, ao lado de Olavo Bastos, Luiz Leitão e tantos outros. Aqui está o seu soneto FIM escrito em 1948, quando acreditava estar caminhando para o estranho País, como afirmava Shakespeare:

Para quem vai transpor o limite do Nada,
e vai se alapardar na terra úmida e fria,
de que vale pensar em clarões de alvorada,
ou tentar ainda encher a existência vazia?

Vive-se, enquanto a vida é a suprema escalada
para os céus da ilusão (mundos da fantasia),
mas quando a vida vai aos trancos arrastada,
deixemo-la a se escoar cada vez mais sombria.

No entanto, em meu viver de beduíno e de poeta,
tive sonhos de amor, tive ilusões serenas,
e fui louco, e jogral, e cantor, e profeta.

E, ao morrer, deixarei meu espólio tristonho:
muita dor, muito fel, muitas mágoas e penas
e os meus versos que são a poeira do meu sonho.

Poderoso perante a morte, caminhando tranqüilo para tocar com a fronte as estrelas de ouro do céu, buscando o nosso Deus Brasil dos Reis jamais diria como Gonzaga: as glórias que vêm tarde já vêm frias.

A Academia Niteroiense de Letras guardará o seu nome, "como a concha conserva o sussurro do mar"

NÓTAS BIOGRÁFICAS DO ACADÉMICO



Martinho José Tavares

MARTINHO JOSÉ TAVARES, nasceu em 11 de julho de 1936, na cidade de Nilópolis, Estado do Rio de Janeiro. Advogado do INPS, onde também exerceu chefia por vários anos, inclusive do Setor de Assistência Médica em Nova Iguaçu. Possui, além do curso de Direito, entre outros, os de Bacharel em Ciências Administrativas (Administração de Empresas); Curso da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG), tendo publicado, em conjunto, um Trabalho sobre a Previdência Social na Baixada Fluminense (Arsgrafica Editora Ltda. — RJ-1975); Curso de Chefia e Liderança (pelo SERTO); Curso sobre "Problemas Econômicos e Políticos da Europa Unida" (UEG — sob orientação do ex-Presidente de França, Georges Bidault). Eleito duas vezes como Membro da ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL-1a. Subseção de Nova Iguaçu RJ, para os biênios 1973/1974 e 1975/1976. Membro da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu, cadeira n.º 5 que tem como patrono Alvares de Azevedo. Apresenta, neste anuário, algumas poesias de sua obra "ALVORADA", que está no prelo.

SOLIDÃO

Martinho José Tavares

Sinto um vazio em meu peito,
que me dói em convulsão.
Clama uma voz, com efeito,
que me traz recordação...

Sinto uma dor bem no peito,
no fundo do coração.
Sinto esta dor — há que jeito,
de expulsar tal solidão?...

Somente a sua presença,
curando a minha doença,
na solidão vai pôr fim.

Por isto — creia você,
que seu amor — podes crer,
nasceu somente pra mim...

HERANÇA DOS MANSOS

("Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra")

S. Mateus, 5.5

Martinho José Tavares

Com fúria de tufões, a vaga se encapela,
caindo sobre a areia, em forte agitação;
e tão impiedosa, avança em saltos de gazela,
jogando sobre a praia, enorme aluvião.

Mas esta não se alui à fúria da procela.
Tranqüila, aguarda e anui às dores da agressão
dos vagalhões, que caem em cima, todos, dela,
trazendo mais areia em grande profusão.

A desculpar-se em azul e suave ondulação,
o mar cansado, então, descansa aos pés da areia,
legando-lha, por fim, o fruto da avulsão.

Mais bela e majestosa, erguida, agora a praia,
carícias tem das águas que, calmosas, dão
aos pés da areia branca, e em ruga que vagueia.

ILHA DA MADEIRA

Martinho José Tavares

Lá do cimo da colina,
entre as folhas da palmeira,
vejo a praia que se inclina,
sobre a Ilha da Madeira.

Céu azul visto no mar,
praia branca em lindo traço;
nessa areia quero estar
e dormir sobre seu braço.

Quero ver, em revoadas,
fugindo em nuvens, as gaivotas
e, qual flechas disparadas,
pousar, todas, nas ilhotas.

E o cheiro da maresia,
que a brisa vem embalando,
cobrir toda a luz do dia,
e, a natureza, dourando.

Quero estar a sós consigo,
Ilha — ciranda-lhe o mar...
Quero ter você comigo,
de dia, à sombra de um abrigo,
de noite, à luz do luar...

ALVORADA

Martinho José Tavares

Fostes ao mar, à luz de uma alvorada,
raiar sangrando, ver, no grande véu,
o sol vermelho, qual brasão no nada,
dilacerando o lindo azul do céu?...

Vistes a suave luz de encanto prateada
que, do escarlate manto, queda ao leu;
e agora, com áurea lágrima lançada,
forma no azul do mar, a cor incrêu?...

Sentistes, ao corpo, a brisa matinal,
e os pés descalços, as ondas vir beijar,
no mais sublime abraço natural?...

Se, em tanto encanto, te faltou passar,
saiba que o gozo é fenomenal.
Não perca tempo, corra ainda hoje ao mar...

QUEM SOU?

- Quem sou eu, Senhor, diga-me?
 Um sonhador voltado para os astros,
 preso com os pés posto em terra,
 e que a mente estica e roça os céus,
 esquecendo que o corpo sofre este
 abandono incrível?
- Quem sou eu, diga-me Senhor?
 Matéria egoística que a alma solta ao ar,
 para se ver livre dessa empecilha sonhadora
 que atrapalha a enfadonha tarca arquivar
 riquezas vís?
- Quem sou, afinal, Senhor?
 A ambígua síntese das duas — alma e corpo —
 — que se engalfinham numa guerra sem trégua,
 que faz sofrer a ambos, entristecendo a alma
 e padecendo o corpo?
- Quem sou, Senhor, diga-me?
 A beleza contradita de duas forças antagônicas
 e diversas, regidas pela Vossa batuta,
 que contém tanto uma quanto a outra,
 formando o equilíbrio cármino que é
 a pausa entre dois movimentos eternos
 de ir-e-vir!!!
-
- Por um momento sou feliz,
 quando as forças — numa pausa —
 — em equilíbrio, trazem os céus
 ao corpo, pela alma, e os prazeres
 à alma, através do corpo...

— Meu Deus!

Se a felicidade é esse momento de pausa,
 de equilíbrio entre as forças antagônicas
 e necessárias, que existem em Toda a Sua Criação;
 — Porque, Senhor, não é estável o Universo
 em todas as suas dimensões,
 para que a felicidade seja perene?!!!

.....

— Meu Filho!

Aí reside Todo o Mistério e Sabedoria
 do Universo... (Uni-Verso; Uno e Diverso;
 Unidade nas Partes...)
 — Buscai e sentireis a resposta
 sem a poder dizer; porque então
 Me vereis.

— E EU SOU INDIZÍVEL...

.....

NOTAS BIOGRÁFICAS DO ACADÉMICO

**Murillo
de Souza Araújo**

MURILLO DE SCUZA ARAÚJO, literariamente MURILLO S. ARAUJO, nasceu na Vila de Providência — município de Leopoldina (MG), no dia 21 de dezembro de 1917. Filho de Alípio Gonçalves Araújo — já falecido — e Júlia de Souza Araújo. Técnico de Administração e funcionário aposentado do Ministério da Marinha. Publicou: — "RETALHOS..." — sonetos e trovas; "ROSAL FRATERNO" — em coautoria; "POESIAS DE VARIOS AUTORES"; "TROVAS DE VARIOS AUTORES" e "SONETOS DE VARIOS AUTORES".

Tem a publicar: — "SONETOS ALEXANDRINOS" — cem sonetos com ilustração verbal; "SONETOS DECASSILABOS"; "SONETOS ENDECASSILABOS" — Em Arte Maior; "POESIA EM VARIOS TONS" e "TROVAS, APENAS TROVAS".

É membro fundador do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, onde ocupa a cadeira de número 14, patronímica de Augusto dos Anjos; da Sociedade dos Homens de Letras do Brasil; da Academia Brasileira de Trova; da Academia Nilopolitana de Letras; da Academia de Letras e Artes de Paracambi; da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu, onde ocupa a presidência; da Academia de Letras, Ciências e Artes de Maricá, onde ocupa a cadeira patronímica de José do Patrocínio; do Ateneu Angrense de Letras e Artes e várias outras entidades litero-culturais.

A POESIA VIVE E A TROVA NÃO MORREU...

Quem cultiva Poesia, com suficiência artística e literária, há de convir que o gênero sobre ser eterno, guarda aquela propriedade pertinente ao Belo e ao Emotivo que são as marcas registradas de sua perpetuidade.

Não poderá ignorar quão importante resulta para o ser humano desgarrar-se do remarrão hodierno para viajar nas asas da sublimação, olhando a vida de horizontes mais amplos e tirando a importância dos insensibilidades, das torpezas e dos desencantos.

E este milagre acontece, realmente... Se bem que só para os capazes de entender os mistérios das transições, ou aqueles que, na singela figuração de Vieira, têm "ouvidos de ver".

Todavia, se faz mister que o aspirante a tais benefícios seja portador de atributos que, via de regra, não se pode adquirir, mesmo que se pretenda, senão no apurado da sensibilidade, ou nas vastidões sagradas do emocional.

É um tanto difícil definir a presença dessa centelha divina, que marca o momento exato das transições; mas, os que aprenderam a sentir e podem transmitir as sutilidades do que sentem, entendem-na como sendo o contato magnético entre o Homem e o seu Criador.

Esta digressão, apesar do pitoresco com que se resvala, se reveste da maior seriedade, sobretudo, quando ainda hoje, ocorre o fato de serem modernos, por ignorados tantos luminares de Escolas Literárias, notadamente, entre os que mais se empenharam no cultivo da Poesia.

É óbvio que nem todos os cultores da Poética puderam nem poderão atingir as culminâncias a que foram alçados os melhores românticos, os famosos parnasianos e os divinos simbolistas.

Assim, é que sinto o quanto o bom senso deve ser presente na concepção do cultor do Verso, para que este evite a ser um paconeador, a engrossar as fileiras dos organismos literários.

Por isso, cuido sentir que todos devemos ser de fato atuantes, levando algo para o enriquecimento do patrimônio das Entidades, evitando a condição deplorável de ser apenas um pobre derramador de idéias luminosas, donde invariavelmente só frutificam ausência de idéias úteis e praticáveis.

É que, na verdade, a Poesia tem um sentido bem mais amplo. Dir-se-ia em seu acervo que ela é uma oração de ternura, de piedade, de esperança, de fé, de caridade e de compreensão, agasalhando a imensa propriedade de transcender as limitações dos espíritos restritos para estabelecer o desejado e proveitoso encontro com as Sínteses. Fora disto não é Poesia, não é coisa nenhuma!

Ela tem o magnífico sabor da mensagem por que ansiamos, seja de quem for e venha de onde vier, e que não tivemos, especificamente, de ninguém e de lugar nenhum. E o modo mais direto para a colimação do sublime, quando está arrimada na verdadeira concepção artística.

Daí, é com tristeza — se bem que não surpreendido — que oço rumores sobre a negativa concepção da trova antológica, da trova erudita e trova não sei que mais... Ah, pobre e singela trova, como sofrerás nas mãos desses míseros ourives de segunda categoria! Vós sendo des-

figurada e descolorida, pouco a pouco, pagando como inocente que és pelos imensos pecados desses inocentes pecadores.

A audácia de tais promotores estaria a raiar pela comicidade, não fossem suas idéias filhas espúrias da fatuidade catajogada. Revelam, apenas, e de maneira flagrante que não conseguiram, ainda, situar a trova dentro de uma realidade poética que a preliminar literária lhe reservou desde a Era Medieval. E ainda têm o topete de cultivarem Poesia e até o atrevimento de normificá-la.

Chega a ser um tanto suspeita tamanha ignorância sobre a Trova... Desconhecer tratar-se de um gênero antigo não há de ser, dentro de certos limites, o pior dos males, mas falar pelos cotovelos, quando o que se vê deles próprios nem passa de pobres quadrinhas de mecânica setossilábicas (única coisa certa, às vezes) sem expressão poética, vazias de conteúdo e gosto, arrastando acapengadamente a pretensão de ser Trova, chega a ser irritante!

Se o problema de situar, devidamente, a bendita oração das quatro linhas, se lhes afigura revestido de dificuldades inauditas, por que complicá-lo mais ainda? Sigam senhores, o conselho de Bilac: — "amai para entendê-las" ao qual me permito juntar que estudem-na para comprehendê-la; melhorem-na cultivando-a com carinho, beleza e cuidado e façamos-la, por fim, o altar onde rezar implorando o milagre da centelha transfiguradora.

Atentemos para o fato de que em Arte não se dá palpitar, pesquisar-se. Não se fala, se faz! Não se preconiza, realiza-se! Destarte, quem puder fazer a Trova Antológica, que a faça e todo aquele que tiver erudição sobrando que derrame sobre a Trova, mas não façam como os borboleteiros, que não alcançando os altos objetivos das constantes, se acoaram à sombra das variantes no afã de colherem minguadas e desastrosas etapas de popularidade pelas quais pagam, ordinariamente, demasiado caro em ridículos e sabujices de toda a ordem.

Tenhamos presente a realidade gritante de que a Trova é secular, sendo de supor que em relação a nós outros, seus humildes cultores, há de ser eterna.

Se a Poesia, na sua infinita grandeza, é a centelha do espírito da Providência Divina, presente em cada um de nós, ela está bem viva... E a Trova não morreu, apenas não foi entendida e pode, como dama de alta linhagem que é, nos abandonar por falta de cultores autênticos. Amemo-las, pois, no cultivo generoso e humilde, para alcançarmos a divina graça de retê-las!

T R O V A S

Quem logrou na dura lida
transpor os agros abrolhos;
enfrenta tudo na vida,
levando o mundo nos olhos!

Se ninguém jamais chorou
pelos meus sentidos aí...
Deixa-me ser como sou,
não conforme desejas!

A mulher guarda contrita
num escrínio bem fechado;
rancos da amiga bonita,
lembranças do namorado...

Lágrima nunca entendida,
rolando sozinha, ao léu.
E pelos anjos tangida
e vira estrela, no céu!

De joelhos, eu te proponho
com toda sinceridade:
Tu, me devolves o Sonho!
Eu te devolvo a Saudade!

São duas portas, mais nada,
as tantas portas da vida...
Uma vai mostrando a Entrada,
outra indicando a Saída!

SINFONIA DOS SONS PERDIDOS

Os sons que lá no espaço andam perdidos,
buscando harmonizar os sons errantes;
hão de ser os sussurros comovidos
que dão arrimo às almas soluçantes

Serão, talvez, os vates esquecidos
reformulando, em cânticos vibrantes,
os leves e formosos coloridos
das nossas esperanças vacilantes.

Ou — quem sabe — as harmônicas doçuras
que jazem, lá nos longes do horizonte,
no sideral domínio das alturas...

Em vibrações serenas que, nos ares,
vão recolhendo os sons da própria fonte
para secar o pranto dos olhares!

CELESTES DELÍRICOS

Pudesse eu cantar, como cantam as aves,
deixando nos sons dos gorjeios alados
um mundo sonoro de risos e suaves
imagens de anseios e sonhos passados.

Pudesse eu cantando, vencer os entraves,
que sei perdurar nos sussurros e brados
daqueles espíritos altos e graves
que amargam, a sós, a saudade e os pecados.

Ah, como eu seria feliz, se pudesse
fazer toda gente se amar, como os santos
conseguem fazer, entre os rudes martírios...

Levando na santa mensagem da prece,
o imenso esplendor dos fugazes encantos
e o doce vibrar dos celestes delírios!

A N O I V A

Quando a noiva assomou à porta da capela,
o sol que já buscava as bandas do ocidente
fez acender a luz dos raios, novamente,
e foi brilhar, sorrindo, em homenagem dela.

A multidão ruidosa, em hora como aquela,
traumatizou-se inteira e logo, de repente,
permaneceu calada a festejar silente
a graça juvenil, simbolizada nela.

Alas se abriram, quando ao coro dos louvores
sob a chuva de arroz e pétalas de flores,
ela foi desfilando a tudo indiferente...

Deixando as radiações onde os meus olhos viram,
os pecados mortais que então se refletiram
no sugestivo olhar da multidão presente!

EU GOSTO DE GENTE

Primeiro Canto:

Eu gosto de gente,
de gente serena,
de gente que pensa,
de gente que sente,
de gente tranqüila
que pode sorrir...

Eu gosto de gente
que sente a Beleza
e vê na Emoção,
o doce acalanto
do arrimo da Vida
na força do Bem...

De gente que faz
da glória divina,
a glória do mundo;
e, assim reverente,
lutando e sentindo
alcança ser gente...

Segundo Canto:

Eu gosto de gente,
de gente rolada
e em tudo vencida,
sem sonho nem nada
que a prenda na vida,
mas pensa ser gente...

Eu gosto de gente
que friz e distante
no fato escorregue,
piedade causando
a quem tolo a segue
no estreito caminho...

Eu gosto de gente
que a bem da verdade
deseja somente
provar a quem crê,
que pode, algum dia,
chegar a ser gente...

De gente que fala
e bem comunica
com gente que chega,
com gente que vai,
com gente que passa,
com gente que fica!

Que luta sonhando,
fazendo oração
e pode, bondosa,
deixar na passagem
a bela mensagem
da luz da Esperança...

Ó Deus! Ó Bondade
que tudo consente!
Por glória da Vida,
por glória do Mundo,
por glória dos Céus
conserva esta gente!

De gente tão fátua
sem nada na mente,
não sente calor
e frio não sente,
que chora de raiva,
jamais de emoção!

De gente tristonha
que não cisma ou sonha,
com vida melhor;
e quer se afirmar
pagando alto preço,
sem nada provar!

De gente que vai
seguindo na vida,
da sorte aos boléus.
Ó Deus, Sê Clemente,
ajuda esta gente
por glória dos Céus!

Terceiro Canto:

Eu gosto de gente,
que nunca lê verso
nem tem coração;
não vibra por nada,
não vê do Universo
a luz da Razão...

Eu gosto de gente,
que amarga e sozinha
não ri e não canta,
e vai definhando
na própria desgraça
que vem cultivando!..

Eu gosto de gente,
de gente sem Norte
que, enfim, já nem sente
que pode, afinal,
num dia qualquer
chegar a ser gente...

De gente que planta
em vez de lembrança,
semente de espinhos;
não sente saudade,
não faz amizade,
não bebe carinhos!

De gente sem graça
que a própria desgraça,
vai dela afastando;
e vai pela vida
dos fados ferida,
ferindo outra gente!

Que Deus de bondade
nos seja clemente
e por caridade,
num gesto profundo:
Melhora esta gente,
ou salve este Mundo!



Raimundo Araújo

RAIMUNDO ARAÚJO nasceu em Guaiuba, Estado do Ceará. É filho de João Araújo e Antônia Guiherme de Araújo. Cursos: primário pelas Escolas Reunidas de Guaiuba; ginásial e colegial, no Liceu do Ceará; superiores: Escola Nacional de Belas Artes e Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. É jornalista profissional, poeta, escritor, crítico e folclorista. Advogado militante no foro criminal do Estado do Rio de Janeiro. É Procurador Municipal de Nilópolis e advogado do Sesi fluminense. Publicou *Ela... e outras crônicas*, crônicas e crítica, Tip. Moraes, Fortaleza; *Antologia de Poetas da Nova Geração*, poesia, com José Alcides Pinto e Ciro Colares; *Figuras e Fatos de Nilópolis*, história fluminense; *Revista Continente Editora*, Rio, 1964; *Cantador Verso e Viola*, folclore, Pongetti, Rio, 1974; e *Livros e Autores do Ceará*, história e crítica do Ceará, Editora Henrique Galeno, Fortaleza, 1977. Participou dos livros *Trovas de Vários Autores*, Academia Brasileira de Trova, Rio, 1973 e *Trovadores Cearenses*, Cândida Galeno, Fortaleza, 1976.

Sobre a obra literária de Raimundo Araújo, algumas opiniões: Austregésilo de Athayde, Presidente da Academia Brasileira de Letras, em artigo publicado na revista "O Cruzeiro", de 18-7-73, referindo-se ao livro *Cantador, Verso e Viola*, disse que este "livro de Raimundo Araújo é recebido com encanto, tantas são as contribuições e necessários esclarecimentos". César Coelho, poeta e radialista, narrador da Rádio Uirapuru, de Fortaleza, escreveu: *Cantador, Verso e Viola* de Raimundo Araújo, é um desses milagres de sensibilidade, talento e amor. Em *Cantador, Verso e Viola* a gente encontra em todo o seu mistério e pureza, a alma do nosso povo, a alma do sertão. (27-9-74). Abdiás Lima, dos maiores críticos do Nordeste, escreveu na "Tribuna do Ceará" (15-4-74) que *Cantador, Verso e Viola* enriquece o Folclore nacional: É obra de pesquisa, de trabalho junto aos poetas populares". "Cantador, Verso e Viola descreve e estuda, com segurança, a vida e a obra dos poetas da viola — os poetas populares do Brasil". "Jornal do Brasil", Rio, 12-4-74. "Cantador, Verso e Viola", de Raimundo Araújo, é um livro sincero e apaixonado sobre os cantadores nordestinos e a sua poesia. Fornece dados essenciais ao estudo dessa manifestação da arte popular". Página Literatura de "O Globo", Rio, domingo, 2-6-74. Dias da Silva, crítico literário, escreveu sobre o novo livro de Raimundo Araújo — "Fruto de paciente pesquisa honesta, *Livros e Autores do Ceará* é um livro que agrada pela leveza do estilo, principalmente pela seriedade das afirmações, pelas riquezas dos pormenores e pela lealdade histórica". "Tribuna do Ceará", de 23-4-77.

REFLEXÕES SOBRE QUINTINO

ENTRAVA eu na juventude. Ele já caminhava, de há muito, pela Vélhice. Em mim, era a esperança. O sonho. A ilusão. Inexperiência dos homens e das coisas. Ánsia de conhecimento. Nele, as faces rugadas, cabelos embranquecidos pelos anos, assinalavam uma longa, luminosa e benéfica peregrinação pela vida, desassombradamente posta à prova na defesa dos direitos humanos. Sentindo as desigualdades e os descontentamentos dos povos nos seus anseios de justiça social, tornara-se, desde moço, um defensor intransigente dos fracos, dos oprimidos e espoliados. Sua vida de advogado no forum do Ceará, do Amazonas, do Pará ou por onde ambulara e residira, foi excelentemente exuberante, cheia de serviços espontâneos e gratuitos para com os pobres. Ligado estreitamente às massas, vivera e sentira com elas todas as suas dores e satisfações expansivas. Sinto-me bem — dizia às vezes — ao lado dos meus irmãos de sofrimento. Foi um amigo constante dos humildes. Não se afastou jamais do seio popular. O Direito e a Justiça formaram a base inquebrantável e fulcro seguro e forte da sua personalidade moral. A Poesia perfumara-lhe os fogosos e fulgurantes dias da sua mocidade, traduzindo os seus mais elevados e puros sentimentos artísticos com as imagens líricas do amor, a descrição soberba da flora, da fauna e das águas amazônicas. A oratória, que nenhum outro tribuno do Ceará, no seu tempo, exerceu com tanta argúcia, talento e genialidade, elevara o seu nome às culminâncias da glória. E o bom humor servira-lhe de evasão às tristezas e decepções ao mesmo tempo que ironizava, sem piedade, as falhas da época, e dos homens. Inteligência privilegiada, sobressaíra-se imponentemente em todos esses setores da intelectualidade.

Amante da beleza e da liberdade, Quintino Cunha, brasileiro do Ceará, cearense de Uruburetama, foi um emblema do seu povo, o retrato fiel do cearense. Rindo sempre, rindo das asperezas da vida, indiferente às agruras terrenas, precariedade financeira, conforto e posição; nômade, pilhérico, expansivo, Quintino esbanjava, como esmanhou, soberajamente talento por toda a parte. "Falava nos auditórios da Justiça, como os pássaros nos campos: livre solto, desalugado e sublime!"

A POESIA

A POESIA é eterna. Nasceu com a presença do primeiro homem na terra, diante do olhar diabólico e fascinante da primeira mulher.

No sussurrar das ondas, no chilrear dos pássaros e na multivoz dos animais; nos crepúsculos de cumbo e nas auroras de fogo; em toda a tranqüila mansidão da paz e na tumultuosidade da revolução; no gemitudo de dor e na expansiva manifestação do prazer; no mútuo afago dos amantes e na dulcíssima palavra de mãe; no medroso ou impulsivo amor da adolescência e no aconchego dos cabelos brancos, a Poesia está sempre presente, em formas, cores, criações e escolas, em todas as fases da existência.

"Poesia houve no primeiro cântico com que a mãe sossegou o filho, no primeiro balbúcio amoroso, na primeira alegria e na primeira tristeza. Poesia há e haverá ao reviver das horas inefáveis e as horas dramáticas de sempre".

O FOLCLORE

CIÊNCIA destinada às pesquisas e aos estudos da tradição de um país, o Folclore é a mais autêntica fotografia da vida popular em sua simplicidade, modesta e natural investidura. É o retrato fiel, espontâneo, sem retoques nem apetrechos, de um determinado grupo da coletividade, com as suas lendas, músicas, cantigas, danças, histórias, credícias, adágios e superstições.

Vindo a ter autonomia como ciência sólamente no segundo quartel do século passado, o Folclore teve, entretanto, os seus precursores na antiguidade clássica. É Pausânias, na Grécia antiga, quem vou encontrar como o primeiro a dedicar-se ao estudo e às divulgações desse gênero. João Ribeiro, mestre estudioso do Folclore entre nós, um dos primeiros e maiores do Brasil, defende a tese em favor de Plutarco, como sendo, no mundo, o primeiro a interessar-se pelo Folclore.



COLUNA LITERÁRIA

Raimundo Araújo

O Sr. José Alcides Pinto, brasileiro, cearense, solteiro, jornalista e professor universitário é, nesta hora, uma das personalidades distintas no vasto campo da literatura de ficção. Poeta, nos áureos da juventude escreveu e publicou um opúsculo de versos apologéticos à Princesa Isabel. Canto da Liberdade. Depois, publicou antologias de poetas da nova geração e modernos. Machadinho foi um dos colaboradores nessas antologias dos idos de 50. Publicou, ainda, mais livros de versos modernos, atingindo, inclusive ao nati morto concretismo com Antônio Girão Barroso, em Fortaleza. E chegou mesmo, em verso, fazer louvor a Satanás. Seus livros de poesias, publicados, no Rio, chamam-se Cantos de Lucifer, Os Catadores de Ciri, Concreto-Estrutura, e Águas Novas. Mais amadurecido, retemperado, já no cadinho de várias literaturas, firme e forte no intrincado ramo da ficção, cabeça a fervilhar de figurões e personagens demoniacas, lança o seu primeiro livro romance O Dragão, a compor a triologia da maldição, com Os Verdes Abutres da Colina, João Pinto de Maria e Entre o Sexo: a loucura e morte. Escreveu e publicou mais romances e se torna mais famoso com outra triologia sua, chamada o Tempo dos Mortos, compreendendo os livros Estação da Morte, O Enigma e O Sonho. E Não pára, não pára mais de escrever e escrever muito o sr. José Alcides Pinto. Das aulas dadas na Faculdade de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, do pequeno dedo de prosa, às carreiras, com o Mestre e Crítico Abdias Lima, sempre em torno de mulher, morte, diabo e sexo, ele se tranca em sua vivenda da rua 25 de Março 60, em Fortaleza, amarra o bodezinho que cria no quarto da cozinha, o qual fica a dar marradas e berros solitários, e pena e cuca para que te quero... Escreve dias e noites sem parar, levantando-se, apenas, para o almoço ligeiro feito pela empregada Zefinha e o jantar de arroz sem sal, carne e batatas cozidas com cascas. E não pára mesmo.

Trabalhador intelectual incansável, no silêncio de seu gabinete, porta trancada, cabrito preso, em larga e longa meditação da vida, dos homens e das coisas que cercam e, também, das que não o cercam continua escrevendo, criando, produzindo. Sua mente irradia idéias novas, exitantes, que a pena transpõe para o papel e deste para as editoras que as transformam em livros. E as edições de seus livros, rapidamente esgotadas.

Reside pertinho da Praça Cristo Rei. Poeta do diabo, romancista de dragões, corvos e mortes, na moda literária do dia, é um escritor exorcista. Em versos, cantou para Lucifer. Em prosa, endeuza o sexo. Seus romances, lidos e relidos pela curiosidade que desperta ao leitor desde as primeiras páginas, têm o sabor do sobrenatural. Daí, a sua última produção, *Os Verdes Abutres da Colina*.

Estive e posei, um dia, na residência do escritor. Frente da casa cor de rosa, mosaicos na entrada. Mosaico azul nas paredes. Estantes só com livros do dono da casa. Livros doutros autores não têm vez em suas estantes. Na saleta de dormir, uma rede encarnada ao lado da cama. As meias do escritor ficam bem postas, esticadas, no chão. José Alcides Pinto, ao levantar-se, toda manhãzinha, pentea-se de cócoras e demoradamente. Um crucifixo de Santa Terezinha na parede e um cartaz de Mickey. Dorme de pijama azul, com os pés enrolados numa toalha rósea, assim o fazendo, disse-me, para evitar que, no sono, espíritos maus entrem no seu corpo. Sala de jantar com 4 cadeiras rústicas, geladeira, um desenho do cearense Barbosa Leite. No quarto geminado à cozinha, um cabrito, atual mascote do escritor. Neste ambiente, sozinho, larga a escrever, escrever. Falarei, depois, sobre seu novo romance.



ESTAÇÃO DA MORTE

ALTO, magro, esquisitão. Poeta e prosador. Mais poeta do que prosador. Contista, romancista, livros de Dragão, Lúcifer, Sexo, Loucura e Morte. Já escreveu de tudo. Do verso rimado (*Canto da Liberdade*, 1946) até o Concretismo com o prof. Antônio Girão Barroso. Sua Poesia é boa, à vezes, vezes outras incompreensível, desorientada, doidona como o próprio autor.

Conheci-o mocinho, na quadra dos vinte anos, sempre magro, alto, arqueado, mulherengo. Nessa época vestia ainda farda do Liceu e começava a engatinhar pelas letras. Foi quando eu, audaciosamente, ginásiano do referido Liceu, estreeei com livro de crônicas "Ela... e Outras Crônicas". Nertan Macedo de Alcântara, com *Poemas de um Ginásiano*, poesias escritas "em dois dias e duas noites" como afirmava Nertan, no folheto em sextilhas, apologia à Princesa Isabel. Depois, despregou-se *Aguas Mortas*. Ele, José Alcides Pinto, aparecia com *Canto da Liberdade*, intróito do livro, Fernanda Brito, com *Sementes* e Eduardo Campos com de Fortaleza para o Rio. Comigo, Chico "meu irmão", morou em Santa Teresa, tempo das vacas magras, almoço de dois cruzeiros na UNE e jantar de papa feita num fogãozinho de álcool. Magro, muito magro, usa-

va um paletó bem folgado que lhe deram e, certa vez, numa escaramuça de estudantes e polícia no restaurante da UNE, perdeu esse paletó nas mãos de um tira... mas não foi detido como foram dezoito estudantes na ocasião, inclusive o poeta é hoje famoso criminalista Humberto Teles. Foi quando chegou do nordeste outro poeta, Ciro Colares, secundado por Vinícius Lima e, então comigo, "Tio" Eurico publicou, *Antologia de Poetas da Nova Geração*, prefaciada pelo grande Álvaro Moreira de saudosa memória. Era no tempo da pintora Maria Laura Mendes... cujo esposo, o prof. Luís Mendes, gordo, baixo, charutão na boca, enleava a turma com sua palestra admirável na Cinelândia, década de 50.

Mas, leitor amigo, para um lado esta conversa descolorida da vida e do poeta cidadão José Alcides Pinto. Devo entrar, como faço agora, analiticamente, no conteúdo literário, forma, gênero e estilo do seu último livro, "Estação da Morte", romance de 183 páginas, publicado no apaga-luz de 68 por José Alvaro, Editor, com a ajuda do Instituto Nacional do Livro.

Como disse no início deste comentário, o autor de *Estação da Morte*, José Alcides Pinto, sempre magro, arredio a bebidas alimentava-se pouco. Trazia no organismo, sem saber, há anos, uma úlcera duodenal, esta mesma que acaba de matar o grande artista da música, Ataúdo Álvares. Submetido a vários exames, o diagnóstico positivou o mal. E interna-se no Hospital dos Servidores do Estado. Durante a sua permanência ali, observador intelectual que é, aproveitou a vida do Hospital e escreveu o livro "Estação da Morte" que é, assim, parte de sua auto-biografia, como o anterior, *Entre o Sexo: a Loucura e a Morte*. Personagem principal, Artur (o autor) seguindo-se de Alda (sua mulher) e Iolanda, que se enamora por Artur. Logo ao ser internado no Hospital, conhece e namora Iolanda, enfermeira. Apavora-se com as mortes diárias de companheiros hospitalizados como o Armando, apelidado de "Vigário". Certo dia, vendo sua mulher Alda pintando-se, retocando a maquilagem no espelho narcisamente, Artur exclama: "Mulher é uma coisa, sabe? Mulher não vale merda;" (pág. 73) E triste, contempla "o casario do bairro trepado no morro". De lá, longe, o "relógio da Central acende os mestrandos, os ponteiros gigantes abertos em cruz, Cristo crucificado. Calvário."

O resto, só mesmo o leitor lendo o livro. Em verdade, o título está bem adequado. Hospital é mesmo uma estação da morte... uma parada ligeira para o além...

ELEGIA PARA O POETA

José Alcides Pinto

TEM o Canto da Liberdade,
Foi Catador de Siri,
Com Cantos de Lucifer,
Na Ilha dos Patrupachas.

Seus poemas lembram o Manuel
Bandeira que já se foi...
Muito maior que o Drumond
é o meu poeta José

Alcides Pinto. Por cima
está do Murilo Mendes
o meu poeta José.
e do Cassiano Ricardo,

No Ceará, em poesia,
se iguala ao Artur Eduardo,
Benevides e ao Carvalho,
Nogueira e ao César Coelho.

No romance ele se achega
ao grande Jader Carvalho,
na crônica, ao Ciro Colares,
na crítica, Abdias Lima

Não teve uma Passargada.
Teve elevadas visões,
trazendo e lhe revelando
um Braço do Primitivo.

Em São Francisco do Estreito
escreve o maior poema
com Éguas e as Verdes Léguas,
o meu poeta José.

IMAGENS IGUAÇUANAS

Raimundo Araújo

O Senhor Ruy Afrânio Peixoto é um historiador que honra e dignifica as letras fluminenses. Educador emérito, com muitos e muitos anos dedicados ao ensino da sua terra, escreveu um livro que reflete, historia e eleva a antiga Maxambomba, hoje a florescente Nova Iguaçu, um dos mais prósperos e maiores dos municípios brasileiros. Refiro-me ao seu livro "Imagens Iguaçuanas", publicada há uns dez anos atrás, que agora releio do começo ao fim, 180 páginas, com gosto bom de história fluminense na boca. Dedicado ao Mestre Anônimo, àquele que passou a vida inteira semeando luzes do conhecimento a muitas e muitas gerações, e baixou, um dia, à sepultura anônimo e desconhecido, sem uma palavra de agradecimento na hora última, sem o nome numa rua ou um busto na praça pública, "Imagens Iguaçuanas", descreve e decanta toda a história deste grande município. De Um trem que parte a Um grande do documento da História Iguaçana, e última crônica do livro, o senhor professor Ruy Afrânio Peixoto, escreve com elegância, detalhes, minúcias, fatos históricos, pessoas acontecimentos, distritos, genealogia das primeiras famílias citando e transcrevendo documentos, a história de Nova Iguaçu. A Descência do Comendador Soares, primeira grande família a povoar Nova Iguaçu, é toda ela registrada no livro. Outro capítulo distinto da história iguaçiana, narrado pelo historiador Ruy Afrânio Peixoto, é de um audacioso juiz, João Antônio de Barros Júnior, autor de vários livros, fundador do primeiro jornal de Nova Iguaçu, "O Libertador", companheiro de Fagundes Varela, que chegou a Desembargador e Presidente do Tribunal de Justiça do Paraná.

Outros capítulos distintos do livro do Professor Ruy, são sobre Inácio de Andrade Souto Maior, o sanador de Marapicu, Manoel Inácio de Andrade Souto Maior, Marquês de Itanhaém, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Conde de Arganil, Bispo de Coimbra, os Azevedos Cotinho, Bernardino José de Souza Melo Jr., João Manoel Pereira da Silva, Barão de Tinguá, Frei Francisco de Santa Tereza de Jesus Sampaio, completam o bom livro de história desse admirável educador, o prof. Ruy Afrânio Peixoto.

★
NOTAS SOLTAS

RELEIO Humberto de Campos. As páginas 118 do seu Diário Secreto, referindo-se a morte do poeta Hérmes Fontes, escreve esta verdade, uma das verdades eternas: "Os homens, em geral, só fazem justiça aos seus semelhantes depois que eles, abatidos pela morte, deixam de lhes fazer concorrência na vida". E, do mesmo escritor, no seu livro "Crítica", 1a. série, anoto a sua opinião sobre a Crítica: "A Crítica procura a verdade. O grande mal do Brasil, proclama-se, é a falta de crítica: de crítica política, de crítica científica, de crítica literária, de crítica social. A falta de crítica nas letras, nas ciências, na política, na orientação coletiva dos homens, é que determina a nulação do sentimento da responsabilidade, origem de toda a organização". É a crítica, na verdade, depois do Teatro, o gênero mais desatentamente tratado no conjunto da nossa operosidade mental".

19 horas e dez minutos, de 24-10-74, quando escrevo estas pequeninas notas. Estou na Sala de Leitura da Biblioteca Nacional, aguardando, para consulta, mais duas obras solicitadas. Dezoito leitores comigo na saída. Dentre eles, seis mulheres, todas jovens, parecendo serem estudantes a consultar livros para as suas lições e exames finais de fim de ano. Ao meu lado, um moço de óculos finos, alvo, barbudo, camisa amarela, calças e sapatos brancos sem meias. Fuma, e como eu, aguarda a chegada dos livros solicitados. Ao lado esquerdo, uma mocinha magra, de uns 20 anos presumíveis, calça cumprida, azul, blusa vermelha com pintinhas brancas. Lê e anota. Aliás, todos os outros jovens da sala, leiem e tomam notas. Devem ser mesmo estudantes.

Há 28 anos atrás, quando cheguei ao Rio, 1947, freqüentei muito, e assiduamente, esta mesma Biblioteca Nacional. Sentei-me, muito, também, nesta mesma cadeira. A sala é a mesma. Nada mudou. Naquele tempo, parece-me, havia mais leitores, muito mais consultentes. Sempre à noitinha, quando saía do jantar da UNE vinha eu com o poeta José Alcides Pinto ler e escrever, com os arroubos da juventude, castelos e mais castelos literários. E desse tempo, o meu romance Arigós, nunca publicado, o romance Tucum, de Humberto Teles e Rua das Madalenas, do citado José Alcides Pinto, livros estes, também, nunca publicados os leitores diminuíram e os meus passos aumentarem mais e mais para os leitores diminuíram e os meus passos aumentarem mais e mais para a Velhice e... a Morte.

★

BANDEIRA DO BRASIL

Raimundo Araújo

BANDEIRA do Brasil. Símbolo da Nacionalidade! Retrato da Pátria. Imagem viva do Brasil, símbolo de tudo que é nosso, terra, céu e mar, eu te saúdo! Eu te saúdo, Bandeira do Brasil, no teu retângulo verde esmeraldino representando as nossas florestas e riquezas vegetais, no teu losango amarelo ouro das nossas minas, na esfera azul do nosso céu, na tua alvíssima faixa branca da paz, nas tuas estrelas simbolizando os nossos Estados e o Distrito Federal, na harmonia serena e construtiva dos teus Poderes sobre a vastidão de oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados sob a legenda **Ordem e Progresso**, lema de cento e dez milhões de brasileiros.

Cento e dez milhões povoando, trabalhando, construindo e progredindo em vinte e um Estados, quatro Territórios e um Distrito Federal. Dezesseis Estados marítimos, banhados pelo mar, Pará, a terra da castanha, Maranhão das Palmeiras e do arroz, Piauí, das boiadas, Ceará da Carnaúba, R. G. do Norte do sal, Paraíba do algodão, Pernambuco do açúcar, Alagoas dos coqueirais, Sergipe dos cajus, Bahia do cacau, Espírito Santo das areias ricas, Rio de Janeiro das laranjas, da siderurgia e das maravilhas, São Paulo da indústria pesada e dos cafezais, Paraná dos pinheiros, Santa Catarina do chumbo, Rio G. do Sul das uvas e do chimarrão, e quatro Estados centrais, Amazonas das florestas imensas, Mato Grosso do mate e do gado, Minas Gerais do ouro e o Acre dos seringais.

Bandeira nacional, símbolo sagrado de um dos maiores, mais ricos e fecundos países do mundo. o Brasil, trinta vezes maior do que Itália

e cem vezes maior do que Portugal. Em suas terras corre o maior rio do mundo em volume d'água, o rio Amazonas.

Bandeira do Brasil, uma das mais belas do Globo, eu te saúdo! Eu te saúdo, Bandeira do Brasil, justamente neste 21 de abril de 1976 quando, há 184 anos passados, nesta mesma cidade do Rio de Janeiro, José Joaquim da Silva Xavier — o Tiradentes — dava a sua vida em holocausto pela LIBERDADE, IGUALDADE e FRATERNIDADE, objetivo e finalidade suprema da Maçonaria, a mais poderosa Sociedade Civil dos tempos modernos.

★

LETROS, IDÉIAS E FATOS

Raimundo Araújo

MÃE

A IMPRESSÃO mais remota que trago de minha mãe, vem de Guaiuba, pequeno vilarejo cearense encravado no sopé da serra da Aratanha. Tinha eu de três para quatro anos. Minha mãe, acamada não sei se de purgante de "pílulas de jalapa" ou outra "meisinha" qualquer, chamou-me para o seu quarto, na hora de almoço, para comer com ela pirão molizinho de galinha gorda, amarelinho e gostoso que ainda o sinto no sabor das minhas reminiscências...

Estatuta abaixo da mediana, morena clara de olhos amendoados, cabelos pretos, lisos, compridos e jamais cortados ou aparados como mantinhã, por tradição e respeito aos costumes, todas as mulheres de seu tempo e da sua aldeia, minha mãe possuía acentuados traços característicos da cabocla sertaneja. Bem diferente de meu pai, que era alto, esguio, branco, avermelhado. Boa, boníssima como sabem ser todas as mães era a minha melhor amiga, conselheira e defensora das surras que meu pai — homem violento e temperamental — aplicava impiedosamente aos filhos. Quantas e quantas vezes, por todos os meios e modos escondia de meu pai, "faltas graves" minhas e de meus irmãos para não ver e sentir os filhos entrarem no rigoroso castigo de rêmio cru. E ela, minha mãe bondosa como sempre, jamais disciplinava os filhos assim. Por mais que procure vasculhar nos recônditos sombrios de minhas reais distantes memórias, não consigo encontrar notícia alguma de surras levadas por parte de minha mãe.

A noitinha, na hora de dormir, lá vinha ela docemente com as suas cantigas de niná, velhas e sentimentais modinhas de Índio, de Eduardo das Neves...

Com que carinho e satisfação, levou-me à primeira escola de Dona Mercedes Severo. Com que cuidado e amor vestiu-me a roupinha branca de brim ordinário da primeira comunhão!... E com que saudade seus meigos olhos se despediram dos meus, para sempre, quando dei-lhe o Ceará, emigrado às plagas do sul para nunca mais revê-la. Dela, de minha querida e inesquecível mãe — Antônia Guilherme de Araújo — simbolizando o seu amor e a sua eterna ternura, digo esta trova que lhe escrevi, há anos e já publicada nesta coluna.

Tu que me deste a vida,
tu que me trouxeste ao mundo,
minha homenagem, querida
deste teu filho — Raimundo.

NOTAS BIOGRÁFICAS DO ACADÉMICO**Raimundo Linhares
de Araújo**

RAIMUNDO LINHARES DE ARAÚJO, nasceu em Sobral, Ceará, em 1929. Filho de José Donato de Araújo e Raimunda Linhares de Araújo. Fez o curso primário em sua cidade natal, o ginásio e científico, em Fortaleza. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Estado da Guanabara. Procurador do Instituto Nacional de Previdência Social. Fez Curso na Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra. Membro do Conselho Diretor da Sociedade de Ensino Superior de Nova Iguaçu. Membro da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu e da Sociedade dos Homens de Letras do Brasil. Poeta e declamador. Colaborou para vários jornais, revistas e na Primeira Antologia do Escritor. Autor Iguaçiano, de três livros inéditos: POEMAS ESQUECIDOS, VERDES CANTILENAS (poesias) e MORORÓ, o Herói Desconhecido (Biografia dos heróis da Confederação do Equador). Advogado militante no Estado do Rio de Janeiro.

S E R R A N A

(Raimundo Linhares de Araújo)

Serrana bela, na cabana habita,
De tão bonita já se fez rainha.
Longe escutando o sussurrar da fonte
Vem pelo monte a caminhar sozinha.

Traz nos seus lábios candidez da rosa,
É tão mimosa que enfeitiça o ar;
Essa magia dos seus lindos olhos,
São os abrolhos onde vou parar.

Lindos cabelos, ondulados, soltos,
Sempre revoltos... pelo seu amor,
Eu acendia todos meus desejos,
Beijando os beijos dessa boca em flor.

A cor trigueira, fascinante, bela
Humana estrela com fulgor brilhando;
Linhas perfeitas pelos seus contornos,
Os seios mornos nos cetins pulando.

Quando avistei-a pela vez primeira,
Ela fagueira pelo campo vinha;
Ah! Quantas vezes eu fiquei gamado
Com o rebolado que a morena tinha.

CANÇÃO DA NOITE

(Raimundo Linhares de Araújo)

Perde-se
na noite
dos amantes
uma canção
cigânea,
uma canção
errante.

Pela noite
uma canção
longínqua
vem das montanhas,
vem pelo ar
canção
de lágrima,
de prata,
de luar...

Silêncio
— noite morena,
tempo sombrio;
canção da fonte
murmura amor
chora,
procurando
o riso!

Pelos caminhos
minha alma triste
canta;
canção velada,
apaixonada,
alucinada
canção de amor...

uma canção
de despedida
pelos caminhos,
canção de adeus
canção da vida!

COPACABANA

(Raimundo Linhares de Araújo)

Perante o azul do mar e o verde da montanha,
Copacabana é sempre uma beleza estranha.

O sol dourando vai, pelas praias afora,
As mulheres de luz, vênus feitas de aurora!

Vão nuas docemente e tontas de alegria
Morenas sensuais engalanando o dia.

Formas esculturais que criam novo tema,
Dando cadência ao verso e música ao poema.

Umas brincam no mar, impávidas sereias,
Outras se vão ficar nas cálidas areias.

E, circundando o mar, os grandes edifícios
Uns servindo ao labor, outros servindo aos vícios.

Deslumbra na esplidão a paisagem do Atlântico,
E o velho mar se agita em marulhar romântico.

Quando o sol no ocidente desfalece,
A tarde envolta em sangue remanesce
Na paz crepuscular.
Pelas praias amenas, encantadas,
Vão tristonhas as belas namoradas
Sonhando à beira mar.

Casais buscando o amor por sobre a areia...
E a lua merencória além vagueia
— Eterno refletor.
Vão juntinhos os líricos amantes
Entre abraços e beijos delirantes
Em muiúrios de amor.

E Jesus lá do cimo do rochedo,
A fronte iluminada de luar,
Qual um filósofo a escutar segredo,
É um poeta contemplando o mar.

Nas boites a música é sublime;
Copacabana mágico tesouro,
Refletindo do amor o próprio crime,
Mente a nature em muitas faces de ouro

Em tudo existe confusões perenes...
Louras mulheres, tristes Julietas;
O grito de tragédia das sirenes
E o rugido confuso das lambretas.

E o Cristo está no alto Corcovado
Braços abertos sobre o denso abismo,
Abençoando o jovem transviado
Que se perdeu em rude paganismo.

Copacabana à noite tumultua
Numa vidente orquestração e farras,
Ouve-se a voz de um pinho que flutua
Sobre os sons estridentes das guitarras.

E o "rock and roll" que ainda remanesce,
Nos palácios, nos altos edifícios,
O alucinado ritmo parece,
Estranha bacanal pelos hospícios.

A noite é fecundada de quiméra.
Ó Sodoma do amor, embevecida!
Almas sem rumo em plena primavera
Divagam sem destino e sem guarda.

Copacabana sonha... espaço afora
O Cruzeiro do sul segue seu rito,
A lua — triste meretriz que chora
A se esconder na alcova do infinito.

Termina a orgia. Ao lêu, semidespidas
As pequenas, lindíssimas sereias,
Ébrias de amor, exaustas e vencidas
Adormecem no palco das areias.

E quando o sol levanta a loura fronte,
A bruma se desfaz pela alvorada,
E as gaivotas gentis pelo horizonte,
Voam serenas na manhã dourada.

FALANDO AOS VENTOS...

(Raimundo Linhares de Araújo)

Ninguém comprehende a causa do meu pranto,
Do meu isolamento e nostalgia.
Ninguém comprehende, agora, no entretanto,
Compreendi que ninguém me comprehendia.

Minha canção é feita de acalanto
Na asa de uma esperança fugidia.
Se eu ganhar outro amor, já não me espanto,
Pois o amor é meu canto, noite e dia.

De nada vale o som de minha lira,
Sinto no peito a minha dor tamanha,
Minha alma errante trêmula suspira.

Não quero que me escutem em meus lamentos
Quero viver tranqüilo na montanha
Na solidão... Ó Deus, falando aos ventos...

LUAR NAS SERRAS

(Raimundo Linhares de Araújo)

A lua invade a serra, a luz suave aclara
E faz adormecer a terra abençoada,
Há murmúrios de amor no regato e na estrada,
E flores perfumando os renques de taquara.

E lá no boqueirão o vendaval dispara
Pela noite fatal sacudindo a quebrada,
Balançando a floresta até de madrugada
Nos adustos ramais, em sinfonia rara.

Serene a ventania. A madrugada bela
Deixando pela noite uma canção errante,
Emprestando ao luar reflexos de aquarela,

Como se dominasse em tudo os coqueirais
Rogando amor ao silente e bem distante
Numa estranha oração de sussurrantes ais...

MERUOCA

(Raimundo Linhares de Araújo)

Revejo Meruoca: as verdes cordilheiras..
O sol iluminando os vastos horizontes;
Arcadas triunfais de lianas fagueiras
E a cascata veloz e o sussurrar das fontes.

Na subida da serra o majestoso porte
Do flamboyant em flor na imensa solidão;
Lá em baixo Sobral — a Princesa do Norte,
E o rio Acaraú abraçando o sertão.

A vivenda modesta entre ramos e rosas
Serranas a sorrir pelos largos caminhos;
Cajueiros no vale e mangueiras frondosas,
— Refúgio secular de ledos passarinhos.

Verdes canaviais e palmeiras singelas,
Regatos a correr e enxames de abelha;
Borboletas azuis naturais aquarelas,
Colibris bordejando as papoulas veimelhas.

Parece que estou vendo ainda Merucca,
O casarão, o engenho e a casa de farinha;
Muitas vezes, também, raspava mandioca
Somente para ver a bela moreninha.

Na chapada do monte o pau d'arco amarelo
Por entre os matagais se vestindo de flores,
Onde o corrupião num canto alto e belo,
Vinha pela manhã saudar os seus amores.

Na encosta da serra, lá onde a mata flameja,
Saudoso o sabiá que ali sempre cantou:
E os cedros senhoris que na amplidão veceja,
Faz muito tempo já quando meu pai plantou.

Relembro o por-do-sol na tarde mansa e calma,
Quando criança, a sós, montado em meu carneiro,
Parava de tocar a flauta de taquara,
Escutando o cupido a cantar no coqueiro.

E nas noites de festa as latadas de palha,
E o maxixe e o baião e a sanfona tocando;
As serranas gentis, com vestido de malha,
Sensuais pela noite, encantadas dançando.

Dá mais inspiração a teu filho-poeta,
Ó minha terra amada, eu preciso cantar;
Dá-me os lábios, em flor, da morena dileta,
Dá-me as noites de amor envolta de luar

MADRIGAIS

(Raimundo Linhares de Araújo)

Bem cedo, cantando,
Em bandos alados,
Gentis pintassilgos,
Vagueiram nos prados.

Lá nos camarás,
Nos ramos, nas flores,
Traduzem, alegres,
Seus cantos de amores.

E voam, fagueiros,
Por sobre os pinhais;
Chilreiam, felizes,
Nos seus madrigais.

Romeiros das serras.
Em doces baladas,
Revoam, revoam
Nas verões quebradas.

NÓTAS BIÓGRÁFICAS DO ACADÉMICO



Ruy Afrânia Peixoto

RUY AFRÂNIO PEIXOTO, filho de Álvaro Afrânia Peixoto e Maida Afrânia Peixoto, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 13 de junho de 1918.

Educador, advogado, dedica-se também a poesia, música, pintura e escultura.

No gênero poesia publicou: "Versos" (1944); "Poesias" (1956); "Chão de Estrelas" (1961) e "Em Cada Esquina. Um Encontro" (1973).

Possui obras publicadas em outros gêneros, como educação, direito, música, história, ensaio, romance, conto e biografia.

É diretor do Instituto de Educação Afrânia Peixoto, membro da Sociedade dos Homens de Letras do Brasil, do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, das Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu, Academia Nilopolitana de Letras, Academia Cachoeirense de Letras, Academia de Letras e Música do Brasil; Ateneu Angrense de Letras e Artes, Academia de Ciências e Letras de Maricá, Academia Castro Alves de Letras, Academia Catalana de Letras, Academia Campista de Letras, Academia Internacional de Letras, Academia Humanística do México, Sociedade Nacional de Geografia dos Estados Unidos e Movimento Poético Nacional.

Res. — R. Afrânia Peixoto, 99 — Nova Iguaçu — RJ.

HAI — KAIS

(Do livro: Versos — 1944)

Destroi sem guarda
beleza da luz pureza,
o prisma da Vida!



Prenderam — que horror! —
ladrão de um naco de pão
do irmão negador!



Só por passatempo,
fechei tudo que amei,
no armário do Tempo...



Suplicam à tarde
cigarras, em algazarras,
ao sol que retarde...



Pousadas nas flores
borboletas são vedetas
de novos amores.



Tarde purpurácea.
Faz desdouro de seu ouro,
chorando, uma acácia...



Por entre a neblina,
devassa a lua a vidraça,
atrás da colina...



Da idade longeva,
fazia filosofia,
e serpente de Eva...

Ruy Afrânio Peixoto

Impor ao Ser: Fome
e impor à espécie: Amor
que a Vida consome...



Lavei minhas mágoas
na fonte do inviso monte,
no cristal das águas...



Façamos da idade —
instante não retornante —
uma Eternidade.



Do espaço sem guerra,
irmão, peguei condução
que chamam de Terra...



Sorri, persisti,
desejei, amei, chorei,
sofrí e aprendi...



Plantação. Percorro
o local do cafezal.
Quem penteou o morro?



Transforma em ladrão
do formal emocional,
a tua visão.



Valor é somenos...
Ultrapassa, com graça,
aos homens, a Venus...

SONHO OU REALIDADE?

Ruy Afrânio Peixoto

Ao chegar à porta da capela funerária um rapaz o encarou com olhar duro como rifle apontando para o alvo. Luzes de velas dançavam, macabramente, nas paredes. Uma velha chorosa, com olhar de neblina, ofegava gemidos. Outra, macilenta, levantou-se, rangendo as articulações e lhe estilhaçou uma ordem, com o dedo em riste:

— Saia!

Agora, sentado num banco da pracinha, em frente a capela, sentia os primeiros alfinetes da noite fria. Aos poucos, foi deixando de ouvir a inquietante sirene dos mosquitos e de sentir a fina chuva que começava cochichar nas folhagens.

As idéias carambolavam uma nas outras e torpor do sono, crescendo, foi fazendo o tempo voltar aos porões da memória.

Voltar para a tarde de sol, com nuvens acariciando o cume da serra. E os pezinhos dela, macios, pisando a relva úmida cheia de borboletas espalhando cores nas sensitivas que adormeciam, ciumentas, no roçar de suas morenas...

No seu andar de garça, afastava-se da terrível prepotência do irmão e da intolerância das duas velhas, tia e madrasta.

Foram longe, a um piquenique nos rochedos, ouvindo o mar reverberar nos paredões, espalhando alva renda líquida de espuma no colchão de cobalto.

E a roupa? Ora... tudo tão deserto... Afinal, eles não se amavam? Era uma prova de confiança.

Naqueles olhos, sempre molhados de ternura, ela sedimentou uma amargura.

Não! Isto não! Isto nunca!

E saiu correndo, descalça, com a blusa sobre os peitos, sacolejada pelos seios duros de seus dezesseis anos. Corria, esvoaçando seus longos cabelos e fazendo subir a saia pendurada no quadril. Desapareceu de tão veloz.

A tarde escureceu, com nuvens armando castelos para a batalha e, quando a noite chegou, ele se perdeu na floresta de luz da cidade. Encontrou-se num bar, bêbado.

Um galo procurava acordar a madrugada. Sobe, então, da tremenda surra que lhe dera seu irmão. Iria enfrentá-lo, a ele e as velhas resmunguentas. Tentou caminhar e caiu na sarjeta. Levado para casa, dormiu todo o dia. A noite, despertaram-lhe para a notícia do suicídio. Foi a capela com os pés de chumbo. Um caixão, ladeado de círios, duas velhas, o irmão de olhar duro e a palavra estilhaçada:

— Saia!

O sol já ia a pino, desidratando-lhe o cansaço, quando acordou. Olhou para a capela. Estava vazia.

QUASE, UM EXAME FORJADO...

Ruy Afrânio Peixoto

(trecho de um discurso de paraninfo da turma de 4a. série ginásial de 1945 do Colégio Anglo-americano).

"... veio-me, então, o convite que muito me honrou: ser o paraninfo da turma, mas, até aí, o sorriso de vocês foi a poderosa arma... Não queriam um discurso "empolado como os discursos de paraninfos. Queremos natural, como o Sr. fala nas aulas. Como se fosse uma aula, ou a recapitulação de uma aula, o que preferimos..."

Lembrei-me, então, de um momento aflito para mim. Muito aflito mesmo e que vocês não souberam. Dependia de minha aula uma possível suspensão da turma ou, talvez, a expulsão de alguns...

Nem mesmo faço idéia do que vocês pensaram quando, naquele dia, entrei em aula declarando: — Hoje, em vez de Geografia, darei traços biográficos de músicos. E nada justifiquei, pois que atrás da porta estavam o nosso diretor, Dr. Frederico Ribeiro, e Mr. Wright, este de papel e lápis em punho para taquigrafar a aula e tudo que vocês dissessem...

Minutos antes, Dr. Frederico havia me dito: — "Você não deve saber mais música do que eu, que nada sei, porém, como a professora Lais disse-me que eles iriam fazer rebelião contra as biografias de músicos, quero que você faça o possível de falar sobre isto. É uma experiência que pretendo, já que eles gostam de você".

Entregou-me a pauta de música onde estava registrado, como dever de casa: Biografia de um grande músico. Exemplo: Beethoven, Schumann, Schubert, Liszt, Berlioz, Bizet, Brahms ou Wagner.

Comecei intempestivamente a aula e ei-la aqui, já que foi taquigráfada pelo Mr. Wright:

"— Você sabiam que Beethoven foi bastante convencido do seu valor? Ainda muito pequeno foi elogiado por Mozart. Mozart, como vocês sabem, foi prodígio aos seis anos, compondo música. Interessante que este grande Mozart, no princípio de sua carreira de músico, não suportava o som da flauta.

Beethoven admirava Goethe e, lendo as poesias deste, inspirava-se para compor suas músicas. E ele, que tanto admirava Goethe, acabou, sem querer, sendo seu rival pois ambos partilharam dos amores de uma coquete intelectual chamada Bentura Bretano. Pobre Beethoven, ficou totalmente surdo e, desgostoso afastou-se de todos, até mesmo da dessinha Juliette, que era sua paixão recolhida, pensando mesmo em suicídio. Morreu na miséria este grande Beethoven.

Rossini, que o foi visitar no seu desarrumadíssimo quarto de solteiro, disse que em toda a sua vida o que mais lhe impressionou foi ver a miséria em que vivia Beethoven. Ouçam a 5a. Sinfonia para terem a noção de como foi grande este genial Beethoven! Se o grande Mozart aplaudiu o menino Beethoven, o grande Beethoven aplaudiu o menino Liszt, Liszt foi o maior pianista de todos os tempos.

Fez pilharia com os pianistas da época compondo uma música, muito ligeira, a qual continha duas escalas, uma ascendente e outra descendente, e ao mesmo tempo uma nota no centro do piano. Disseram os músicos que era impossível executá-la ao que ele, narigudo, executou-a com o nariz... Foi extraordinário este Liszt. Ouçam as Rapsódias Húngaras. Liszt foi um bom. Protegeu muitos músicos entre eles Chopin e Wagner, dois outros grandes... Que pena que a professora não pediu a biografia de Chopin... Mas vocês conhecem as Mazurcas, os Prelúdios, os Noturnos do romântico Chopin. Liszt, o maior pianista de todos os tempos, acabou místico, num mosteiro.

Quem desejou ser o maior pianista de seu tempo foi Schumann. Ele tentou dar independência ao dedo anelar, amarrando-o por um cordon ao teto. Ficou paralítico da mão, abandonando a carreira de grande virtuose, dedicando-se apenas à composição. Procurem ouvir a 1a. Sinfonia em si bemol de Schumann. Que bela obra! Pobre Schumann, ficou louco, tendo delírios nos quais via os espectros de Beethoven e Schubert perseguindo-o... Que loucura injusta, até na escolha dos espectros... O bom Schubert não perseguiria ninguém em vida, e os vivos não devem ser melhores que os mortos... Schubert, trabalhando num Banco, em vez de contar as notas dos clientes enchia de notas musicais os livros de Balanço... Despedido, para não morrer de fome, escreveu canções populares que o não fizeram muito acreditado pelos músicos da época e até mesmo combatido por Weber. Escreveu a Goethe, pedindo permissão para musicar seus versos mas Goethe não o respondeu... Poucos da época sentiram o valor de Schubert, mas, entre estes, Beethoven, no seu leito de morte, fez-lhe elogios. Escutem o Momento Musical de Schubert. Que espetáculo! Desiludido no seu amor rasgou a parte final de sua imortal composição: A Sinfonia Inacabada, que vocês conhecem. Foram muitos os músicos que destruiram suas obras, por serem temperamentais... Bizet foi um deles. Ele que aos quatro anos lia música e fazia parte de um coral, no fim da vida desiludido com a crítica, destruiu a maior parte de sua obra. Você们 conhecem a Carmem de Bizet. Sabem, ele teve um ressentimento com o pai, e este com ele, por causa da música? O pai o queria médico e mandava a mesada para o estudo de Medicina que Bizet gastava nos saraus literários para ter a companhia de Vitor Hugo, Balzac e Alexandre Dumas e ainda poder ver as representações das peças de Shakespeare ou ouvir as Sinfônias de Beethoven.

Poderia ter sido grande médico e grande músico, se tivesse vocação para ambas. Borodine não foi grande músico e grande Químico-orgânico? Era filho natural de um príncipe russo mas nenhum de seus reais antepassados foi grande como ele. Veja, Ribenboim, você poderá ser um grande Matemático e um grande músico. Basta ter vocação para música e engenharia, por exemplo.

O ser temperamental, até que ajuda um pouco... Muitos músicos foram temperamentais. Um deles foi Brahms. Apresentado a Liszt, que ajudou a tantos, foi seu inimigo, combatendo-o, a Berlioz e a Wagner. No entanto teve grandes amigos como Schumann e Johann Strauss, cuja música vocês conhecem. Analisem, com muita atenção o 3º movimento da 3a. Sinfonia de Brahms. Que perfeição!

Terrivelmente temperamental foi Wagner, com uma vida toda agitada. Fugiu num bote de Riga, em plena tempestade, para se livrar dos inúmeros credores... Fugiu de Dresden, às pressas, onde foi condenado

à morte pela participação ativa num golpe revolucionário. Fugiu de Zuric, da casa de um seu protetor, pelo escândalo que armou sua mulher dizendo ter ele se tornado amante da mulher de seu acolhedor... Em toda a sua vida atormentada foi, contudo, sempre seguro de ser um grande músico. Era extremamente vaidoso e usava até cinta para ficar com a cintura fina... Tanto mais suas óperas eram vaiadas mais ele se considerava um gênio. E este grande gênio foi reconhecido por Liszt, que o ajudou. Trocou de esposa com um pianista passando a viver com Cosima, filha de Liszt e ex-esposa do pianista Bulow, que foi outro que Liszt protegeu.

Esta Cosima, era bem mais nova que Wagner, e morreu há 15 anos, quando alguns de vocês nasciam, em 1930."

Meus paraninfados, foi neste momento que bateu o sinal para o fim da aula e eu saí da sala, apressadamente sem responder as explosões de perguntas que vocês me faziam, contrariando meus hábitos. Eu sabia que, atrás da porta, estavam Dr. Frederico e Mr. Wright à minha espera. Com permissão do nosso diretor, conto o que me foi dito por ele: "Sabe, a tal característica de greve não se caracterizou. Gostei da experiência e chego a conclusão que as aulas, mesmo de música, devem ser romanceadas. Mas, você não precisava inventar tantos casos!..."

Ninguém foi suspenso, ninguém foi excluído, mas em consequência daquela aula, em que fui mexer na seara alheia, sabem quem levou a pior? Fui eu.

Foi agora no fim do ano. Fui procurado pelo nosso paraninfo Federovsky que me disse: — Professor, não posso ser reprovado em Geografia e estou perigando na sua matéria... O senhor entende, vou me inscrever no Curso para Maestro e preciso do diploma do 4º ginásial... Desejo ser músico e não geógrafo e preciso da sua compreensão...

Olhei para Federovsky e pensei: que malandro, aproveita-se do meu entusiasmo pela música...

Perguntei-lhe à queima roupa: — Qual o seu instrumento?

— Violino, Professor.

Violino... Achei de pregar uma peça em Federovsky, pois ele não sabia que era o meu instrumento... Levei-o para a sala dos Professores, subi ao meu quarto e trouxe o meu violino e a partitura do Moto Perpétuo de Paganini que me havia emprestado o Prof. Lambert Ribeiro. Entregei a Federovsky o violino (não deixei de observar o espanto dele vendendo o instrumento) fiquei com a partitura para acompanhar e disse: — Toma! Execute, seg um erro, o Moto Perpétuo de Paganini, de cor. Se você fizer, eu lhe aprovo em Geografia...

Federovsky exultou e eu insisti, quase sádico... Foi então que ele tomou do violino e executou, com perfeição, a difícil música de Paganini.

Fiquei boquiaberto e tive de me sentar numa cadeira...

Veio o exame. Meu Deus! Eu fazer um exame forjado?

Ponto sorteado. Fiz as perguntas mais difíceis a Federovsky. Quem tinha aquela memória auditiva, capaz de não errar sequer uma nota de Paganini, deveria saber Geografia.

De fato, não errei. Federovsky respondeu a tudo. Estava legalmente aprovado.

Ele e eu...

FUGAS

(Do livro do mesmo nome — 1959)

Ruy Afrânio Peixoto

FUGA

Quanto mais só, mais longe de mim me sinto...

ANSIA

Desejo partir. Não vou, apenas, por não querer chegar...

AHASVERUS

Tudo me foi negado, mesmo o sofrimento. Padeceria minha Mãe, vendo-me sofrer.

NOTURNO

Que importam as traições na Terra? Continuam cintilando estrelas...

INTIMIDADE

De tanto levar a cruz, minha alma tomou-lhe o peso...

QUO VADIS?

Para trás o infinito, para frente o incomensurável. Que vim fazer no mundo?

CONSOLO

Como me dói o corpo, como me dói... Que bom, quanto mais dói menos sinto as dores da alma.

EGO SUM

Milhares de pedrinhas no mosaico da calçada. Anônimo, que és no mundo?

PESA-ME, SENHOR

Grandes amigos, poucos; pequenos inimigos, tantos! tantos! Como sou imperfeito!

SILENCIO

Fale baixo de poesia... Fale baixo! Não desperte em peito uma saudade...

TRAÇO COMUM

Deixei de ser vulgar: comprehendi ter a vulgaridade dos homens...

PRIMEIRO ATO

Alvorada! Cortina rubra no palco da Vida. Começa o espetáculo!

FERVOR

Não importa o ídolo, é preciso fé. Não importa o sonho, é preciso amor.

CONFESSOR

Por que volto, Senhor, se volto sempre para não voltar?

DESILUSÃO

Senti-me em ti. Eras apenas um espelho...

ANALOGIAS

O mar, azul; o céu, azul. Quanta grandiosidade azul! Deus deve ser azul...

ANTÍDOTO

Envenenaram-me a alma. Como soro nasceu-lhe a poesia...

PERPETUAÇÃO

Da coesão dos átomos à meiguice de um olhar, escreve uma história a eternidade.

CICLO VITAL

Do pueril cantar de um choro ao senil chorar de uma canção.

SAPIENS

Homens!... Estudam Confúcio, devotam-se a Cristo, lêem Rousseau, recitam Tagore, apreciam Rafael, ouvem Chopin, encantam-se com as estrelas e depois se matam...

FORÇA HIDRAULICA

Nem Niagara; nem Paulo Afonso. Apenas uma lágrima de mulher...

COSMO SILENTE

No silêncio das estrelas, a sinfonia do Universo!

CÍRCULO VICIOSO

Branca nuvem, dourado pó: em lama se retornaram...

DEUS

Pai — do entendimento — Razão

Filho — das atitudes — Poder

Espírito — da conciliação — Amor.

INGRATIDÃO

Egoísta a Natureza... Defende a Espécie e despreza o indivíduo!

INDIFERENÇA

Nem a maldade dos bons; nem a bondade dos maus.

IDENTIDADE

Quanta gente estranha, quanta gente! Não a conheço mas, em suas fisionomias vejo os milenares anseios de humanidade...

DESIGUALDADE

Quanta pequenez faz sofrer e quanta grandiosidade não faz sorrir!

MISTÉRIOS

Por que, em vez de sorrir, chora a criança no berço?

Por que, em vez de chorar, ri a caveira na campa?...

COMPENSAÇÕES

Há os que sofrem por serem geralmente alegres.

Há os que se alegram por serem geralmente sofredores.

ROMANCE

Ele, como a pedra afagada pela corrente...

Ela, como a corrente que afagava tantas pedras...

O AMOR, PONTIFICANDO...

Ruy Afrânio Peixoto

(Trecho do livro Ide e semeai — 1964)

"... e para vos dizer a verdade, a mim me parece que a melhor função de um orientador de Educação é ser um Catalisador no processo de formação da personalidade e das estruturas cognitivas.

Um bom ajustador entre a descoberta do novo e a experiência do velho, a qual se inicia desde a mais tenra idade. É aí, onde o educando reclama, sobretudo, segurança sem outros reflexos de ajustamentos emocionais, o ponto de onde partem o medo, a submissão ou a agressividade.

O importante, em quase toda a estrutura de educação, é amor. Superproteção, contudo, é mal terrivelmente daninho. Gera egolatrias e razões egocêntricas, promovendo futuros paranóicos...

Com o necessário tempo, o educador modifica unidades de aferição, já que irão surgir explosões emotivas, quase todas incontroláveis, na época de amadurecimento das gônadas.

Vai observar o educador, haver alguns com vivacidade de muitas respostas, para cada situação estimuladora, e outros como se fossem um tubo digestivo...

Necessário, pois, dosar estímulos na gama que vai do superdotado ao subdotado. Não esquecer que nem sempre determinantes somáticos caracterizam aspectos psíquicos. Há tipos de aparência mongolóide, de olhos puxados, orelhas dobradas e boca acantonada, que não conferem com as características psíquicas na programação dos laboratórios de psicologia...

Cuidado, pois, com estes condicionamentos preconizados por biólogos, fisiologistas ou endocrinologistas especializados em educação...

Hoje, educadores se deixam governar por medições de adrenalina nas características nervosas do hipertiroidismo dos possessos; por controles de hipófises e de epífase nos torturados ou sedentos de amor ou por outras aferições hormonais de laboratório, com a candidez dos anjos de cartão postal...

A fiscalização das origens genéticas do temperamento; a observação da estrutura somática; a influência ecológica ou as determinações do meio sociológico são causas para serem entendidas e compreendidas, não para formularem indefectíveis tabus. Não sou por ríjas formas esteriotipadas. Educação não deve ser bitolada em conclusões ditatoriais de laboratórios. É uma forma de intelecto e, portanto, à priori, será a inflexibilidade das conclusões à posteriori.

Sou pela forma, não tão moderna dos laboratórios, mas pela mais tradicional — o amor.

O amor em educação, dosado, para não criar maléficas consciências de superdotações nem frustrações; suave, para que o educando tenha estabilidade emocional, sem impactos; sem irregularidades emotivas, para lhe dar autoconfiança; sem usura, para não lhe amedrontar; incentivador, o suficiente para não promover desânimo; confiante, no acompanhamento de sua inteligência na aplicação e observação de suas próprias experiências.

Neste cadiño de reação de dupla troca entre o educando e a sociedade, que é a educação, o mestre é a presença catalisadora do amor.

Amor pontificando no polimento das arestas contundentes das formações personalistas; amor mediando nos embates brutais dos mundos objetivo e subjetivo, nas conotações do espírito; amor na suave autoridade possível de confiança a fazer da vida escolar as oportunidades para as alterações essenciais, estéticas, morais e intelectuais do educando.
Sempre o amor pontificando...

APENAS, EU E UMA ROSA...

(Do livro: Primeira Antologia do Escritor Iguaçuano — 1971)

Ruy Afrânio Peixoto

Eu?
Dois pais, quatro avós, oito bisavós, dezesseis trisavós, trinta e dois tetravós...
Resultantes de desejos. Uma casualidade, um momento.
Concepção fracionária de segundo exato e não de outras que seriam segundos antes ou depois...
Ansiedades de uma Natureza que luta pela conservação da Espécie...
Células efêmeras da Eternidade na morte contínua que alimenta a Vida!
Partículas siderais organizadas na combustão de Carbono em Oxigênio que é o amor da Conservação dos Seres...
Moléculas eternas na transitoriedade do Viver...
E agora, de tão longos tempos, de tão longos fatos, para este momento neste espaço...
Só agora e num tão breve Agora...
E a rosa?
Tão acidental quanto eu tão breve na roseira quantos os homens na humanidade...
E fico divagando... divagando...
E ponho a rosa no altar.
E faço uma prece a Deus...

DEO GRATIAS

(Do livro: Em cada esquina, um encontro — 1973)

Ruy Afrânio Peixoto

Entendi, na partida, apenas ser um crente,
e procurei, depois, olhando a vastidão,
erguer um belo altar onde toda a emoção
guardasse aquele encanto, imenso e permanente.

E fiz-me bem melhor, quando me fiz ciente,
alcançando, suponho, a estrada da Razão
que nos faz ascender, em pós do coração,
às alturas da paz constante e reverente

Atravessei o Mar de todas as borrascas,
bebi, se bem recordo, em centenas de tascas
o mesmo vinho dado aos maus e aos generosos...

Agradeci a Deus, em preces mais contritas,
as graças que alcancei em orações aflitas,
e nunca fui pequeno ao pé dos poderosos!

FIGURINHAS DIFÍCEIS

(Do livro Contos e Crônicas de Vários Autores — 1973)

Ruy Afrânio Peixoto

COLEÇÕES. As primeiras? Se bem me lembro foram soldadinhos de chumbo. Fardões vermelhos, azuis, dourados...

Um capitão, muitos soldados de espingardas, tambores, cornetas... Vieram as figurinhas históricas, os romancistas, os poetas, os heróis. Mas sempre faltava uma: a figurinha difícil... Depois os selos! Como eram bonitos os de Jamaica...

Mais tarde as moedas, cobre carcomido, prata reluzente, quase todas com D. Pedro II austero...

Chegaram os livros e eu me perdi nas aventuras de Júlio Verne. Coleções vieram...

Tão bom achei colecionar que até hoje, vencido pelos anos, coleciono!

E não há figurinha difícil...

Como é grande minha coleção de desenganos!...

SUBLIMAÇÃO

(Do livro: Sonetos de vários autores — 1976)

Ruy Afrânio Peixoto

A alma fica melhor, quando o jugo sacode e transcende, mais alto, acima dos pesares, erguendo, com amor, aos divinos altares onde rezar, contrita, a quem rezar não pode!

E convertendo em sons a imensa dor que explode caminha, engradecida, engalanando os ares buscando sorridente essências luminares a conduzi-las, grave, ao soturnal Pagode.

De lá retorna e vem de radiações seguida, iluminando a treva insondável da vida e, ao redor, derramando os imensos fulgores

de uma luz que reflete o doce sentimento e chega a Deus, transpondo o próprio sofrimento, transmutando o pesar em pétalas de flores!

COGITAÇÕES

Ruy Afrânio Peixoto

Se a nossa vida fosse apenas a seqüência
desses fatos que vêm e vão depois embora,
secando em cada olhar o pranto que alguém chora
nos embates brutais e amargos da existência;

Talvez prevalecesse a plácida coerência
que preside o consenso, onde por certo aflora,
a branda luz que nasce ao despertar da aurora,
e fica iluminando a mórbida consciência.

Mas tudo mal alcança o ciclo da quimera
e cada ser se esforça, apenas em ser fera
aos outros seres, sem apelo, devorando

como se decretasse a fase derradeira
de quem arrosta o mal da humanidade inteira,
e tem de agradecer o que lhe vão negando...

NOTAS BIOGRÁFICAS DO ACADÉMICO

Walter Faria Pacheco



WALTER FARIA PACHECO, nascido em Nova Iguaçu, na localidade de Andrade de Araújo, aos 27 dias do mês de Janeiro de 1926. Filho de Augusto Bonifácio e Azevedo e de Rosa de Faria Marcelino. Funcionário autárquico federal do ex-IAPI, atual INPS, admitido por concurso público. Advogado formado pela Faculdade de Direito da Universidade do antigo Distrito Federal. Compositor e autor de músicas populares. Ex-radialista. Político. Ex-vereador, ex-Deputado Estadual, ex-Secretário de Educação e Cultura e ex-Secretário de Transportes e Comunicações do Estado do Rio de Janeiro. Jornalista militante, colaborou na Primeira Antologia do Escritor Iguaçiano. É membro da Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu.

SOL DA PRIMAVERA**Walter Faria Pacheco**

Tu és o novo sol da primavera
a luz bendita que me acaricia,
o fim risorho de uma longa espera,
a face amiga do mais belo dia!

Tu és a flor mimosa e perfumada,
que a luz solar desperta em sintonia,
derramando-se em cores pela estrada,
enchendo-a de amor e alegria!

Tu és a voz do pássaro que canta,
o coelhinho alegre que se espanta,
ressurreição da vida sobre a terra!

Tu és o vento que jamais se cansa
de anunciar ao mundo a esperança,
que traz um novo sol de primavera!

À PLENA LIBERDADE**Walter Faria Pacheco**

Sufoco dentro em mim um grito de alegria,
comp'exo de instintos muito recalcados,
potencial de acordes d'alma em sinfonia,
restos de mágoas que em meu peito estão guardados!

No dia enfim em que esse grito for ouvido,
se multiplicará em eco pelo espaço,
anunciando a todo o mundo, foi rompido
o jugo insólito e desumano do fracasso!

Pode ocorrer até que essa explosão coincida,
com o derradeiro instante em que palpite a vida,
da matéria imperfeita, a última expressão!

Restará, do zero que sou ao infinito,
vibrando o protesto sonoro do meu grito,
testificando ao mundo essa libertação!

ESSÊNCIA DIVINA**Walter Faria Pacheco**

Essa força viva que em mil formas se externa,
que ativa ou passiva em tudo está presente,
do espaço cósmico ao fundo da caverna,
atesta o primado de um ser inteligente!

Além dessa percepção comum que temos,
que nos empresta uma certa euforia,
existe um mundo de energia que não vemos,
que torna o que sabemos mera fantasia!

Lições e mais lições colhemos cada dia,
da manifestação sublime em excelência,
mas o que não entende, o homem repudia,
porque não dá valor a sua consciência!

A sua consciência que é uma chama viva,
queimando o incenso puríssimo da razão,
e volatilizando energia ativa,
que infelizmente não encontra aplicação!

Conhece-te primeiro! Medita e Ora!
com as leis da divindade entra em harmonia!
Hás de perceber o albor de um nova aurora,
uma vereda nova cheia de alegria!

Distinguirás o bem do mal com tal justeza,
que o engano jamais será teu companheiro,
e te identificarás com a natureza,
sentindo que és uma fração de um inteiro!

Não sei se compreendes meu raciocínio,
mas é meu dever tentar teu convencimento,
fazendo votos que consigas teu domínio,
para que brilhe um novo sol no firmamento!

SAUDADE AMIGA

Walter Faria Pacheco

Vem de longe, bem longe, de mansinho,
esta saudade alegre que me alenta,
que o coração transborda de carinho
e o pensamento livra da tormenta!

Bendita és tu, saudade mensageira,
vencendo tempo e espaço sem peias!
És promessa de paz tão verdadeira,
em taças de esperança sempre cheias!

Vibras no ar, como o pulsar constante,
tomado de emoção feliz e bela...!
de um jovem coração febricitante,

E assenta em tua voz tão docemente,
o nome da mulher que vive ausente,
que sinto que estou sempre ao lado dela!

O LÍDER

Walter Faria Pacheco

Ser líder é ter sadio entendimento,
saber de tudo um pouco, e com bravura,
mostrar no embate um bom discernimento:
aliança de bom senso e cultura!

Ser líder é viver a vida, os problemas,
daquêles que lidera, e sempre terno,
em concórdia, compor todos os demais,
fazendo o céu dos outros sempre eterno!

Ser líder é dar de si com todo empenho!
É repartir a glória que conquista,
em busca do ideal da liderança...!

União de coração e de engenho,
uníssono vibrando em corda mista,
acordes permanentes de esperança!

TEMPESTADE N'ALMA

Walter Faria Pacheco

Sobre mim desabou a tempestade imensa!
Em ácoites de vento, cortando minh'alma,
aos poucos destruia, em sua fúria intensa,
o baluarte forte onde amparava a calma!

Ante o espetro impiedoso do tormento,
num abstrato olhar buscando o infinito,
pedindo a Deus curasse a dor de tal momento,
de joelhos, prostrou-se em prece o meu espírito!

Do etéreo plano, envolvendo os meus sentidos,
em ondas de paz acalmando os meus ouvidos,
em vibrações de som e em refúgir de luz...

Alguém que eu não via enxugou meu pranto,
e a remissão das trevas fez-se por encanto,
sentindo então que era mais leve a minha cruz!

TRISTEZA E SOLIDÃO

Walter Faria Pacheco

A tristeza e a solidão hoje estão comigo!
 Trazem a taça de absinto indesejável!
 E à força, querem que eu a sorva por castigo,
 e ainda agradeça o seu gosto intolerável!

Querem ver na face alegria que não tenho,
 aflorar nos lábios sorriso que não sinto,
 e a tanto levar o meu conturbado engenho,
 que pareça doce a amargura do absinto!

tentam levar-me avantes nos seus descaminhos,
 repletos de sombras, de escarpas e de espinhos,
 em direção do desespero destrutivo!

Mas ante tantas armadilhas eu recuo,
 fortalecido pelo amor que eu posso,
 que habita dentro em mim, tão verdadeiro e vivo!

A MINHA MÃE DISTANTE

Walter Faria Pacheco

Aos pés do teu altar levei meu pensamento,
 depondo a oração que fiz em teu louvor!
 No linguajar feliz da voz do sentimento,
 traduzo a fé e a paz do meu profundo amor!

Distante, bem distante, sei que estás agora,
 e se a saudade surge e no peito se arvora,
 mas tua imagem santa sempre está presente,
 faz sempre reflorir meu sonho penitente!

Eu sonho desde o dia em que te foste embora,
 prevendo a tua volta em cada nova aurora,
 sentindo o teu calor em cada entardecer!

E... por mais que a vida me dê felicidade,
 jamais se findará meu preito de saudade,
 a ti, Oh! mãe querida, que me deste o ser!

NOTAS BIOGRÁFICAS DO ACADÉMICO

Valcir Almeida

Valcir Almeida nasceu em Conceição de Macabu, em 8 de janeiro de 1932. Ele relembra sempre, com muito carinho, as suas primeiras professoras, Dona Aurélia Braga "que me deu a primeira reguada na perna", e Dona Délia Haddad, irmã do Deputado José Haddad e de quem o menino Valcir muito gostava e que tantas recordações lhe trazem.

Completoou seus estudos no Monteiro Lobato e no Filgueiras. Valcir sempre afirma que sua melhor escola comercial foi a de vendedor pracista, trabalho que executou de 1954 a 1960 no "sertão" carioca e no Estado do Rio. Fêz, nesta época, mil e uma coisas, tendo sido dono de casa de bicicleta, de bar, tinturaria, entre outras, o que lhe valeu um profundo tino comercial.

Em 1958, ingressou no Ipase, chefiando o ambulatório inaugurado naquele ano em Nova Iguaçu, cargo em que permaneceu até 1962, quando se elegeu vereador, com 1054 votos, contagem bastante expressiva para a época. Foi o terceiro mais votado.

Na Câmara Municipal, eleito pela legenda do extinto Partido Democrata Cristão do qual foi seu presidente do Diretório Municipal e secretário do Diretório Regional. Como vereador Valcir Almeida chegou a liderar um grupo de cinco edis, embora sendo o único vereador de seu partido, naquela Câmara, onde fez parte das Comissões mais importantes da Casa. Concorreu a uma cadeira na Assembléia Legislativa, no pleito de 1966, pela Aliança Renovadora Nacional, obtendo a terceira colocação entre os seis candidatos a deputado do Município, com 2.553 votos.

Em 1967, por indicação do presidente Silvio Coelho, presidente da Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu, foi nomeado para preposto da Junta Comercial do Estado do Rio de Janeiro, "ad referendum" do Deputado Federal José Haddad e por ato do presidente Cordolino Ambrósio. Esta indicação foi referendada pela Associação Rural de Nova Iguaçu, cujo presidente é o Dr. Lehar Rodrigues da Silva, e pela Associação dos Despachantes de Nova Iguaçu, presidida pelo Sr. Roberto Baroni.

Desde criança Valcir Almeida tinha, no entanto, profundo interesse pelas letras, tanto que, em 1968, lançou a primeira revista sócio-informativa, a "Iguaçu-News", que marcou o seu ingresso nas lides jornalísticas de Nova Iguaçu e do Estado do Rio. Em 1971, como decorrência lógica da re-

vista, Valcir Almeida passou a editar o "Jornal de Hoje", pequeno semanário de 8 páginas, de linha positiva, hoje transformado no diário de maior circulação da Baixada Fluminense, com suas modernas oficinas próprias de impressão em off - set. O crescimento do pequeno semanário veio comprovar a aptidão comercial que aquele aprendizado, como vendedor praticista, dotou Valcir Almeida para os negócios. Nas páginas do "Jornal de Hoje", por determinação expressa de Valcir Almeida, sempre houve lugar para a arte, em todas às suas expressões impressas, abrigando ele, em suas colunas, os escritores de renome.

Faz parte do Lions Clube de Nova Iguaçu e é sócio-honorário do Rotary Clube de Nova Iguaçu-Centro, ocupando na Academia de Letras e Artes de Nova Iguaçu, a cadeira patronímica de Ruy Barbosa.

Atualmente está cursando Direito, na Sociedade de Ensino Superior de Nova Iguaçu.

O ORGULHO DO MAIS HUMILDE

Pouco tenho a escrever neste instante, a não ser, primeiramente agradecer a Deus e a meus amigos que me deram a grande oportunidade de ser o que sou. De origem das mais modestas, filho de um simples bilheteiro, que em épocas passadas chegou a ser um pequeno fazendeiro na minha Conceição de Macabu. O velho "Dodô", como era conhecido por seus amigos, sempre ensinou a seus filhos a serem amigos, e a serem leais e a serem honestos. E foi através desta filosofia que comecei a despertar para a vida.

Aos oito anos de idade, no velho sinal da Rua Francisco Sá, em Bel-ford Roxo, conheci um senhor escuro com um saco de mangas a quem perguntei:

— Posso vender manga para o senhor?

— Vai, garoto, arranja um caixote, que ~~ai~~ vou te dar as mangas para vender.

E assim foi a minha primeira experiência comercial para um homem que no futuro se projetaria como homem de vendas.

Uma vida toda ela pautada para o trabalho; com uma experiência adquirida através de meus esforços; aproveitando as oportunidades que a vida me ofereceu; e com a filosofia de vida de que fazendo amigos se consegue maior patrimônio, foi que cheguei onde estou.

Não irei enumerar - por que se assim o fizesse, as páginas deste livro seriam todas ocupadas com os nomes adquiridos para a formação deste patrimônio. Tenho uma filosofia de vida, que é aquela "Como é difícil vencer na vida fazendo força, mas não é tão difícil vencer na vida fazendo amigos", que são o maior patrimônio de um ser humano.

Em segundo lugar, quero dizer da minha alegria de estar nas páginas deste livro, fazendo parte, como membro fundador, de um seleto grupo de homens de letras, entre os quais, me sinto o mais humilde, mas também, me considero o mais orgulhoso por ter, em minhas mãos, o veículo capaz de divulgar as obras, não apenas dos integrantes desta Academia, mas de todos aqueles que se dedicam às diferentes artes, nesta nossa tão querida Nova Iguaçu.

Obrigado meus amigos, pelo que sou.

OS FUNDADORES



30

No primeiro plano da esquerda para a direita: Antônio Bellot de Souza, Horácio de Almeida, Murillo de Seuza Araújo, Manoel de Souza, Anazildo Ribeiro.

No segundo plano: Martinho José Tavares, Hugo Silva, Alfredo de Moraes, Latour Arueira, Ruy Afrânio Peixoto.

No terceiro plano: Arthur Barroco, Godofredo Tinoco, Raimundo Linhares de Araujo, Valcir Almeida e José Carlos Peixoto.

ÍNDICE

| | Página |
|--|--------|
| Os prenúncios | 5 |
| Surge uma academia | 7 |
| Extrato dos estatutos | 8 |
| Fundação | 9 |
| A instalação | 18 |
| Reuniões — Sessões — Atas | 20 |
| Resumo de atividades | 38 |
| Diretoria | 43 |
| Quadro de patronos | 44 |
| Quadro dos acadêmicos | 45 |
| Academia de Letras dos Estados do Brasil | 49 |
| O Patrono da Academia | 51 |

GALERIA ACADÊMICA

| | |
|---------------------------------------|-----|
| Alcy Ribeiro Souto Maior | 55 |
| Alfredo de Moraes | 61 |
| Alice de Oliveira | 67 |
| Antônio Bellot de Souza | 75 |
| Éder Rodrigues | 85 |
| Ery Noely Martuscello | 89 |
| Eurysthenes de Almeida | 93 |
| Hugo Silva | 97 |
| Jayme de Orlando Canaan | 119 |
| João Procópio Ferreira | 123 |
| Latour Arueira | 127 |
| Martinho José Tavares | 133 |
| Murillo de Souza Araujo | 139 |
| Raimundo Araujo | 147 |
| Raimundo Linhares de Araujo | 157 |
| Ruy Afrânio Peixoto | 165 |
| Walter Faria Pacheco | 177 |
| Valcir Almeida | 185 |

GRÁFICA e EDITORA JORNAL DE HOJE LTDA
Rua Kennedy, 101-111 — Tel.: 767-0128
Nova Iguaçu — Rio de Janeiro.

GRÁFICA e EDITORA JORNAL DE HOJE LTDA
Rua Kennedy, 101-111 — Tel.: 767-0128
Nova Iguaçu — Rio de Janeiro